

Nara Rubia Martins

**DIMENSÕES E ESTRATÉGIAS DA MITOLOGIA
URBANA: UMA INTEPRETAÇÃO HISTÓRICA DEVOÇÃO
À MARIA PEREGRINA EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS-SP
(1930-1970)**

**Universidade do Vale do Paraíba
São José dos Campos – 2011**

Universidade do Vale do Paraíba
Faculdade de Educação e Artes

Curso de História
Da Faculdade de Educação e Artes

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

2011

“Dimensões e estratégias da mitologia urbana: uma interpretação histórica da
devoção à Maria Peregrina em São José dos Campos-SP (1930-1970)”

Aluno: Nara Rubia Martins

Orientadora: Profª Drª Valéria Zanetti

Banca Examinadora:

Profª Drª Valéria Zanetti

Profª Drª Maria Aparecida Ribeiro Chaves Papali

Prof. Dr. Paulo Romano Reschilian

Nota do Trabalho: (.....)

São José dos Campos – SP

Nara Rubia Martins

**DIMENSÕES E ESTRATÉGIAS DA MITOLOGIA
URBANA: UMA INTEPRETAÇÃO HISTÓRICA DEVOÇÃO
À MARIA PEREGRINA EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS -
SP (1930-1970)**

Relatório Final apresentado como parte das exigências da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso à Banca Examinadora da Faculdade de Educação e Artes da Universidade do Vale do Paraíba sob orientação da Profª Drª Valéria Zanetti.

São José dos Campos

2011

Dedicatória

*Aos meus pais, que me deram a vida e me contavam histórias...
E aos que entraram em minha vida e mudaram a minha História.*

Agradecimentos

Agradeço, antes de qualquer coisa, a Deus: pelos caminhos que me ajudou a percorrer, pelos obstáculos que me permitiu transpor e até pelas dificuldades, pois foram elas que me ajudaram a construir a pessoa que sou hoje.

Agradeço a minha família pelo exemplo e carinho que sempre me dedicaram. Obrigada mamãe, por sempre me esperar com o jantar quentinho quando eu chegava cansada e estressada depois de um dia inteiro de trabalho. Obrigada papai, por me ajudar de todas as formas possíveis para que eu conseguisse alcançar meus objetivos. Obrigada as minhas irmãs, Ingrid e Geisa, por sempre estarem ao meu lado: Não sou nada sem vocês!

Agradeço também aos colegas da Escola EMAK, pela amizade e confiança que sempre depositaram em mim e no meu trabalho. Agradeço especialmente aos meus alunos, dos bebês da Educação Infantil aos adolescentes do Fundamental II: vocês com suas brincadeiras, sorrisos e bagunças são a fonte inesgotável de esperança que faz persistir e acreditar num futuro melhor. Amo-os verdadeiramente.

Meus agradecimentos são também dirigidos a duas mulheres muito especiais: Maria Ap^a Papali e a Valéria Zanetti. Meninas, vocês são um exemplo para mim! Obrigada pela confiança que me dedicaram desde o primeiro momento. Obrigada também pelo apoio, pelos conselhos, pelas caronas, pelos lanchinhos, pelas brincadeiras e até pelos puxões de orelha. Espero, com a ajuda de vocês, ter me tornado uma Historiadora com “H” maiúsculo...

Agradeço aos amigos da Equipe Pró-Memória 2009 e 2010, pelo apoio, amizade e pelas inúmeras risadas que me proporcionaram: nunca irei esquecer-los. Agradeço de forma muito especial à Juliana Eliza, um anjinho que Deus pôs no meu caminho, numa época em que as coisas pareceram ficar difíceis demais. Juju, pessoas como você me fazem entender o significado da frase “*amigo é coisa pra se guardar do lado esquerdo do peito*”. Agradeço também à Suele França e ao Carlinhos Quadro: vocês têm um espaço reservado no meu coração.

Agradeço àqueles que me auxiliaram durante a elaboração do TCC: João Batista, Rogério, Diovane, David, Paulo da FCCR e tantos outros, que de livre e espontânea vontade indicaram fontes e depoentes para minhas pesquisas: sou eternamente grata.

Obrigada também aos meus depoentes, sem os quais esta pesquisa não seria possível. E àqueles que de formas diferentes contribuíram com ideias para este trabalho: Tatiane Teófilo, Solange Vieira, Hugo Ricardo Soares, Toni Braga, Profª Maria José Acedo, Prof. Paulo Romano e tantos outros...

Agradeço aos meus colegas de sala, que tanto me apoiaram no decorrer destes quatro anos, especialmente à Dicéia Faria e à Tati Maria, amigas que estarão para sempre em minhas orações. Sou, também, eternamente grata aqueles que tiveram os ombros e ouvidos disponíveis para minhas histórias e reclamações e tantas vezes me acompanharam naquelas famosas saídas depois da aula (e durante também), para jogar conversa fora: sem vocês, talvez, os problemas do dia-a-dia não me parecessem tão simples de resolver.

Agradeço, de forma muito especial, a um amigo que, entre conversas e discussões (e provavelmente sem se dar conta), me ajudou a compreender o verdadeiro sentido da palavra “Maturidade”: João Lucas Guizalberte. Obrigada *Companheiro*, pelo carinho, e por me provar que a vida, às vezes, encontra formas malucas para nos transformar em pessoas melhores.

Por fim, agradeço aos professores, que ao longo da minha vida, me ensinaram, inspiraram e contribuíram para que eu escolhesse a História como carreira: Professora Sônia Brandão, Professor Maurício Chiga, Professor Valmir Parra Egea e Professora Gislene (de quem eu nunca soube o sobrenome).

Ademais, sou grata a todos aqueles que passaram pelo meu caminho, e deixaram marcas indeléveis na minha história. Sou hoje, posso dizer seguramente, resultado daquilo que cada um de vocês significou em minha vida. Obrigada!

Nara Rubia Martins

*“Há muitos anos em São José dos Campos aparecia,
Uma senhora negra que ninguém conhecia
Era uma pobre peregrina que este mundo percorria
Trazendo em sua bagagem uma miséria sem quantia*

*No bairro do Jaguari ela fez sua moradia
Numa capelinha velha que lá na estrada existia.
E todas as manhãs, pela cidade saía.
Pedindo de porta em porta, o seu pão de cada dia.*

*Passaram-se alguns meses, a tal capela caía
Deixando a pobre mulher sem saber para onde ia.
E assim desabrigada, ela então se decidia
Morar embaixo das árvores, enfrentar as noites frias*

*E naquela redondeza, ela sempre escolhia
Aquelas árvores maiores, que melhor lhe protegia
E os seus trapos velhos, sobre o chão estendia
E ali passava a noite, não sei como ela dormia.*

*Podia estar chovendo, com pedras e ventania
Que ela não se arredava, do lugar nunca corria
E as noites de geadas, ela também resistia
Causando até sofrimento nas pessoas que a viam*

*E assim ela foi vivendo, dezoito anos resistia
Com aquela vida penosa que somente Deus sabia.
Mas um dia de tardinha, depois que o sol se escondia.
Ela vinha da cidade, morta na estrada caía.*

*Terminou sua penitência, sua triste tirania
Daquela vida penosa para sempre se despedia.
Não teve choro e nem velas, só comentários se ouvia
Todo o povo ali falava da morte da tal Maria.*

*Acabou-se a peregrina, a mulher que mais sofria.
Sua alma foi para o céu, teve o lugar que merecia.
E está fazendo milagres, o povo nela confia.
Seu túmulo está rodeado, de flores e velas, todos os dias”*

. Verso popular escrito pelo artesão joseense Benedito José de Melo, em 1992

*“O homem contemporâneo não é essa granítica individualidade que se move no ar,
sem sustentação, com uma noção de vazio na alma? Não corremos atrás de nossa
Identidade como pessoa, cidadão, cultura e nação?*

Não era tudo isso a Maria do Saco?”

(Luís Alberto de Abreu)

Resumo

Na Zona Norte de São José dos Campos uma mendiga, falecida a pouco menos de 50 anos, e conhecida como *Maria Peregrina*, é considerada santa pela comunidade local. A moradora de rua, que entre as décadas de 1940 e 1960 perambulou pelas cercanias dos (atuais) bairros de Santana, Vila Dirce, Vila Sinhá, Jardim Guimarães, Jardim Telespark e Altos da Ponte, tornou-se, após sua morte em 1964, alvo de uma série de manifestações religiosas populares.

Contudo, sua canonização permanece vetada pela Igreja Católica por conta da inexistência de dados verossímeis acerca de sua vida e origem. A falta de informações históricas confiáveis, embora inviabilize o processo formal de canonização, será aqui entendida não como empecilho ao desenvolvimento do culto, mas como elemento que tornou um indivíduo histórico capaz de se adequar às realidades e concepções dos diferentes grupos existentes num mesmo espaço histórico e geográfico.

Procuramos compreender o processo de construção do mito Maria Peregrina, entendendo-a como ícone heróico da comunidade que o criou. Nossa proposta é pensar como a construção do mito se articula em função do contexto histórico, vivenciado pelos moradores do município de São José dos Campos, durante as décadas de 1960 e 1970; e como tal construção se calca nas prerrogativas culturais da comunidade de Santana e como se vale da falta documental para ampliar seus territórios possíveis.

Palavras-chave: Industrialização, Mito, Maria Peregrina, Religiosidade Popular, Santana, São José dos Campos.

Índice de Figuras

<i>Figura 1: Placa de identificação do Cemitério Municipal Maria Peregrina, 2009.</i>	9
<i>Figura 2: Lápide de Maria Peregrina, Cemitério de Santana, 2011.</i>	10
<i>Figura 3: Regiões geográficas do Município de São José dos Campos (destaque para a Região Norte, em laranja)</i>	10
<i>Figura 4: Os bairros da Região Norte</i>	11
<i>Figura 5: Fachada da Escola Estadual Ilza Irma Moeller Cóppio, localizada no Jardim Guimarães, muito próxima ao local onde Maria Peregrina morou por anos (Sítio do Sr. Elizário Guimarães)</i>	14
<i>Figura 6: Maria Peregrina por artista joseense, 2009.</i>	23
<i>Figura 7: Jornal O Estado de São Paulo, 2002 sobre a peça “Maria Peregrina”</i>	25
<i>Figura 8: Ponte Maria Peregrina, que liga Santana ao Jardim Telespark</i>	27
<i>Figura 9: Vista da Tecelagem Parahyba, 1930</i>	35
<i>Figura 10: Divisão da cidade por Zonas, 1930 (destaque para a Zona Industrial, em cor-de-rosa)</i>	36
<i>Figura 11: Matriz de Sant’Anna (s/d)</i>	45
<i>Figura 12: Festa Religiosa em Santana (s/d)</i>	47
<i>Figura 13: Procissão em Homenagem à visita da Imagem de Nossa Senhora de Fátima á Matriz de Sant’ Anna, 1953</i>	48
<i>Figura 14: Fotocópia do Ato que determinou a divisão do espaço urbano em Zona Comercial, Industrial, Residencial e Sanatorial,1932.</i>	50
<i>Figura 15: - A fábrica de louças Santo Eugênio, após a inauguração.</i>	51
<i>Figura 16: Operários da Tecelagem Parahyba reunidos em frente à fábrica, em 1923</i>	52
<i>Figura 17: Primeiras instalações da Cerâmica Paulo Becker</i>	52
<i>Figura 18: Vista interna do cemitério Maria Peregrina, 2011</i>	60
<i>Figura 19: Mons. Luiz Gonzaga Alves Cavalheiro</i>	64
<i>Figura 20: Túmulo de Maria Peregrina, 2011</i>	67
<i>Figura 21: Túmulo de Maria Peregrina, 2011</i>	68

Sumário

INTRODUÇÃO	1
a) Dos objetivos	1
b) Do (s) objeto(s)	2
c) Dos tempos históricos, da cultura local e das representações sociais	2
d) Das fontes	3
e) Da pesquisa	4
f) Da relevância	5
g) Das discussões	6
CAPÍTULO I	
A Santa e a Mendiga: as múltiplas faces do sujeito histórico.....	9
1.1- Mito e Sujeito	12
1.1.2- Maria Peregrina, por Benedito de Melo	15
1.2- Mito e Representação	21
1.3- Da morte ao Mito	24
CAPÍTULO II	
Santana, 1930-1950: Espaço, contexto e sujeitos sociais	29
2.1- O Espaço: o bairro de Santana	32
2.2- Sujeitos e Espaço: uma contextualização.....	34
2.3- Década de 1970: Cidade, Bairro e Identidade	39
CAPÍTULO III	
Espaço e Representação	42
3.1- Santana e a Igreja Católica	45
3.2- Santana, as Indústrias e a Cidade.....	48
3.3- Representação, Mito e Identidade.....	54

CAPÍTULO IV

O surgimento do Mito	56
4.1- Os elementos de sintonia	59
4.2- A canonização popular e os “inelegíveis”	61
4.3- Santos populares: territorialidade e familiaridade	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS.....	72
FONTES.....	76
ANEXOS	77

Introdução

a) Dos objetivos

O objetivo deste trabalho é discutir o processo histórico da construção de um mito na cidade de São José dos Campos, buscando compreender os elementos históricos e culturais que determinaram tal processo. Para tanto, debruçamo-nos sobre uma figura oriunda tradição oral local que possui, a nosso ver, elementos que nos permitem classificá-la como um mito urbano, geográfica e historicamente condicionado: Maria Peregrina.

É importante ressaltar, que não se propõe aqui a formulação de uma hipótese universal sobre a construção dos mitos. Nossa pesquisa é um estudo de caso, feito com base em fontes memorialísticas locais (livros, relatos orais, matérias jornalísticas), acerca da Mendiga Maria Peregrina (1946-1964), a fim de compreender como alguém, cuja biografia carece de fontes histórias confiáveis, tornou-se um mito, e quais são os possíveis condicionantes desse fenômeno.

Busca-se ainda, discutir as mutações que a biografia de Maria Peregrina sofreu ao longo dos anos, em função da impossibilidade de comprovação histórica e do próprio processo da oralidade. Não pretendemos determinar a veracidade histórica dos relatos, mas compreender como e porque a biografia desta mulher incorporou, em pouco mais de quarenta anos, nuances mítico-religiosos, cujos sentidos estão ligados ao contexto histórico e aos sujeitos sociais que interagem no espaço em questão.

Propomo-nos a refletir sobre como e por que, uma mulher comum, como Maria Peregrina tornou-se, após sua morte, socialmente relevante para determinada comunidade, sem ter jamais realizado quaisquer ações que o justificassem. Nosso objetivo é fornecer uma interpretação historicamente embasada para tal fenômeno.

Compreendemos que esta devoção não surge aleatoriamente: ela é produto de uma transformação no espaço urbano e no contexto histórico, que age sobre os sujeitos sociais, por excelência, agentes da História e produtores de cultura.

Sendo assim, busca-se entender a urbanização joseense pós-1950 e as movimentações provenientes deste processo, como fomentadores de transformações sócio-históricas capazes de agir sobre a percepção de mundo e sobre a concepção de Identidade de um núcleo social, dando origem um panorama, adequado ao florescimento da devoção.

b) Do(s) Objeto(s)

Propõe-se pensar Maria Peregrina a “pessoa” existente por trás do mito que congregou diversas representações, oriundas da comunidade na qual se inseriu, e como o contexto histórico local das décadas de 1950 a 1970 viabilizou tal processo. Assim, nosso objeto de estudo não se limita à mitificação de “Maria Peregrina”, mas busca também entender o sentido foi dado ao mito pelos sujeitos sociais.

Consideramos que não é possível entender o significado da devoção a Peregrina como elemento aglutinador¹ e produtor de sentidos em sua comunidade, se não levarmos em conta a realidade deste espaço social e dos sujeitos que nele interagem.

c) Dos tempos históricos, da cultura local e das representações sociais

Uma colocação importante, no entanto, precisa ser feita antes de se discutir o tempo histórico no qual nosso personagem se situa. Existem em nosso objeto duas figuras que se sobrepõe no tempo: uma figura histórica que pode ser definida como a “Andarilha que habitou a região norte da cidade entre 1946 e 1964”, e outra construída *post mortem*, que é essencialmente diferente da primeira, pois incorpora uma extensa gama de representações sociais, em sua maioria, oriundas da cultura católica e tradicionalista preponderantes na região.

Não podemos, desta forma, entender a “Peregrina” presente nos relatos memorialísticos, elaborados após 1964, como uma imagem fiel do

¹ Fala-se em “elemento aglutinador” de uma comunidade, de acordo com a perspectiva de Certeau em *A escrita da História*, no qual trabalha o mito como solução simbólica encontrada por núcleos sociais que se percebem na menção de uma dispersão (CERTEAU, 1982: 269)

sujeito histórico real. Ressalta-se a importância de uma visão crítica sobre estes relatos a fim de perceber elementos da cultura e visão de mundo daqueles que os construíram.

Como já foi colocado anteriormente, não queremos descobrir a verdadeira história de Maria Peregrina, nosso interesse está nas representações sociais que se manifestam nesses relatos criados após sua morte.

d) Das fontes

A falta de dados históricos confiáveis pareceu-nos, num primeiro momento, empecilho ao desenvolvimento da pesquisa. Contudo, com o avanço da pesquisa, a fragilidade documental revelou-se como componente motivador da investigação histórica. Trabalhamos aqui, não apenas com fontes, mas com o silêncio destas fontes.

O sujeito histórico em questão é uma moradora de rua sem registros ou documentações que comprovem suas origens. Embora tenha vivido por quase duas décadas em meio a uma comunidade, jamais foi possível descobrir informações condizentes sobre ela.

Excêntrica ao seu modo, considerada maluca por alguns, assustadora para outros, indiferentes para outros tantos, Maria Peregrina, em vida, jamais despertou pesquisadores dispostos a investigar suas origens. Nem mesmo os historiadores se interessaram, ao longo dos anos, em buscar fontes históricas que demonstrassem a congruência entre os relatos populares e a história real.

A nós, também não interessam tais comprovações. Nosso foco é a análise do processo de construção dos relatos memorialísticos, elaborados pós-1964, e o motivo pelo qual a comprovação de sua verossimilidão não foi, em momento algum, objeto de interesse daqueles que a mitificaram.

Maria Peregrina, independentemente de ser objeto de devoção, é aqui entendida, como sujeito histórico que dá forma ao mito; refletindo traços da identidade da comunidade de Santana e sua ação no espaço da cidade de São José dos Campos e no contexto histórico das décadas de 1960 a 1970.

De fato, a compreensão da dinâmica envolvida na construção de um mito nos permite perceber elementos fundamentais da sociedade que a

idealizou e da realidade social, política e principalmente econômica vivenciada por esses sujeitos. A existência de facetas religiosas, no mito, surge aqui em função do arcabouço histórico-cultural da comunidade que a originou.

Desta forma, buscamos entender a religiosidade, como expressão cultural que, inexoravelmente, dialoga com a realidade histórica, herdando seu aparato simbólico; e revelando características desta comunidade. Maria Peregrina, tenha sido ou não como as “histórias” contam, revela os anseios e dúvidas de uma sociedade em conflito com suas próprias mudanças. Entendemos assim o processo de construção do “mito”, como uma das respostas da comunidade às demandas do contexto histórico.

e) Da pesquisa

A escolha do tema a ser trabalhado ocorreu por ocasião do eventual contato com o livro *Padre Cícero: Sociologia de um Padre, Antropologia de um Santo*², do Prof. Dr. Antônio Mendes da Costa Braga; no qual o autor analisa o fenômeno da devoção ao Padre Cícero, em Juazeiro do Norte - CE, confrontando os conceitos histórico-biográficos do “homem Padre Cícero”, com as representações devocionais sobre o “Santo Padre Cícero”.

Braga, em sua obra, discute também a coexistência do culto a um santo não-canônico com práticas oficializadas pela Igreja. Surgiu assim, a ideia de transferir tal discussão para São José dos Campos, analisando a ocorrência de devoções a santos *não-oficiais* na cidade.

A primeira etapa deste estudo (2009), feita em parceria com o supracitado autor pretendeu, portanto, responder duas indagações centrais sobre a origem e a dinâmica destas devoções: Quais são os pressupostos que norteiam o surgimento do culto a determinado indivíduo e quais variáveis corroboram para a disseminação desta devoção?

A pesquisa bibliográfica, feita em função desta pesquisa inicial, revelou a existência de uma gama variada de santos populares na cidade, a saber: o

² BRAGA, Antônio Mendes da Costa. *Padre Cícero: Sociologia de um Padre, Antropologia de um Santo*. 1. ed. Bauru: EDUSC, s008. v. 1000. 366 p.

Padre Rodolfo Komorék, Madre Maria Teresa de Jesus Eucarístico, Maria Peregrina e o *Desconhecido*.

Em posse dessas informações, nosso interesse se voltou para o caso específico da Santa Mendiga Maria Peregrina, cuja história de vida não é historicamente válida e por este motivo a santidade oficial vetada.³ Ao contrário daqueles em processo de canonização, esta personagem não é considerada pela Igreja, sem que isto afete, aos olhos do devoto sua ação milagrosa. Maria Peregrina tornou-se então o objeto de estudo que nos ajudaria a compreender o processo de construção social de um santo, bem como os elementos que interferem, positiva ou negativamente, neste processo.

Contudo, percebemos no decorrer da pesquisa, que a maioria das produções acadêmicas sobre as devoções populares limitavam-se a analisar as práticas rituais e compreender o sujeito histórico contido no Santo através da ótica do devoto.

Nossa proposta passou a ser pensar Maria Peregrina não (apenas) como santa, mas enxergar na construção da devoção, a construção de um mito com motivações e funções sociais determinadas.

Para tanto, nosso estudo se utilizou, basicamente, de relatos escritos por memorialistas. Buscamos, por intermédio deles, perceber as representações subjacentes, bem como a dinâmica das variações desta história. Depoimentos orais, concedidos por pessoas que conheceram Maria Peregrina em vida, enriqueceram nossa discussão.

As informações obtidas mediante entrevistas e análise dos relatos foram cruzadas com aquelas contidas em jornais de publicação local, como o *Vale Paraibano*, *Correio Joseense*, *A Folha Esportiva*, a fim de ampliar a gama de “versões” existentes desta história. Por fim, publicações de cunho científico sobre o assunto deram maior suporte à pesquisa.

f) Da relevância

³ Tal pesquisa resultou, em 2009, na publicação do artigo: MARTINS, Nara; BRAGA, Antônio. *Entre o mito e a fé: A devoção à Maria Peregrina em São José dos Campos*. Anais do XIII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica- Inic. São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2009.

A relevância acadêmica deste estudo insere-se numa proposta de interdisciplinaridade, baseada no diálogo entre a História e as diferentes áreas do conhecimento.

De fato, o Espaço Urbano e todos os desdobramentos que este conceito implica, tornam-se extremamente significativo à História na medida em que se busca articulá-lo com o contexto e com a ação dos sujeitos sociais no espaço. Propomos desta forma, um debate interdisciplinar cujo cerne está no campo da Historiografia denominado História das Representações; mas que se vale, contudo, de uma articulação com a Geografia Urbana.

Do mesmo modo, busca-se discutir a relação entre História e Cultura, evidenciando as práticas culturais como atividades sociais inseridas na História, e não como manifestações isoladas. Procura-se relacionar os eventos políticos, econômicos e sociais com produção de práticas e objetos culturais, sem desmerecer quaisquer destes elementos. Sendo a História Cultural um campo de pesquisa em franca expansão, nosso estudo insere-se numa discussão premente.

Este trabalho pretende, também, contribuir para o estudo da História Regional de São José dos Campos. Buscando não apenas inventariar eventos históricos da região, e sim mensurar impacto destes no cotidiano do cidadão comum.

Por fim, ao escolher como fonte depoimentos orais e relatos memorialísticos, pretendemos nos integrar a um campo da Historiografia de múltiplas possibilidades: A História Oral e a Memória. Reconhecemos a importância desta natureza de fonte e objetivamos contribuir para o desenvolvimento da área.

g) Das discussões

Nossa pesquisa organiza-se em quatro capítulos. No capítulo I, “**A Santa e a Mendiga: as múltiplas faces de um sujeito histórico**”, discute-se Maria Peregrina enquanto sujeito histórico, procurando reunir os escassos dados conhecidos de sua biografia, com base em memorialistas locais. Propõe-se refletir sobre como a falta de informações históricas possibilitou, ao longo dos anos, o surgimento de diferentes versões para a narrativa. Trabalhamos

nesse capítulo com Jornais locais como “O Vale”, “Vale Paraibano” e “O estado de São Paulo”. Utilizamos também depoimentos orais recolhidos e transcritos especificamente para essa pesquisa, além da obra memorialística de Benedito José Batista de Melo, único livro publicado exclusivamente sobre o assunto (de que tomamos conhecimento).

No segundo capítulo, **“Santana, 1930-1950: O Espaço, o contexto e os sujeitos sociais”** buscamos compreender o espaço social no qual o mito se desenvolve: o bairro de Santana, na Zona Norte de São José dos Campos. Trabalhamos com a noção de bairro de Lynch, que expande esta definição para além das fronteiras geográficas definidas pela edilidade. Busca-se da mesma forma, relacionar ao espaço os sujeitos em ação e o contexto histórico do período compreendido entre décadas de 1950 e 1970.

Discute-se, também, os conceitos de Memória Social (com base em Halbwahcs e Pollak), Identidade (Thomson), e construção discursiva da Identidade urbana (Pechman). Procura-se, por intermédio dessas definições, compreender o sentido das modificações sofridas pelas narrativas sobre Maria Peregrina ao longo dos anos. Da mesma forma, pensa-se o modo como essas narrativas incorporaram imagens e representações constitutivas do Imaginário Social de Santana.

Trabalhamos, também, com a relação entre “identidade da cidade” e “identidade de bairro”, cientes das mudanças e permanências que essas noções sofreram na dinâmica do processo histórico (de fins do século XIX ao início do XXI).

O Capítulo III, **“Espaço e Representação”**, envereda pelo campo da cultura, buscando analisar alguns elementos componentes do Imaginário Social do bairro, entre as décadas de 1930 à 1950. Discute-se, tendo por base a definição de imaginário dada por La Platine, o modo como esse imaginário se manifesta na construção mítica da Peregrina. Nossa análise se vale, também, das teorias de Bourdieu e Chartier sobre práticas, objetos e apropriações culturais, com a finalidade de compreender as relações estabelecidas e recriadas entre “bairro e cidade”, “bairro e Igreja” e “bairro e indústria”, na primeira metade do século XX.

No Capítulo IV, “**O surgimento do mito**”, buscamos compreender Maria Peregrina como uma construção mítica que se utiliza de elementos provenientes do Imaginário Social do bairro, para definir suas possibilidades. Com base em Lefebvre, entendemos nosso objeto como um mito urbano cuja significância para a comunidade de Santana está em sua aptidão para responder a questões e conflitos desta sociedade, ocasionadas pelas mudanças no Espaço Urbano e nas funções econômicas e sociais do bairro pós-1950.

Propõe-se pensar o contexto histórico pós-1950, e as demandas que gerou, como motivador da produção mítica, baseados na teoria de Certeau sobre a produção de hagiografias populares, no âmbito de eventos históricos e sociais que impliquem em dispersão e desestruturação de uma comunidade. Discute-se também o motivo pelo qual Maria Peregrina, dentre outros personagens, foi escolhida para se tornar um mito, ressaltando a importância da carência documental e sua coerência com princípios socialmente valorizados.

Por fim, analisamos a relação entre as práticas religiosas populares e a Igreja oficial, com base no conceito de tradição de Hervieu-Léger, e nas colocações de Certeau sobre *Estratégias* e táticas produtoras de sentido, na dinâmica das *‘formas populares’ da cultura*.

CAPÍTULO I

A Santa e a Mendiga: as múltiplas faces de um sujeito histórico

*“Aquele mulher, como qualquer um de nós,
sabia muito pouco sobre si mesma.”*
(Abreu, Luís Alberto. *Maria Peregrina*, 2000)

Quem visita o Cemitério Municipal do Bairro de Santana, na região Norte de São José dos Campos - SP, provavelmente se surpreenderá ao ser informado que o nome estampado no pórtico de entrada encontra-se também gravado em um túmulo modesto, no qual, em 1964, enterrou-se uma indigente.



Figura 1: Placa de identificação do Cemitério Municipal Maria Peregrina, 2009.
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Sob uma lápide enegrecida pelo tempo, descansa a patrona do Campo Santo; uma mulher da qual não se conhece o nome real, a origem ou a história de vida, mas cuja fama se estende por toda a região.

Maria Peregrina, Maria Andarilha, Nhá Maria ou ainda “*Nêga-do-Saco*” foi, segundo a tradição oral local, uma mendiga que viveu no Bairro de Santana, entre 1946 e 1964.



Figura 2: Lápide de Maria Peregrina, Cemitério de Santana, 2011.
Fonte: Arquivo pessoal da autora

A moradora de rua perambulou, por cerca de duas décadas, pelas cercanias dos bairros de Santana, Vila Dirce, Vila Sinhá, Jardim Guimarães e Jardim Telespark e, tornou-se, após sua morte, em 1964, alvo de variadas manifestações religiosas populares. Sem prova documental de sua origem, tudo o que se sabe a seu respeito é fruto das tradições orais, carregadas do romantismo de um povo que, após sua morte, lhe atribuiu o título de Santa.

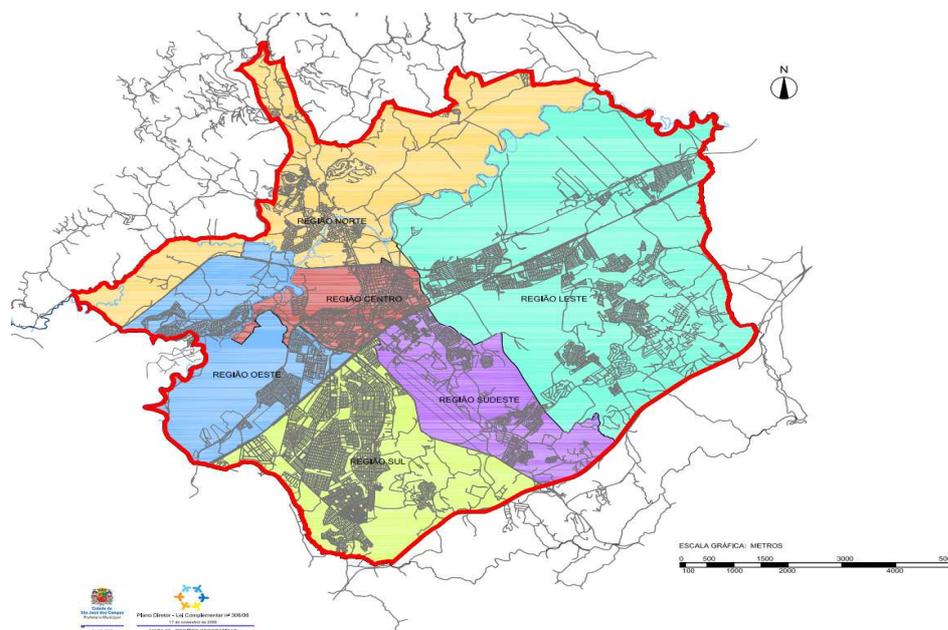


Figura 3: Regiões geográficas do Município de São José dos Campos (destaque para a Região Norte, em laranja)
Fonte: Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado, 2006.



Figura 4: Os bairros da Região Norte

Fonte: Site da Prefeitura Municipal de São José dos Campos

Busca-se nesse estudo, entender a devoção dos moradores da região Norte da cidade à mendiga “Peregrina”, pensando sua mitificação a partir da realidade histórico-cultural de uma comunidade que passou por profundas transformações e que encontrou, na figura da anônima Maria Peregrina, uma forma de identificação e valorização do passado. Propõe-se, também, analisar as diferentes narrativas populares existentes sobre sua vida e trajetória, de modo a compreender as representações subjacentes.

É conveniente, porém, ressaltar que o termo “popular” não tem para nós qualquer conotação pejorativa. Nosso entendimento está baseado na percepção do popular, como conjunto de práticas dotadas de valores e sentidos específicos, que se relaciona a um sistema social. De acordo com Chartier, compreendemos o popular como um “qualificador de um sistema de relações sociais intimamente ligados à ação cotidiana, remetendo-se aos seus respectivos produtores, relacionando-os ao seu tempo social e espaço social” (CHARTIER Apud LOPES, 2008:233)

Antes, porém, de empreender discussões mais profundas, busquemos entender quem foi o sujeito histórico “Nhá Maria”, a partir do qual se originou o mito “Maria Peregrina”.

1.1. Mito e Sujeito

Entre as décadas de 1940 e 1960, a andarilha de nome Maria era vista diariamente vagando pelos bairros da pela região Norte de São José dos Campos. Apesar de ter vivido tantos anos na região, os moradores do local jamais obtiveram informações relevantes sobre sua origem. Conta-se, que ela nunca expôs a ninguém sua história de vida e que andava pelas ruas com um saco de estopa nas costas, pedindo comida, e à noite dormia sob a proteção de uma árvore.

A escritora Christina Hernandes, nascida e criada no Bairro de Santana na década de 1960, nos revelou em uma entrevista os poucos fatos conhecidos sobre Nhá Maria:

era uma mulher assim, lógico, eu era criança, claro que eu morria de medo dela, evidentemente [...] Ela nunca andava mal vestida, nunca [...] raramente eu a via descalça. E com roupas simples, lógico, mas eu nunca vi ela assim, suja, e etc... E ela andava com as coisas dela, os pertences né? [...] algumas crianças chamavam ela de Maria do Saco, e tal. E a criançada morria de medo dela é lógico, até porque as mães faziam um terrorismo miserável em cima disso, sabe como é que é? (HERNANDÉS, 2010)

E completa:

Maria Peregrina era uma negra, forte, gordinha [...] não me lembro se ela era muito alta, mas acho que não [...] viveu muitos anos lá na estação. Como eu era criança, a sensação que a gente tinha de que ela não ia morrer nunca. Porque toda vez que a gente via ela. Até que uma época ela sumiu, desapareceu. Não me lembro com que idade eu estava, e ela desapareceu (Idem)

De acordo com Hernades, por causa da localização da Estrada de Ferro Central do Brasil, inaugurada em 1877, que ligava o Rio de Janeiro à São Paulo, era comum na região um intenso fluxo de pessoas vindas de outros lugares do Brasil. Desta forma, a presença de Nhá Maria demorou a ser sentida pelos habitantes locais:

[...] Passavam sim, muitas pessoas, mas eram pessoas que vinham de fora, principalmente de Minas [...] Por algum motivo, sei lá, não se adaptava e ia embora, voltava pra Minas e tal. Mas de morar na rua eu não me lembro disso nessa época [...] Mas na minha lembrança não se tinha, não se via morador de rua, não se via [...] tanto que Maria Peregrina tornou-se uma pessoa de destaque e hoje tão cultuada porque ela era uma raridade, pra época (Ibidem)

Vinda, não se sabe de onde, “Nhá Maria” (como passou a ser chamada pelos moradores), fixa-se inicialmente na antiga estrada do Jaguari, no bairro Alto da Ponte, numa pequena construção destinada a abrigar uma Santa Cruz⁴, de acordo com os relatos do memorialista Benedito José de Melo:

Com o tempo, porém, muda-se passando a viver embaixo de uma árvore num terreno pertencente a família Veneziani. Da fazenda Veneziani, muda-se para a antiga Fazenda Boa Vista (atuais bairros de Telespark e Altos de Santana) e por fim fixa-se no sítio do Sr. Elizário Guimarães (atual Jardim Guimarães) (MELO, 1994: 28)



Figura 5: Fachada da Escola Estadual Ilza Irma Moeller Cóprio, localizada no Jardim Guimarães, muito próxima ao local onde Maria Peregrina morou por anos (Sítio do Sr. Elizário Guimarães)

Fonte: <http://escolailzairma.blogspot.com/2009/10/nossa-escola.html>

Essa negra, cuja origem apenas especula-se, viveu na região por aproximadamente 20 anos (de 1946 até 1964). Faleceu, por volta das 19:00 horas do dia 10 de fevereiro de 1964, segundo informações de memorialistas (MELO, 1994: 49). Os jornais da cidade nada noticiaram e apenas algumas

⁴ Santa Cruz: São pequenas construções de caráter religioso, geralmente criadas para marcar o local onde ocorreu uma morte. Estas construções, comuns em regiões rurais, variam em tamanho: desde pequenas capelas, até um ponto marcado por uma cruz, reservado para que as pessoas depositem velas, flores, imagens e façam suas orações pelo defunto.

pessoas da região sentiram sua morte. Conta-se que um grupo mulheres da comunidade a vestiram e enterraram dignamente, num pequeno túmulo, sem identificação.

Contudo, a história de Nhá Maria, não se encerra aqui. Anos depois de sua morte, uma série de representações sociais passa a ser incorporada à escassa biografia desta mulher e novos sentidos começam a ser percebidos pela comunidade local. Essas novas interpretações, relacionadas à participação dos agentes sociais num panorama histórico, político, econômico, social e cultural específico, começam a ganhar espaço principalmente, após a década de 1970, adquirindo força e significado suficientes para perdurarem até os dias atuais.

1.1.2. Maria Peregrina, por Benedito de Melo

Embora os subsídios disponíveis para criação de uma biografia da Peregrina não vão muito além do relatado por Hernandez, ao longo das décadas, alguns memorialistas se aventuraram a reunir dados escassos e discordantes numa tentativa de reconstruir sua história.

Um destes memorialistas é o artesão Bendito José Batista de Melo, morador de Santana desde a década de 1950, e filho de um encarregado da fazenda Boa Vista, que publicou, em 1992, pela Fundação Cultural Cassiano Ricardo, o único livro, de que tomamos ciência, dedicado inteiramente à Mendiga, intitulado *Maria Peregrina*.

O livro reúne uma série de lembranças da época em que o autor conviveu com Nhá Maria. E embora traga dados interessantes, não podemos nos esquecer de seu caráter memorialista e edificante, ou seja, trata-se de uma obra que pretende enaltecer as qualidades de Nhá Maria enquanto santa e milagreira. O próprio autor deixa claro seu posicionamento:

Na minha opinião, Maria Peregrina está acima do plano humano, está no plano de Deus. Se tivesse sido feita uma montagem para exploração da devoção para com sua alma seria obra humana, mas isso não aconteceu, essa devoção nasceu de forma

simples, no anonimato, está crescendo. Para mim, isso é obra de Deus (MELO, 1992:53)

Para entendermos as colocações de Melo, precisamos, sobretudo, compreendê-lo como sujeito de um tempo e de um espaço específico, que comunga de representações sociais deste tempo-espaço, e que revisita suas lembranças, por intermédio da memória. De acordo com Halbwachs, a memória é uma “reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente” (HALBWACHS, 2004: pp. 75-6). Essas lembranças estão sempre perpassadas por reconstruções contínuas, oriundas de um passado mais recente (Idem).

Quando Melo escreve, em 1992, suas lembranças sobre Maria Peregrina, elas se mostram permeadas de imagens, que foram sendo, ao longo dos anos, lidas e reconstruídas pelo próprio autor. Não é, de modo algum, um retrato fiel do passado, mas uma visão do passado entremeada pela visão presente do autor, e por releituras feitas no ínterim entre passado e presente. Sendo o registro dotado de um intuito específico (a edificação da personagem), ao visitar as imagens mentais passadas, Melo atribui a elas novos sentidos, que se relacionam a finalidade literária da publicação.

De acordo com Michel de Certeau, o intento primeiro da escrita da biografia de um Santo não é o registro histórico e sim a disseminação da devoção. Não se trata, pois, de narrar o que se passou e sim de narrar o que é “edificante” e que contribui para reforçar o perfil santo e exemplar do indivíduo do qual a literatura trata (CERTEAU: 1982: 267). Sendo assim, atos, posturas, gestos e imagens relacionadas à Maria Peregrina são percebidos e narrados de forma a reforçar o perfil que o autor pretende estabelecer.

Da mesma forma, Melo não se prende aos fatos, nem tão pouco se guia por uma ordem cronológica. Seu texto tem a cadência própria de uma narrativa orientada pela memória.

O autor inicia seu relato expondo detalhes sobre a aparência e o cotidiano de Nhá Maria. De acordo com Melo, Maria era uma mulher boa e resignada, que não reclamava da sorte e sabia sofrer calada (MELO, 1992:30). Gostava de conversar com os moradores da região e costumava visitar as

casas do bairro diariamente, para pedir comida ou simplesmente beber café e conversar (Idem: 42). Era fisicamente forte e, segundo o autor reforça diversas vezes, não apresentava doenças ou “defeitos físicos” (Idem 32; 33; 44). Interessante perceber como Melo insiste em afirmações sobre a “saúde” de Nhá Maria:

Não ouvi, e ninguém ouviu, ela dizer que estava resfriada, com uma pequena dor de cabeça (Idem: 44).

Era uma pessoa, que por motivos de doenças, ninguém precisava ter medo dela, pois todo mundo via que ela era uma mulher de muita saúde, uma saúde de dar inveja para muita gente” (Idem: 32);

Nhá Maria, uma negra forte, falava alto e não apresentava algum defeito físico (Ibidem:44).

Ao longo do texto, o autor utiliza a “saúde” e a “força” física como provas irrefutáveis da santidade da Mendiga. A evocação constante da “saúde” como símbolo da Santidade está profundamente ligada ao contexto histórico e às Representações Sociais que se manifestam nesse contexto.

Melo é um imigrante mineiro que chegou a São José em 1952, aos 16 anos de idade, e viveu na região de Santana por mais de 40 anos (MELO, 1992:62). No período que Melo relembra, São José dos Campos era uma cidade em vias de mudança. Após abrigar, por décadas, diversos sanatórios para tuberculosos, a cidade via-se (década de 1950 -1960) frente a uma nova realidade econômico-social: a substituição da econômica médica pela economia industrial.

Desde o início do século XX, vemos uma relação um tanto conflituosa entre os habitantes da cidade e os doentes que a procuram para tratamento médico. Porém, com o advento da industrialização, em meados da década de 1950, um discurso higienista e modernizante começa a ser divulgado de forma incisiva pelos poderes públicos:

A “doutrina” sanitaria [...] fez da doença um impedimento para o desenvolvimento da cidade moderna. Assim, a idéia da tuberculose não se encontra mais em coerência com o ideal romântico, mas apresenta-se como sintetização do “comportamento negativo do *homo economicus* [...]: consumo, dispêndio, desperdício de vitalidade” (Sontag, 2007:57) e impedimento para o progresso [...] (e) pretendia mostrar o lado “feio e repugnante” de uma doença que mutilava corpos, definhava-os, denunciando e escancarando visivelmente as diatribes do mundo moderno. Associar a doença aos “excluídos” da sociedade, a saber: pobres, mulheres prostitutas, alcoólatras, entre outros, é o modo mais eficaz de suprimi-los (MARTINS et al., 2010: 96)

Compreende-se assim, um possível sentido para as colocações de Melo. O seu texto, mesmo que inconscientemente, edifica a mendiga como Santa. Considerando-se, igualmente, que esta imagem foi construída com bases na memória de um passado (década 1960), no qual a visão da doença, especialmente a tuberculose, passava a ser associada aos sujeitos “indesejáveis” da sociedade como pobres, alcoólatras, prostitutas e mendigos⁵, Maria é apresentada como elemento destoante. Ou seja, no momento em que imagens “pobres e repugnantes”, passam a ser associadas aos indivíduos indesejados para uma cidade moderna, Maria Peregrina é vista como uma exceção, uma mendiga que não comunga das mazelas das quais, outros, nas mesmas condições, seriam invariavelmente portadores. Ela é “saudável”, por isso pode, de certa forma, ser considerada, especial, agraciada ou mesmo santa.

Outra observação, repetida *ad nauseam*, é a de que a Mendiga seria uma pessoa extremamente preocupada com a limpeza. Tanto que, “não gostava de comer, e nem de beber nas vasilhas alheias” (Idem: 31). Essa passagem também remonta a ideia higienizante. Cabe lembrar que, por muitas décadas, acreditou-se que a transmissão da Tuberculose se dava pelo compartilhamento de objetos como pratos, talheres e copos.

⁵Para maiores informações consultar MARTINS, Nara et al. *Representação social da tuberculose e do tísico na cidade de São José dos Campos (1930-1935)* in ZANETTI, Valéria (org) Fase Sanatorial de São José dos Campos: Espaço e Doença . São Paulo: Intergraf, 2010 Cap 3, pg 73 – 101.

A religiosidade da Mendiga, também é explorada como prova de sua santidade. O autor afirma que sua fé se mostrava nas atitudes simples do cotidiano, como por exemplo: “quando saía pelas estradas sempre fazia o Sinal da Cruz e murmurava uma oração” (MELO,1992: 32).

O autor relata também, que Maria jamais falou de sua vida pessoal (Idem:40) ou sobre sua família e que, a única informação que dava sobre si mesma era que, na juventude, havia sido professora:

Quando encontrava uma turminha de crianças que vinha vindo da ou ia indo para a escola, parava para conversar e dizia que também tinha sido professora. Contava que no seu tempo de professora tudo era beleza e tinha uma bela sala de aula, onde ensinava muitas crianças. Todos os seus alunos eram inteligentes, que num instantinho aprendiam a ler e a rezar; que também dava aula de religião, que nunca iniciava uma aula sem antes fazer uma oração. Falava ainda que no seu tempo de professora possuía muito dinheiro, morava numa casa cor de rosa muito bonita e que tudo para ela era felicidade (Idem: 37)

Percebe-se nesses excertos como Melo encaminha a narrativa, a fim de enfatizar as atitudes cotidianas da mendiga como exemplos de conduta cristã. Outra colocação presente no fragmento, e que é recorrente por todo texto, é o carinho de Maria para com as crianças:

Quando via uma mulher com uma criancinha no braço fazia questão de ver o rostinho da criança [...] E se aquela mãe lhe dissesse que o nenezinho não estava bem de saúde⁶, na hora ensinava remedinhos caseiros e mandava fazer um chazinho. Nhá Maria também entendia da medicina caseira (Idem:31).

A criança então pediu à sua mãe que queria comer aquela comida que estava na lata da Nhá Maria. A mãe pediu então que atendesse o pedido da filha, e de pronto repartiu sua comida com aquela criança (Idem).

⁶ Mais uma vez, percebemos a imagem da “saúde” associada à Peregrina.

Em outro fragmento que destacamos, pode-se perceber, mais uma vez, repetida imagem de “limpeza”, agora associada à idéia do trabalho e da disciplina a ele inerente:

Nhá Maria gostava de levantar-se cedo. Em seguida dirigia-se a um ribeirão que existia ali perto. Lavava bem lavadinho sua latas. Colocava-as uma por uma dentro do saco e saía para pedir o que comer (Ibidem).

Em outro trecho diz:

Com a chegada da noite, sempre voltava para sua moradia. Nunca ficava andando pelas ruas durante a noite. Noite para ela era sagrada, para o seu descanso” (Idem:40).

Falamos aqui em uma mendiga que, de acordo com Melo, apesar de tudo, estava disposta a ter seu tempo disciplinado, como se estivesse inserida num regime fabril.

Para compreender os sentidos presentes nessa colocação, cabe citar a obra “Tempo: disciplina de trabalho e capitalismo industrial” (1997) de Thompson. Neste estudo, o autor nos fala que, com o advento da Revolução Industrial, o tempo adquire um novo significado.

O “tempo” do operário deixa de ser controlado por ele mesmo, e passa a ser gerido pelas exigências do patrão. Levantar-se cedo, trabalhar e dormir cedo, para acordar novamente cedo. O dia e a noite do trabalhador são agora condicionados pelo ritmo fabril (THOMPSON, 2005). Ao afirmar que Nhá Maria levantava cedo e que considerava a noite sagrada para o descanso, Melo vêm reafirmar a ideia de que a Mendiga é realmente um “caso à parte”: uma mendiga que gosta do trabalho e que se comporta como se vivesse em função dele, numa época em que os poderes públicos consideravam mendigos como vadios e preguiçosos por excelência.

O autor preocupa-se ainda em narrar “Milagres” e “proezas” que Nhá Maria teria realizado em vida, como por exemplo, sobreviver ao frio, mesmo morando embaixo de árvores, jamais ter sido picada por insetos, ou atacada por qualquer tipo de animal. Todas essas colocações são feitas em tom sentimental e um tanto supersticioso.

Dos dados mais verossímeis presentes no livro de Melo, encontramos a afirmação de que Maria falava alto, mas numa pronúncia muito correta e com um claro sotaque nordestino (Idem: 44). Como bens, possuía apenas suas latas, um saco e uma bengala.

O memorialista conclui sua narração com uma colocação bastante adequada a um relato de cunho edificante. De acordo com o autor

“sua vida, pelo menos o tempo que aqui viveu, foi uma vida de penitência e sacrifício. Sua alma, com toda certeza cristã, foi direto para os braços de Deus. E a alma que vai para o céu não vem ao mundo para assombrar ninguém (Idem: 50)

1.2. Mito e Representação

Buscamos expor, anteriormente, fragmentos que nos permitissem exemplificar o modo como Melo trabalha as representações e imagens presentes na mentalidade popular, a fim de edificar Maria Peregrina. O autor não foi, contudo, o único a se utilizar deste recurso.

Analisamos, além da obra de Melo, produções artísticas (peças de teatros, poesias e músicas), depoimentos orais e reportagens jornalísticas, a fim de perceber quais imagens e ideias foram associadas à Peregrina, por aqueles que se encarregaram de transmitir sua história.

De fato, a escassez de dados empíricos não impediu que, ao longo dos anos, a história fosse propagada entre os habitantes locais. De certo modo, a ausência de informações foi possibilitadora do surgimento de diferentes versões para a narrativa. Esses relatos, embora discordantes, são instrumentos

valiosos para compreensão dos agentes, que deles se valem como expressão de sua memória, identidade e cultura.

De acordo com a historiadora Yara Khoury, as narrativas orais, quando encaradas como práticas sociais, pressupõem a compreensão de seu movimento, que é engendrado na realidade social, onde os sujeitos as concebem como “atos interpretativos, como processos constantes de atribuição de significados, como expressões da consciência de cada um sobre a realidade vivida” (KHOURY, 2000:123). Compreendendo os sujeitos como uma “amálgama de muitas experiências, que se constituem e se transformam na vida diária, vivendo e se comunicando através de fronteiras e transitando entre elas” (Idem: 127), não podemos ignorar a função da reestruturação dentro das narrativas

Lidar com as narrativas requer pensá-las no movimento da história [...] o desafio é de pensar e explorar como elas se forjam e se realimentam, na natureza contraditória das relações sociais, como as pessoas as incorporam e as subvertem nas pressões e nos limites da vida diária (Ibidem).

Assim, compreende-se que as narrativas das quais tratamos, sofreram inúmeras mudanças e reconstruções, mas essas não são casuais. Tais mudanças estão inseridas na complexa e dinâmica relação entre História e Sujeito.

As diferentes versões da narrativa da qual tratamos foram compiladas a partir de depoimentos orais, obras memorialísticas, produções artísticas, reportagens jornalísticas e alguns estudos acadêmicos. Listamos a seguir as versões mais ocorrentes da história, é possível, no entanto, que existam outras, às quais não tivemos acesso.

De acordo com algumas das versões da história, Nhá Maria era uma negra que teria nascido em Minas Gerais, e quando, por um motivo qualquer se tornou andarilha, resolveu emigrar para São José dos Campos. Outras versões dizem que ela teria se tornado mendiga quando chegou a São José. Algumas variantes dessa versão afirmam ainda que, antes de cair na mendicância,

Maria trabalhava como professora na sua cidade ou ainda que teria estudado para ser professora, mas nunca havia exercido (SOARES, 2007: 51). Há algumas histórias, porém, que negam o fato dela ser mineira. O próprio Melo ressalta que seu sotaque era claramente Nordestino (MELO, 1992:44)

Os motivos pelos quais Maria teria se tornado moradora de rua são os mais diversos. Algumas versões afirmam que Maria havia sido castigada por Deus por ter batido na própria mãe, sendo assim, condenada a viver ao relento até o fim dos seus dias (Jornal Vale Paraibano, 10 de novembro de 2005). Outras versões afirmam que Maria havia sim batido na mãe, mas que Deus não a castigara. Na realidade, em total arrependimento, ela havia se imposto aquela sina, e este seria o motivo pelo qual vivia nas ruas, e jamais aceitou abrigar-se sob um teto (mesmo quando oferecido pelos moradores da região) (SOARES, 2007: 51). Outras variações apregoam que ela havia sido vítima de uma “maldição” ou “praga” que sua mãe lhe impusera (MELO, 1992: 61-62). Há ainda histórias que dizem que Maria havia, na verdade, enlouquecido após perder um filho, e após esse trauma havia largado marido e casa e caído no mundo em busca do filho perdido (ABREU,2000). Existem, porém, versões que afirmam que Maria nunca se casou, nem teve filhos.



Figura 6: Maria Peregrina por artista joseense, 2009.
Fonte: Acervo pessoal da artista (Geisa Bizarria, 2009)

Sobre Maria ter sido ou não professora, os relatos são ainda mais discordantes: algumas versões nos falam ela era teria sido professora antes de agredir a mãe, outros que ela somente sonhara em ser, mas não pudera realizar por causa do pecado (SOARES, 2007: 51). Outros ainda que ela era simplesmente “maluca”. Localizamos ainda, uma versão que afirma que Peregrina, na verdade, havia sido uma professora de piano, oriunda de família tradicional que acabou na miséria após a morte da mãe (CABANAS; RICCI, 2008: 391).

O motivo pelo qual as narrativas são tão discordantes está, a nosso ver, relacionado a total plasticidade do objeto, marcado pelo desconhecimento de barreiras históricas e factuais. A falta de informações históricas permite que os elementos “possíveis” de serem inseridos e representados dentro da narrativa sejam incontáveis.

1.3. Da morte ao Mito

Nhá Maria morre em 1964, contudo, é a partir de 1968, com a compra de sua sepultura e da construção do túmulo por Dona Benedita Maria das Dores (MELO, 1992:50), que a devoção a ela começa a se espalhar.

De acordo com fontes de memorialistas, Dona Benedita, uma moradora do bairro de Santana, conhecida como Dona Mulata, em gratidão a um milagre recebido por intercessão da mendiga, compra o jazigo no qual Nhá Maria estava enterrada e manda construir-lhe um túmulo onde grava o epitáfio "Aqui jaz Maria Peregrina"

‘Aqui jaz Maria Peregrina’. Sim, Maria Peregrina, porque Nhá Maria foi uma mulher que peregrinou neste mundo onde sofreu humilhações. Por muitos, simplesmente apelidada de Maria do Saco. Com estes apelidos cumpriu sua missão aqui na Terra. Hoje ela mora na casa do Pai. Portanto, seu nome é Maria Peregrina (MELO 1992: 51)

Interessante perceber que a adoção desta denominação já possui em si um caráter edificante, que pode ser considerado um primeiro movimento no sentido de uma construção mítica. O vocábulo “peregrino” traz em si dois significados distintos: o de andarilho e o de missionário, que evoca uma imagem tipicamente cristã.

O ESTADO DE S. PAULO

ANO 122

SEXTA-FEIRA

Nº 39.406

SÃO PAULO, 7 DE SETEMBRO DE 2001

7) *Julio de Mesquita Filho (1927-1969)*

Francisco Mesquita (1927-1969) Julio de

‘Maria Peregrina’ reúne três histórias que tentam desvendar a origem de sua personagem, uma mulher que viveu durante quase 20 anos nas praças de São José



‘Maria Peregrina’ busca suas origens

Texto de Luís Alberto de Abreu recorre a técnicas do teatro nô para recuperar o passado

Maria do Saco é uma figura conhecida na cidade de São José dos Campos, no Vale do Paraíba – durante quase 20 anos, ela viveu nas ruas do bairro de Santana, um dos mais antigos do município, tendo como abrigo apenas as árvores das praças. Ao morrer, em 1964, tornou-se uma figura mítica: a dona de uma pensão do bairro, conhecida por Maria Mulata, atribuiu a Maria do Saco o milagre de ter curado seu filho doente mental. Desde então, seu túmulo se tornou uma espécie de santuário, atraindo diversos peregrinos.

A história de Maria do Saco despertou o interesse da Cia. Teatro da Cidade, de São José, que pediu ao dramaturgo Luís Alberto de Abreu a criação de uma peça. Entusiasmado com a ideia, ele escreveu *Maria Peregrina*, que estreia hoje, no Tusp. Como estava envolvido com a pesquisa de um teatro narrativo, que tivesse o saber e o en-

canto das histórias contadas à beira do fogão à lenha, Abreu chegou ao estudo da estrutura da dramaturgia clássica japonesa, o teatro nô, e propôs ao grupo de São José o desafio de se adotar uma nova forma de olhar o teatro.

“Aceitaram e fizemos uma forma teatral antiga, desenvolvida no oriente há mais de 500 anos que nos ajuda a dizer coisas de agora”, comenta Abreu. A partir das reduzidas informações sobre Maria do Saco (não há registro sobre seu nome verdadeiro, idade ou mesmo fotos), o dramaturgo criou três histórias que buscam desvendar a origem de sua personagem, apoiando-se mais no ficcional que na verossimilhança.

No início da peça, Maria Peregrina surge sem memória e é auxiliada por um Romeiro a relembrar fatos de sua vida. A partir de suas divagações, surgem diversas hipóteses sobre seu passado. “Daí ela conta três diferentes histórias: uma de paixão, outra cômica (que me inspirei em um conto de Monteiro Lobato) e uma terceira que recria um texto do teatro nô, que adaptei como *As Margens do Rio Paraíba*”, co-

MULHER
TORNOU-SE
UMA FIGURA
MÍTICA

SERVIÇO

Maria Peregrina. De Luís Alberto de Abreu. Direção: Cláudio Mendel. Duração: 65 minutos. Sexta e sábado, às 21 horas; domingo, às 20 horas. R\$ 15,00. Tusp. Rua Maria Antônia, 294, tel. 255-5538. Até 30/09

Figura 7: Jornal O Estado de São Paulo, 2002 sobre a peça “Maria Peregrina”
Fonte: Blog Cia. Teatro da Cidade.

As décadas seguintes à construção do túmulo presenciam um aumento gradativo das devoções e homenagens à Peregrina. Ao passo que a fama de santa se espalha pela região, os relatos orais também se multiplicam e se alteram ininterruptamente.

Na década de 90, o número crescente de versões da história acaba por despertar o interesse do dramaturgo Luís Alberto de Abreu⁷, culminando em 2000, na criação do espetáculo teatral “Maria Peregrina”, encenado pela Cia Teatral Teatro da Cidade.

Com a criação do espetáculo teatral, a história de Nhá Maria se estende além das fronteiras do município, contudo a devoção permaneceu circunscrita à região.

Em fins do século XX, segundo relata Melo, os moradores do atual Jardim Guimarães, localizado também na região Norte da cidade⁸, pleitearam junto a um vereador⁹ a denominação de uma rua do bairro em homenagem à Peregrina. Contudo, o pedido não é acatado (MELO, 1992:56). Somente nos primeiros anos do século XXI, é que esse fenômeno devocional começa a ser percebido pela municipalidade, a ponto de resultar na nomeação de obras públicas.

No ano de 2002 o Cemitério Municipal de Santana passou a ser denominado Cemitério Maria Peregrina, pela Lei 6184/02 | Lei nº 6184 de 17 de outubro de 2002, abaixo transcrita

DENOMINA O CEMITÉRIO MUNICIPAL DO BAIRRO DE SANTANA DE CEMITÉRIO MUNICIPAL MARIA PEREGRINA.

O Prefeito Municipal de São José dos Campos faz saber que a Câmara Municipal aprova e ele sanciona e promulga a seguinte Lei:

⁷ Luís Alberto de Abreu: Dramaturgo e Roteirista. Escreveu mais de 40 peças teatrais, com destaque para “*Bella Ciao*”, “*Borandá*” e “*Auto da paixão e da alegria*”. Como roteirista se destacou no cinema com os filmes “*Maria*” (1985); “*Lila Rapper*” (1997), “*Kenoma*” (1998) , “*Narradores de Javé*” (2000) e “*Andar às Vozes*” (2005). Para a TV, escreveu os roteiros das minisséries: “*Hoje é Dia de Maria*” (2005) e “*A Pedra do Reino*” (2006). (FONTE: Site SESI-SP)

⁸ Vide Fig. 4

⁹ Não foi possível identificar este vereador.

Art. 1º Denomina o Cemitério Municipal do Bairro de Santana de Cemitério Municipal Maria Peregrina.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário (Prefeitura Municipal de São José dos Campos, 17 de outubro de 2002).

No mesmo ano, a ponte que liga o bairro de Santana ao Jardim Telespark também recebeu seu nome, pela Lei Municipal 6134/02 Lei no 6134 de 12 de julho de 2002:

DENOMINA A PONTE CONSTRUÍDA SOBRE O RIO PARAÍBA, ENTRE OS BAIROS VILA RHODIA E JARDIM TELESPARK DE MARIA PEREGRINA.

O Prefeito Municipal de São José dos Campos faz saber que a Câmara Municipal aprova e ele sanciona e promulga a seguinte Lei:

Art. 1º Fica a ponte construída sobre o Rio Paraíba, entre os Bairros Vila Rhodia e Jardim Telespark denominada de Maria Peregrina.

§ 1º Para melhor localização, a referida ponte situa-se no final da Praça Pedro Ribeiro Godoy e início da Av. Conde Francisco Matarazzo.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário (Prefeitura Municipal de São José dos Campos, 12 de julho de 2002).



Figura 8: Ponte Maria Peregrina, que liga Santana ao Jardim Telespark
Fonte: Alex Brito . Jornal Vale Paraíbano, 10 de Novembro de 2005.

Feitas tais considerações, surgem algumas indagações: Quais seriam os motivos pelos quais “Maria Peregrina” alcançou, em pouco mais de 30 anos, o reconhecimento social necessário para despertar o interesse da edilidade, a ponto de resultar na denominação de obras públicas? Por que os moradores da região Norte apresentariam interesse em homenagear Maria Peregrina com denominações? Como foi possível que, a partir de uma referência empírica tão limitada, Nhá Maria pudesse se tornar conhecida, passando a ser considerada um “símbolo” da região Norte?

A resposta para essas indagações encontram-se, a nosso ver, intimamente ligadas ao contexto vivido pela cidade de São José dos Campos e pela Região Norte, no momento em que a devoção à Peregrina começa a ser definido (década de 1960 e 1970). Nossa hipótese é que, o modo como a realidade social foi sentida e interpretada pelos sujeitos, resultou no processo de construção mítica e atribuição de novos sentidos à personagem; sentidos esses, ligados a visão de mundo dos sujeitos sociais, na dinâmica do processo histórico.

CAPÍTULO II

Santana, 1930-1950: O Espaço, o contexto e os sujeitos sociais

*Não faz muito tempo e o mundo era outro.
As coisas todas eram outras. O tempo desfez.
O tempo desfaz toda solidez. E o tempo faz.
Como fez as coisas de hoje, tão diferentes.
Mas o que o tempo desfez, a memória refaz...
(Abreu, Luís Alberto. Maria Peregrina, 2000).*

Propõe-se aqui pensar Maria Peregrina não como objeto de devoção, mas como um sujeito histórico que serve de pano de fundo para a construção de um mito. Neste processo, elementos subjetivos se entrecruzam com dados empíricos, dando origem a uma composição não dicotômica, mas multifacetada.

A compreensão dos sentidos pessoais e coletivos expressos nesta construção demanda uma análise dos sujeitos em relação ao processo histórico e ao espaço social, mas também uma percepção do significado das experiências pessoais e da relação dialógica entre memória individual e memória social.

Nossa matéria prima é, essencialmente, a memória. Tratamos das lembranças de um grupo acerca de uma figura que é ao mesmo tempo histórica e mítica; e capaz de suscitar identificações particulares e grupais, ao fazer uso de elementos referenciais da Identidade dos indivíduos e da comunidade.

De acordo com o historiador Alistair Thomson, Identidade é o termo usado para referir-se à consciência que cada um tem de si, construída pelo intercâmbio com outras pessoas e pela relação consigo mesmo (THOMSON, 1997: 8). Quando relembramos um fato e narramos essa lembrança, não

estamos apenas “contando o passado”; mas permeando o passado de concepções “melhoradas” por nós mesmos. Trata-se, pois, de moldar as lembranças, de modo a adequá-las às nossas percepções identitárias, tornando o passado satisfatório a nós (Idem).

Thomson ressalta também, que o processo “compor memórias satisfatórias” é, na realidade, um processo inteiramente público, pois nossa concepção de “eu” é mediada por sua relação com o social. Nossas lembranças são também organizadas de modo a torná-las condizentes com o que é publicamente aceito (THOMSON, 1997: 9).

Halbwachs é outro autor que também se ocupa dessa questão, e o faz a partir do que denomina Memória Social. De acordo com o autor, a memória de um sujeito só existe quando interage com a memória do grupo no qual este se insere. A memória, portanto, nunca é individual, uma vez que incorpora as lembranças que na realidade são do grupo. Na dinâmica da interação social, as lembranças individuais são confirmadas e corrigidas pelas lembranças de outros, de modo que a memória do indivíduo é construída pelo agrupamento das representações coletivas e se forma com base em representações oriundas do passado e do presente do indivíduo e do grupo (HALBWACHS, 1990).

A memória seria, assim, uma constante interação entre individualidade e coletividade, entre o “ontem” e o “hoje”, numa ininterrupta releitura do que se passou permeado de novas interpretações (Idem). Mesmo sendo algo subjetivo, é socialmente compartilhada, ao passo que se entrecruza com elementos de caráter individual, num movimento de diálogo e disputa constantes (Idem). De acordo com o autor,

Os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, que eles representam correntes de pensamento e de experiência onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo (HALBWACHS, 2004:71)

Para maiores esclarecimentos, nos valem os que nos diz Michael Pollak sobre Identidade:

a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992: 204).

Para o autor, é por meio da Identidade e da memória que o sujeito testa sua coerência, reconstruindo incontáveis vezes sua percepção de si e seu sentimento de pertença a determinado grupo (Idem).

Thomson aprofunda mais ainda a questão, nos dizendo que neste processo de construção da memória individual, o sujeito se vale de linguagens públicas e representações que tenham significado em sua cultura (THOMSON, 1997: 6). O grupo social fornece “imagens e categorias interpretativas comuns”, nos quais cada indivíduo tende a buscar referências à sua própria experiência, modificando e recriando suas lembranças de modo que tais representações se articulem (THOMSON, 1997:7). Ou seja,

As memórias populares agem exatamente desse modo; lutando para generalizar os significados e dar um aspecto único à diversidade de experiências pessoais e específicas, para assim reconstruir o sentido do passado das pessoas (Idem)

A análise que fazemos sobre o mito da Peregrina tem por base a compreensão da memória e da identidade como intrínsecos à vida social e ao processo histórico vivenciado por de determinado grupo de sujeitos. Uma vez que a memória se constitui, conforme nos falam os autores supracitados, na percepção de si e de seu papel dentro da sociedade, no curso da História; o estudo desta memória torna-se ferramenta valiosa para uma compreensão histórica e sociológica desta comunidade.

Nossa proposta assinala a adesão a uma vertente historiográfica que se permite abrir às inúmeras possibilidades de uma fonte, por tanto tempo rechaçada por suas dificuldades metodológicas. Se as narrativas que analisamos são dotadas de discordâncias, incoerências, invenções, estas não são, de forma alguma produto do acaso. Nosso intuito está em perceber, como

Thomson, as chamadas distorções da memória, não como problema, mas como recurso (THOMSON, 1997: 2).

Foram, de fato, as reconstruções e discordâncias da memória que permitiram transformar, em pouco mais de 40 anos, “Nhá Maria” em “Maria Peregrina”. Elas estão relacionadas ao intercurso de identidades e memórias, indivíduos e comunidade, no espaço e na História.

Não queremos chegar a uma história verdadeira, ou tão pouco justapor discordâncias pelos simples fato de comprovar sua ocorrência. Buscamos perceber qual a significação destas mudanças para os sujeitos e como são utilizadas para favorecer o processo de construção mítica. Procura-se entrever o diálogo entre identidade e memória e seu processo de reconstrução, através da materialidade da narrativa. Percebemos a construção mítica como parte do processo (re)composição da Identidade deste núcleo social, não nos esquecendo de propor interconexões com o contexto.

2.1. O Espaço: o bairro de Santana

Nosso estudo volta-se para um grupo social que é geograficamente localizado no bairro de Santana (apesar de possuir relações profundas com as adjacências). Ao adotarmos o bairro como recorte espacial, faz-se necessário que reflitamos acerca das considerações teóricas de alguns estudiosos do assunto.

De acordo com o urbanista norte americano Kevin Lynch, um bairro pode ser definido como uma região bidimensional, cuja determinação dos limites demanda uma análise não exclusivamente geográfica, mas subjetiva. Para ele, as relações pessoais e grupais vivenciadas no espaço tem papel determinante para a definição dos territórios que constituem o recorte denominamos “bairro” (LYNCH, 1982: 37).

Desta forma, ao analisarmos Santana, não levaremos em conta apenas a área limítrofe adotada pela edilidade, mas relacionaremos a este espaço geográfico as relações sociais que se entrecruzam e as noções de pertencimento e identidade. Os limites geográficos do bairro são tênues e por

vezes podem estender-se ou comprimir-se além da delimitação oficial, uma vez que a base de sua demarcação é aquilo definido por Costa e Maciel como “espaço físico e afetivo no qual ocorrem as relações sociais do cotidiano do sujeito” (Lynch apud COSTA, MACIEL, 2009: 63).

Ainda, com base no pensamento de Lynch, compreende-se o bairro como região dotada de uma carga de subjetividade que lhe é própria e que lhe diferencia do restante da cidade. Da mesma forma, a percepção de si como parte de uma cidade, mas ao mesmo tempo, como fragmento diferenciado por diversos fatores é determinante na constituição da Identidade bairro. Ou seja

Kevin Lynch (1982) considera um bairro um fragmento de cidade, apresentando características particulares que o diferenciam de outros bairros na cidade. A partir da percepção da disposição física de um dentro do outro, esse autor considera que tais disposições se justificam no cotidiano coletivo quando são representativas ou dotadas de significado para a população [...] fatores que influenciam a imagem de uma cidade e de seus bairros: o significado social de uma área, sua função, sua história e o seu nome (Lynch apud COSTA, MACIEL, 2009: 63)

Sendo assim, é indispensável à nossa discussão, que percebamos o diálogo existente entre o bairro e cidade de São José dos Campos, levando-se em conta as mudanças e permanências nessa relação ao longo do processo histórico. O modo como o bairro se percebe e como a cidade o percebe será elemento determinante para a constituição das estratégias de ação de cada um dos binômios envolvidos na dinâmica.¹⁰

Como nos propusemos a pensar Santana em relação a si e a Cidade, são oportunas as colocações de Robert Moses Pechman sobre o conceito “cidade”, e sua proposta para um entendimento discursivo da mesma. De acordo com Pechman, o discurso criado sobre determinada Cidade, as imagens que esse discurso suscita e os significados que evoca, são os

¹⁰ Para maiores esclarecimentos, consultar: RAMOS, Waldecy Serafim. *Políticas de Zoneamento e seus reflexos no urbano: um estudo do bairro de Santana, São José dos Campos entre 1920 e 1950*. Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional, São José dos Campos: Univap, 2009.

responsáveis por “transformar” um simples aglomerado de construções naquilo que entendemos por Cidade (PECHMAN, s/d). Sendo assim, ao historiador interessará não (apenas) a construção física, mas o significado simbólico da cidade, por intermédio do qual será possível transformá-la em objeto de estudo (Idem). Da mesma forma, reconhecemos que

Quando buscamos entender a cidade não nos referimos apenas ao lugar físico, mas ao lugar do entrecruzamento dos discursos. Estudar a(s) cidade(s) implica estabelecer conexões de tipo variado com a própria experiência de Viver em cidades. Conexões objetivas de moradia e trabalho nos ligam às dimensões subjetivas. Laços afetivos tecem espaços, nos quais as lembranças compõem um acervo especial (ZANETTI, 2009: 18-9)

Trabalhamos, portanto, com aspectos subjetivos e simbólicos; e buscamos enxergar nos discursos, símbolos e imagens produzidos no interior do bairro e da cidade, a dinâmica da relação entre esses dois espaços. Não se trata, unicamente, da compreensão dos intercursos econômicos, políticos ou demográficos que se operam entre Bairro e Cidade. Nosso interesse está no modo com estes intercursos são percebidos pelos sujeitos, e como produzem discursos, imagens e significados novos.

2.2. Sujeitos e Espaço: uma contextualização

O espaço, os sujeitos sociais (e todos os desdobramentos que estes conceitos implicam), só tem sentido para a História quando analisados em relação ao seu contexto. De fato, a análise histórica não deve negligenciar, nem tão pouco superestimar os dados factuais. Trabalha-se, na realidade, com a percepção de uma irrevogável articulação entre sujeitos, espaço e contexto.

No período compreendido entre as décadas de 1920 e 1950, São José dos Campos era uma estância climatérica e hidromineral, de onde provinha grande parte da receita do município. Entretanto, o fato de a região Norte,

abrigar outro tipo de economia, a industrial, é extremamente relevante para nossa discussão.

De fato, um grande número de indústrias se instalou, nesse período, na região. Inicialmente, em 1921, temos a fábrica de louças Santo Eugênio, a primeira a ser instalada na cidade, seguida da Cerâmica Santa Lúcia em 1922, pela Tecelagem Parahyba em 1925, a Cooperativa de Laticínios Central em 1935; Cerâmica Conrado e Bonadio entre 1936 à 1958, a Cerâmica Weiss em 1943, a Rhodosá de Rayon, primeira multinacional a fixar-se no município, em 1946, a Fecularia Rennó a partir de 1948, e a fábrica de Bobinas Electra Ltda. em 1955 (SANTOS, 2006 : 46).

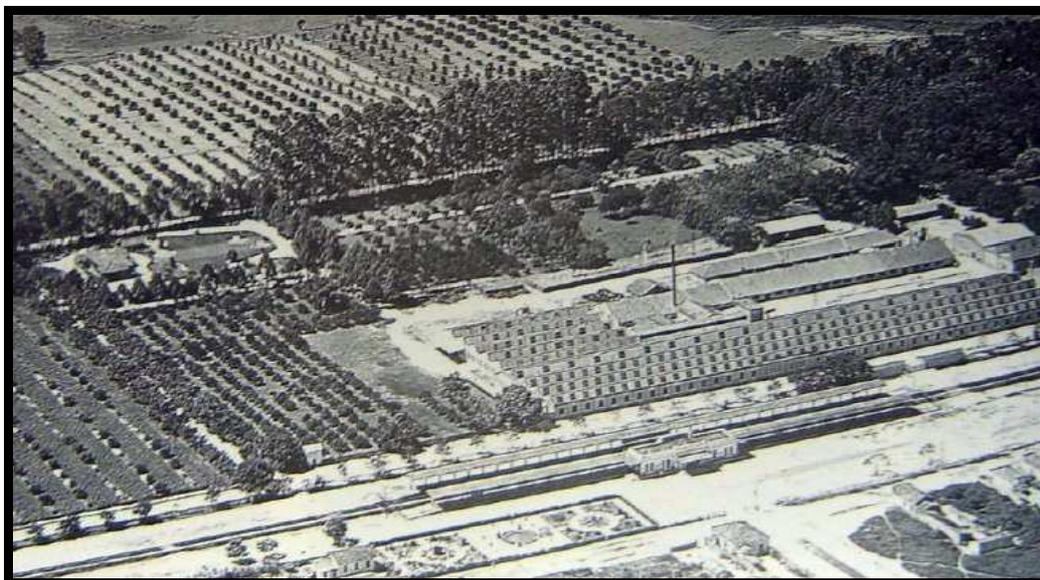


Figura 9: Vista da Tecelagem Parahyba, 1930
Fonte: Arquivo Público Municipal

A relação “bairro- cidade” encontrava-se, então, calcada na definição clara das funções sociais e econômicas de cada uma das regiões. Enquanto a Região Norte encontrava-se visceralmente ligada às indústrias¹¹, o restante da

¹¹ Esta colocação se refere mais precisamente às décadas de 30 à 50. Antes deste período, Santana é uma região essencialmente rural, contudo, com instalação das primeiras indústrias, (e mais ainda mais após a instalação da Tecelagem Parahyba em 1925), a economia do bairro passa a girar em torno das indústrias e não mais da produção agrícola.

cidade (principalmente a Zona Central), articulava-se ao redor dos Sanatórios para tuberculosos e da chamada Indústria da Doença¹².

Não por acaso, durante o governo do prefeito José Domingues Vasconcellos (1932 à 1933), cria-se a primeira lei de Zoneamento Urbano do Município (Ato nº 10 de 10 de março de 1932), que estabelece a divisão da cidade em Zonas, definidas por suas funções: Residencial, Comercial e Sanatorial, sendo em 1933 incluída a Zona Industrial; ratificando as relações já vivenciadas no município (RAMOS, 2009: 42-43)

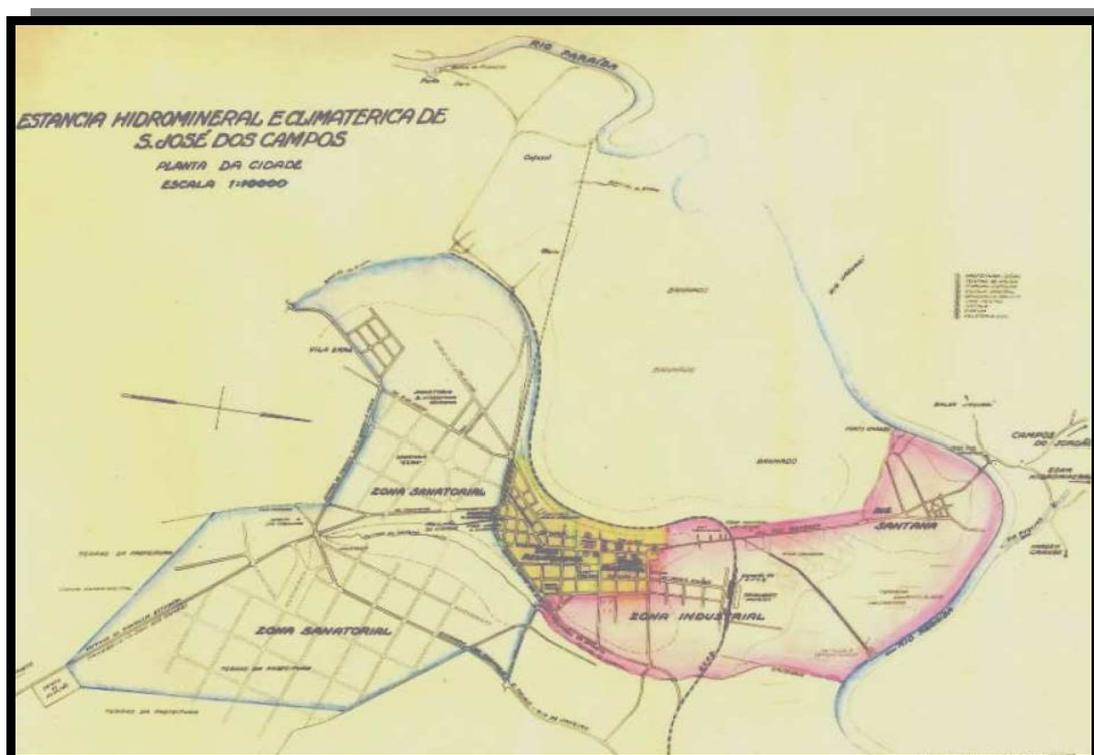


Figura 10: Divisão da cidade por Zonas, 1930 (destaque para a Zona Industrial, em cor-de-rosa)

Fonte: AMARAL, J. F. Inspeção Sanitária de São José dos Campos. São Paulo: EDUSP/Faculdade de Medicina, 1930.

Contudo, a partir da década de 1950, este cenário começa a se alterar, principalmente após a instalação do Centro Técnico da Aeronáutica - CTA, em 1950, e da Rodovia Presidente Dutra em 1951.

¹² Para maiores informações consultar COSTA, Suelle França et all. São José: dos Campos ruins aos bons ares (1890-1940). Anais do XIX Encontro Latino Americano de Iniciação Científica. São José dos Campos, 2010.

Com a instalação da Dutra, as indústrias deslocam-se da região Norte, para o entorno Rodovia, aproveitando as possibilidades trazidas pela proximidade com o que se torna a principal via de acesso a São Paulo e ao Rio de Janeiro. A instalação do CTA, por sua vez, permite à cidade o desenvolvimento do seu "complexo tecnológico industrial aeroespacial", (PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO–PDDI/ São José dos Campos, 1994: 33), acelerando a industrialização do município e inserindo São José em “um conjunto de perspectivas de desenvolvimento além de suas próprias fronteiras, o que mais tarde viria a se confirmar com a dinamização do parque industrial paulista e do vale do Paraíba” (Idem).

Obviamente, tais mudanças provocaram alterações profundas nas estruturas políticas, econômicas e sociais da Região Norte, que deixa de ser, a partir de então, o referencial industrial da cidade.

Para Lynch a concepção que os indivíduos tem de um bairro está relacionado à uma série de imagens. Estas imagens relacionam-se, por sua vez, ao significado social de determinada região, a sua função dentro da cidade, sua história, seu nome, entre outras coisas (LYNCH apud COSTA, MACIEL, 2009: 63). Já para Halbwahcs:

Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade (HALBWAHCS Apud COSTA, MACIEL, 2009: 63)

Considerando tais colocações, podemos dizer que as mudanças ocorridas em Santana pós-1950 alteraram as imagens que, de acordo com Lynch, definem o bairro. O contexto histórico, e os desdobramentos que acarretou, modificaram o significado social da região e sua função dentro da cidade; alterando, desta forma, sentido" pelo qual o bairro é percebido, conforme diz Halbwahcs.

Ao mesmo tempo, a Cidade de São José dos Campos se vê, também, em conflito com sua própria percepção de si e de sua função no panorama da economia estadual e nacional . De acordo com Paula Carnevale Vianna e Paulo Elias , após este período (décadas pós-1950), com a inserção da cidade no contexto da industrialização brasileira e paulista e com o deslocamento do setor industrial para as proximidades da Via Dutra, o núcleo das decisões econômicas e políticas da cidade move-se, também, para além das instâncias do poder local; ao passo que o mercado local passa a sofrer influências do capital externo (VIANNA, Paula; ELIAS, Paulo, 2007: 1305).

Vive-se, portanto, um novo contexto, diante do qual, a cidade passa a ter novas atribuições, perspectivas e intencionalidades. Desta forma:

Na transição dos símbolos que identificam a cidade, observamos que "é a partir da articulação do conjunto da estrutura social que uma nova forma urbana se concretiza, na ligação material entre espaço e tecnologia" (CASTELLS, 2000: 55). Não menos importante é a questão subjetiva (LEFEBVRE, H, 1974): a cidade industrial, caracterizada pelo conhecimento e pela tecnologia específicos que a possibilitaram, imprime no território o novo, mantendo, da era anterior, o ideário da ordem e do progresso[...]. A apropriação desse espaço e sua (re)produção, pautada pela questão econômica, deu-se sob a égide do desenvolvimento [...] O crescimento econômico, simultaneamente concreto e mítico, e as relações sociais, apaziguadas sob a hierarquia e disciplina que regiam a construção do espaço, deram um sentido racional ao projeto de modernidade que se consolidava, ao qual se atribuía o sentido do novo, do progresso, do futuro (VIANNA, Paula; ELIAS, Paulo, 2007: 1305) [Grifo nosso]

Ou seja, o panorama que observamos aqui, implicará numa alteração dos símbolos e dos sentidos da cidade. Os espaços serão, por sua vez, apropriados e entendidos por intermédio desses novos sentidos. A Identidade Sanatorial até então presente na cidade passa a ser contestada em função da Identidade Nova: a Industrial.¹³

¹³ Vide ZANETTI, Valéria. *Cidade e Identidade: São José dos Campos, do peito e dos ares*. Tese de Doutorado em História. São Paulo: PUC, 2008.

2. 3. Década de 1970: cidade, bairro e identidade

Podemos dizer, com base no que já foi discutido, que a década de 1960 encontra São José dos Campos e a Região Norte em meio a uma série de mudanças e redefinições estruturais. A partir da década de 1970, principalmente, é possível verificar os desdobramentos destas mudanças num âmbito subjetivo e discursivo.

Nos últimos anos, alguns historiadores regionais, se puseram a pensar a relação entre o desenvolvimento industrial pós-1960 e as mudanças que se operam na concepção de Identidade do município. Uma dessas historiadoras é Valéria Zanetti que trata especificamente do processo de “apagamento” e recriação de Identidades pelas quais a cidade passou ao longo do século XX:

A identidade nos dá orientação, nos dá sentido às coisas, e nos permite definir o que é e o que não é importante para nós. É dessa forma que entendemos a identidade, como um discurso da sociedade que se define a partir da demanda da re-construção. Em função dessa demanda de constante re-construção, a cidade de São José se fez sanatorial e, da mesma forma, se tornou industrial. O sentido dessas identidades ou dessas narrativas da sociedade joseense só pode ser conferido pela história dessa cidade (ZANETTI, 2008: 208)

Segundo a autora, a mesma cidade que, em fins do século XIX e início do século XX, constrói sua identidade em relação a função social de Centro Climatoterápico, se vê, principalmente a partir de 1960, em meio a um contexto, que exige uma redefinição desses discursos (ZANETTI, 2008). Segundo Zanetti, um documento, datado de 1961, que trata do planejamento urbano do município, nos permite explicitar tais colocações

Diz o interlocutor, ao constatar a persistência funcional da estância sanatorial, num momento em que já se vislumbrava um despontar industrial: os joseenses desejam “esquecer” de modo definitivo esse período (sanatorial), orgulham-se de ter conseguido expulsar do centro das casas que recebiam doentes, apreciam afirmar

que a cidade se transformou de maneira radical e nada mais conserva das características anteriores (PMSJC, 1961: II, 7.i, g.n.). (ZANETTI, 2008: 192)

As historiadoras Zuleika Roque e Estefânia Fraga, em seu trabalho “*Anchieta, mito fundador de São José dos Campos*”, discutem como a Identidade do município, principalmente na década de 1970, é direcionada no sentido da promoção de uma Identificação da cidade com a Capital Paulista, mais condizente com os rumos econômicos de uma cidade industrial (FRAGA, ROQUE, 2010). Segundo as autoras

A tradição fundada na memória adquire o sentido de validação de atividades e datas comemorativas e justificativas para criação de símbolos, (brasão, bandeira, hino) que reavivam na sua leitura, os traços de pertencimento à história de São Paulo (FRAGA, ROQUE, 2010: 184)

Compreender o sentido da Identidade de uma cidade e como esta é pensada, construída, divulgada e incorporada pelo indivíduos; implica, também, em pensá-la como uma produção de sentidos que se dá em função do processo histórico. A construção discursiva em torno da Identidade de uma cidade, compreendida em sua historicidade, demanda uma análise da percepção dos sentidos, pelos indivíduos, no âmbito dos acontecimentos da vida social.

Se na década de 1970, segundo Zanetti (2008), Roque e Fraga (2010), a percepção de cidade passa a ser direcionada no sentido de coincidir com o novo contexto histórico, econômico e social, e com os sentidos que ele evoca¹⁴, pensemos, então, como situar a região Norte neste panorama.

Surgem, portanto, novos questionamentos: de que modo essa nova “realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990: 17)? Como podemos compreender uma região, por décadas identificada como “Zona Industrial”, no exato momento em esta identificação adquire um novo

¹⁴ Não nos aprofundaremos na questão da Identidade Industrial da cidade, tarefa que demandaria uma longa análise. Nosso foco, no momento, é direcionado a outro objetivo.

sentido? De que modo a construção discursiva sobre a Identidade dessa região, produzida ao longo dos anos, lida e resignificada pelos sujeitos irá se reestruturar?

CAPÍTULO III

Espaço e Representação

*“Há dias, meu amigo, venho de longe,
andando vastas distâncias, sou homem preso aos caminhos.
peregrino, como tanta gente que ainda espera...”*
(Abreu, Luís Alberto. *Maria Peregrina*, 2000).

Pensar as práticas e objetos culturais vivenciados em determinado espaço social, implica também na compreensão do modo como os sujeitos percebem, significam e se apropriam desses objetos e práticas, tornando-os significativos para si. A articulação entre cultura e sujeito é um tema que, nas últimas décadas, tem motivado intensas discussões no campo da História, Antropologia e Sociologia.

Dentre as diversas correntes de pensamento que buscam compreender o fenômeno cultural, nos parecem significativas as obras de Roger Chartier e Pierre Bourdieu, ambos adeptos de uma visão de História que considera a realidade social algo culturalmente construído (CARDOSO, 2000:10). Esses autores defendem o princípio de que os grupos e indivíduos, mesmo estando dentro de uma mesma sociedade, se apropriam das práticas, objetos culturais, e do universo simbólico dessa sociedade, de formas dessemelhantes (CARDOSO, 2000:12). Para Chartier,

qualquer uso ou apropriação de um produto cultural ou uma ideia é um trabalho intelectual [...] de que modo um ‘homem ordinário’ apropria-se, a seu modo, de ideias ou crenças de seu tempo, mesmo se, ao fazê-lo, deforma-as ou mutila-as (CHARTIER Apud CARDOSO, 2000: 12-13)

Já a postura de Bourdieu, com relação à apropriação dos objetos culturais, baseia-se num conceito bastante complexo, denominado *Habitus*. Para Bourdieu, todos nós consideramos o mundo que nos é familiar como algo natural. Ou seja, achamos que o “universo” no qual vivemos é a forma mais inequívoca de “universo” possível. Isso ocorre, pois, nossas estruturas mentais, por meio das quais compreendemos o mundo (*Habitus*), são consequências de uma assimilação das estruturas desse mesmo universo social (BOURDIEU Apud CARDOSO, 2000:14). *Habitus seria*, de forma bastante simplificada, a estrutura que estabelece as práticas, mas também a estrutura da qual nos valem para perceber o mundo social que, em certo ponto, são influenciadas por contextos práticos e psicológicos do momento (CARDOSO, 2000:14-15).

O historiador Peter Burke, ao comentar as obras de Chartier e Bourdieu, faz uma observação bastante oportuna. De acordo com Burke, a definição de *Habitus* é um recurso para a compreensão das diferenças no comportamento social, ao longo do processo histórico, que salva a análise do anacronismo e da simplificação (BURKE, 1991 apud CARDOSO, 2000:15). Ou seja,

a afirmação da existência de um *Habitus* passível de atribuição a um dado grupo social, conceito proposto por Bourdieu, significando a propensão do grupo em questão a selecionar respostas no interior de um repertório cultural específico, de acordo, com as exigências de um dado campo ou uma dada conjuntura, teria a vantagem de permitir que os historiadores reconhecessem a liberdade individual nas escolhas, apropriações, estratégias de ação, etc..., no interior de certos limites socialmente estabelecidos (Idem)

Quando tratamos da trajetória histórica do Bairro de Santana e dos objetos e práticas culturais presentes nessa sociedade, precisamos levar em conta a multiplicidade de indivíduos que interagem no espaço, considerando assim a proposta de Chartier, sobre as diferentes modalidades de apropriação dos objetos e práticas pelos sujeitos (CARDOSO, 2000:10, 12). Levamos em conta, também, a questão do *Habitus*, pois, reconhecemos o indivíduo como detentor de “liberdade individual nas escolhas”, e também reconhecemos a

existência de “um repertório cultural específico” (BURKE, 1991 apud CARDOSO, 2000:15), do qual cada indivíduo faz sua leitura, segundo inúmeras variantes.

Feitas tais considerações, elegemos alguns elementos que, a nosso ver, são importantes para que compreendamos (ao menos em parte), o repertório cultural da comunidade santanense no período dado (a saber, de meados da década de 1940 a fins da década de 1960). Ressalta-se, contudo, que não pretendemos reduzir as interpretações possíveis a estes elementos, trata-se apenas de um dos vieses possíveis de análise.

Considera-se, pois, três eixos temáticos: a relação do bairro de Santana com a Igreja católica; com as indústrias locais (principalmente a Tecelagem Parahyba) e, com relação à cidade de São José dos Campos. O modo como os sujeitos sociais se articulam em função destas relações e de outras possíveis (que não serão discutidas aqui), ao longo do processo histórico, revela-se nas representações que esta comunidade produz. Pois,

para se relacionar com o mundo real, cada cultura constrói, a partir das práticas sociais, representações deste, as quais acabam orientando, novamente, as suas práticas sociais. **As representações são, assim, a forma de conhecimento da realidade que cada sociedade constrói e reelabora através de lutas constantes.** Tendo que diversas representações convergem e divergem em um mesmo tempo e espaço, o imaginário social e, justamente, um campo de lutas entre representações. **Para a compreensão do real, ha um processo de significação e associação com símbolos ja existentes no imaginário daquele grupo.** Até o desconhecido é pensado a partir de símbolos já conhecidos. Uma realidade, assim, nunca é apreendida de forma pura, sempre e apropriada e simbolizada, consciente ou inconscientemente, pelos grupos que dela se aproximam (CHARTIER (1990); BOURDIEU (1989) Apud KERBER, 2004: 63-64) **[Grifo nosso]**

Destarte, a visão de mundo de determinado grupo e o modo como os seus integrantes compreendem o real, se dá por intermédio de imagens e símbolos vindos do imaginário do grupo (Idem). Desta forma, depreende-se que as histórias sobre Maria Peregrina, encontram-se cheias de

representações do real, formadas com base em símbolos e imagens já presentes no imaginário¹⁵ social (Ibidem).

3.1. Santana e a Igreja Católica

De acordo com a Urbanista Waldecy Serafim Ramos, uma das características fundamentais do Bairro de Santana, no início do século XX, é a preponderância cultural das práticas religiosas católicas associadas às tradições mineiras (RAMOS, 2008: 85). O catolicismo não é apenas numericamente proeminente neste cenário como também se mostra capaz de ditar a tônica da vida cultural e social do bairro.

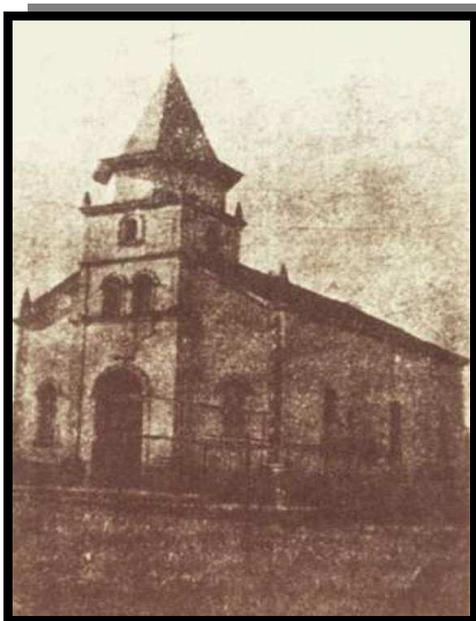


Figura 11: Matriz de Sant'Anna (s/d)

Fonte: Arquivo Público Municipal

¹⁵ De acordo com François Laplatine o Imaginário pode ser definido como “a faculdade originária de pôr ou dar-se, sob a forma de apresentação de uma coisa, ou fazer aparecer uma imagem e uma relação que não são dadas diretamente na percepção [...] O imaginário faz parte da representação como tradução mental de uma realidade exterior percebida, mas apenas ocupa uma fração do campo da representação, à medida que ultrapassa um processo mental que vai além da representação intelectual ou cognitiva (LAPLATINE; TRINDADE, 2003: 24-25). Desta forma: “o imaginário rompe com as fronteiras do tempo e do espaço e, em sua lógica própria [...] corporifica idéias, valores e qualidades significativas para a coletividade” (Idem: 41)

Um fato que demonstra a ação da Igreja como condicionante da vida social de Santana, é a importância dada às festas religiosas, neste momento. Pode-se considerar, inclusive, que as festas religiosas são marcos fundamentais do calendário local, e exercem a função de “organizadoras” do tempo e das práticas sociais.

Pode-se perceber, por exemplo, a importância da função organizadora destas festas no cerne da comunidade pela greve dos trabalhadores da Tecelagem Parahyba em 1935, motivada pela recusa dos patrões em permitirem que os empregados participassem de uma tradicional festa em honra à Padroeira Sant’Anna. Conforme noticiou o jornal Correio Joseense de 17 de fevereiro de 1935,

os Factos: podem elles ser assim resumido: na noite de sábbado, dois decorrentes; operário da 3ª turma de tecelagem da Tecelagem Parahyba S.A. procurou a gerência daquelle estabelecimento, solicitando dispensa do trabalho naquela noite. Essa turma trabalha a noite entrando às 22 horas e saindo as 6 da manhã. O pedido foi feito pouco antes da hora de entrada. **Os operários justificaram suas atitudes com o desejo de assistir a festa de Sant’Anna.** Os patrões que recusaram attendê-los defendê-lo a sua attitude fundados na necessidade de manter a disciplina do trabalho, já que tal pedido era meio pretexto para uma agitação que elementos extremistas já algum tempo preparavam. Fundada nesta necessidade de manter disciplina, a direcção da fábrica fez afixar um aviso no dia seguinte, domingo, dispensando os faltosos e convidando-os a vir receber seus salários. Interpretava a attitude delles como um gesto de rebeldia. No dia immediato segunda-feira desde cerca das 13horas que começavam os dispensados da 3ª turma a se aglomerarem de frente aos portões da fábrica. Insistiam em falar a direcção, mas essa que já previa qualquer desfecho grave, pois não era pequena a exaltação dos ânimos resolveu não attendê-los (Jornal Correio Joseense **[Grifo nosso]** (17-02-1935, nº 617 Secção Livre)

Embora a festa religiosa possivelmente não seja o real, ou pelo menos o único elemento fomentador da greve, é importante perceber que a utilização da desta festa como “justificativa” de um movimento, já em vias de ação, é por si só significativo de sua relevância.

Além de se estruturar e organizar seu tempo e ritmo de vida em torno das atividades da Matriz de Sant'anna, a comunidade se encontra também, de forma bastante contundente, influenciada pela atuação religiosa, moral, social e política do seu pároco, monsenhor Luiz Gonzaga Alves Cavalheiro, que chefiou a Igreja local entre 1943 e 1991.



Figura 12: Festa Religiosa em Santana (s/d)
Fonte: Site Click Bairro (<http://clickbairro.net/2010/01/fotos>)

Para Ramos, são diversas as situações nas quais é possível entrever o alcance da atuação do presbítero sobre a estrutura social do bairro. De acordo com a autora, o padre não só influenciava as opiniões políticas da comunidade, proferindo sermões dotados de uma clara campanha anti-comunista, como se colocava como representante da comunidade frente à edilidade e aos empresários locais. Consta que fábricas situadas na região, como a Tecelagem Parahyba, costumavam encarregá-lo de “indicar” pessoas que considerasse adequadas para congregar seus quadros de funcionários. É comum entre os moradores mais antigos do bairro a referências aos “bilhetinhos” que, escritos pelo Padre, garantiam a contratação imediata pelas indústrias (RAMOS, 2008: 97-98).

Pode-se dizer, portanto, que a vida social em Santana encontra-se, nesse período, profundamente ligada às atividades religiosas. A “aceitação” ou inserção social de um indivíduo nessa comunidade passa constantemente pelo crivo da religião. Embora não possamos generalizar, é inegável que os sujeitos são afetados por essa dinâmica, embora a recebam e interpretem de maneiras diferentes (CHARTIER Apud CARDOSO, 2000: 12-13).



Figura 13: Procissão em Homenagem à visita da Imagem de Nossa Senhora de Fátima á Matriz de Sant' Anna, 1953

Fonte: Site Click Bairro (<http://clickbairro.net/2010/01/fotos/>)

3. 2. Santana, as Indústrias e a Cidade

Além do aspecto religioso, os fatores econômicos e políticos com os quais os sujeitos sociais interagem são de fundamental importância à nossa

discussão. Dentre eles, a relação do bairro com as Indústrias é especialmente proeminente.

Durante a primeira metade do século XX, o setor industrial joseense encontrava-se quase que exclusivamente restrito à Região Norte, pois a Cidade, conhecida desde fins do século XIX por abrigar diversos centros de tratamento para moléstias respiratórias, torna-se, a partir de 1935, uma Estância Climatoterápica.

De acordo com Zanetti, esse título tem uma implicação prática para os poderes municipais, pois concede o financiamento Estatal que permitiria, nos anos seguintes (década de 1950 em diante), o desenvolvimento infraestrutural e econômico da cidade (ZANETTI, 2009:62). Ramos ressalta que a elevação a Categoria de Estância, em 1935, exigiu da municipalidade uma série de adequações na estrutura urbana e administrativa, que determinavam desde reformas urbanísticas até a obrigatoriedade da nomeação, por via não-democrática, de prefeitos “sanitaristas” (RAMOS, 2008:45). A própria aplicação de leis de Zoneamento Urbano¹⁶ do espaço em São José foi uma das exigências para a ascensão à categoria de Estância (RAMOS, 2008:17).

No contexto da São José Sanatorial, a delimitação das Zonas tornou visível a distinção entre cidade e bairro, definido não só o “tipo de estrutura” e as “destinações” adequadas a cada região da cidade (RAMOS, 2008:16), mas a função social destes espaços. De acordo com Ramos,

a divisão espacial como estratégia para atender as necessidades funcionais da economia do município, especificamente orientado para acolher os doentes acometidos pela tuberculose, limitou as fronteiras [...] Definida por uma linha imaginária que separava as zonas de tratamento da tuberculose da promissora Zona Industrial (Santana), a política de Zoneamento, ao tentar organizar a administrar a cidade segundo orientações dos modernos princípios de urbanização, acabou

16 O Zoneamento Urbano pode ser definido, de acordo com Ramos como: “*Instrumento do planejamento urbano difundido durante o século XX, caracterizado pela aplicação de um sistema legislativo (normalmente em nível municipal) que procura regular o uso, ocupação e arrendamento da terra urbana por parte dos agentes de produção do espaço urbano [...] Normalmente, as leis de zoneamento restringem o tipo de estrutura a ser construída em dado local com base em atender a destinações variadas*” (RAMOS, 2008:16)

tornando a Zona Industrial uma área auto-sustentável com fortes apelos de emancipação política, que repercute ainda hoje na memória dos habitantes do bairro (RAMOS, 2008: Resumo)

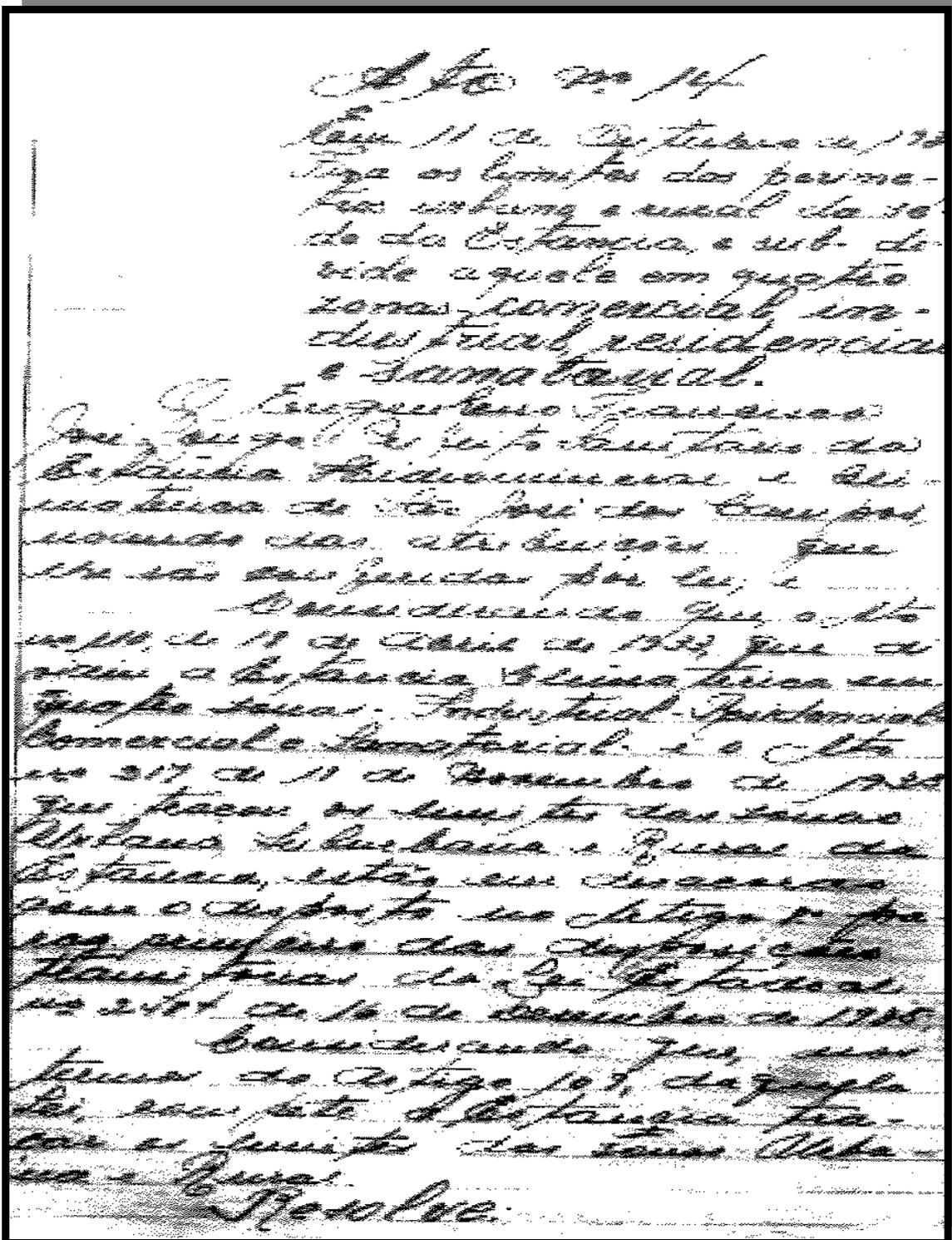


Figura 14: Fotocópia do Ato que determinou a divisão do espaço urbano em Zona Comercial, Industrial, Residencial e Sanatorial, 1932.

Fonte: LESSA, 2001, p. 62.

A distinção das funções sociais, urbanas e econômicas específicas de cada zona da cidade permeou, de certa forma, a construção de uma posição isolacionista do bairro de Santana em relação à cidade. São José é, nesse momento, uma cidade-estância cuja economia e política se articulam em função desta denominação, Santana é uma área componente da cidade que, no entanto, não se beneficia da doença. O bairro se articula justamente em função de sua exclusão da dinâmica sanatorial, passando a se organizar e se perceber a partir de sua função Industrial.

Antes mesmo da formalização da Lei de Zoneamento de 1938, podemos considerar, de acordo com Ramos, a instalação da Tecelagem Parahyba (1925) como ponto chave desta separação entre cidade e bairro. Aos empresários, com sedes em Santana, soava deveras ameaçadora a convivência entre doentes e operários (que deveriam ser saudáveis). O Incentivo dos patrões para “higienizar” hábitos e segregar o espaço da Indústria do Espaço da Doença foi crucial para determinar o isolamento do bairro (RAMOS, 2008: 92).



**Figura 15: - A fábrica de louças Santo Eugênio, após a inauguração.
Fonte: Site Guia SJC**



Figura 16: Operários da Tecelagem Parahyba reunidos em frente à fábrica, em 1923
Fonte: Site Guia SJC



Figura 17: Primeiras instalações da Cerâmica Paulo Becker.
Fonte: Site Guia SJC

Encontramos diversas fontes, em grande parte relatos de memorialistas, que evidenciam as disputas ocorrentes entre bairro industrial e

cidade sanatorial. Tais fontes buscam, na maioria das vezes, evidenciar o “orgulho santanense sobre o isolamento” (PINTO, 2007; MOURA, 2008; CESCO, 1992: 16). O memorialista Oswaldo Martins Toledo em seu livro “*São José, do Orlando, dos Campos, do Bacilo de Koch*” deixa bastante clara essa visão:

Aqui em Santana não há esse aspecto que a cidade apresenta (a presença dos tísicos); nós tínhamos a impressão que estávamos em outro mundo, porque eram mais pessoas da roça; e aqui não ficavam os doentes por causa da umidade do rio Paraíba. Graças a Deus, essas pessoas iam para a cidade (TOLEDO, 1995 Apud Ramos, 2008:110)

Um artigo publicado em 1937 (um ano antes da Lei de Zoneamento), pelo Jornal local *A Folha Esportiva*, ratifica as colocações de Toledo:

O seu clima é melhor que se possa desejar, estando separado o distrito de Sant’Ana, naturalmente, pela própria topografia da cidade de São José dos Campos que se acha localizada num planalto a 2 km da sede do distrito, sendo portanto, infundado qualquer receio ou prevenção das pessoas mal informadas que (sugestionadas pela impressão de que por ser São José dos Campos uma estância climatérica, encontram-se apenas pessoas enfermas por toda parte), desconhecem essa parte do Município onde a população é geralmente operosa e sadia, ocupando-se em todos os misteres, notadamente na Indústria e na lavoura (Jornal a Folha Esportiva, nº 512, 1937)

De fato, entre as décadas de 1920 a 1940, o bairro continuou a se firmar economicamente como setor industrial, ao passo que sua independência com relação à cidade se aprofundou. A região tornou-se equipada o suficiente para ser autônoma, dotada, entre outras coisas, de hospital, escolas, cinema, agência de correio (RAMOS, 2008:106). Essa consciência inspirou lideranças públicas a pleitearem, na década de 1950, a emancipação política do bairro,

alegando negligência da Prefeitura com relação aos seus interesses (PINTO, 2007 Apud RAMOS, 2008:111).

Embora a tentativa de emancipação da década de 1950 tenha sido vetada pela Câmara Municipal, a proposta de autonomia do bairro continuou a ser pleiteada. Em julho de 2011, foi apresentado novamente, por representantes do bairro, o projeto para a criação de uma sub-prefeitura na Zona Norte, com sede em Santana, conforme noticiado pelo jornal local *O Vale*:

Projeto de distrito na zona norte é apresentado a Cury

Os moradores da região norte de São José dos Campos aproveitaram a audiência pública com o prefeito Eduardo Cury (PSDB), realizada ontem à noite no bairro Altos de Santana, para formalizar o pedido da criação do distrito da zona norte. O Distrito dos Mineiros, como foi apelidada proposta em alusão ao fato de a área ser um reduto de migrantes de Minas Gerais, seria o terceiro distrito da cidade, e se juntaria aos distritos de São Francisco Xavier e Eugênio de Melo. O presidente da SAB (Sociedade Amigos de Bairro) de Santana, Rafael Cesar de Oliveira, afirmou que a decisão de encaminhar o pedido diretamente ao prefeito é uma forma pressionar a administração para realizar o projeto. “A gente precisa de uma administração regional, que é comum nas grandes cidades. Assim vamos ter os serviços essenciais agilizados e um contato maior da população com a administração”. O distrito iria reunir mais de 60 comunidades, desde a linha do trem, na divisa com o centro de São José, até a divisa com Monteiro Lobato. A proposta ganhou força depois que as lideranças comunitárias da região norte se uniram para cobrar mais atenção da prefeitura para a região. (*O Vale*, 7 de julho de 2011).

3. 3. Representação, Mito e Identidade

Após termos refletido sobre alguns dos elementos que perpassam a trajetória histórica deste espaço social e dos sujeitos que nele interagem, podemos caminhar para uma possível interpretação de nosso objeto (Maria Peregrina), buscando mensurar sua significação nessa dinâmica. Nossa proposta é, portanto, pensar como a construção do mito se articula no contexto histórico da industrialização joseense pós-1950.

O mito da Peregrina cumpre, a nosso ver, a tarefa de consolidar a identidade de uma comunidade, geograficamente restrita, que busca com base em seu repertório cultural e visão (visões) de mundo, se posicionar frente à situação social em que vive. Nesse sentido, Santana é palco da criação de um modo de produção religioso carregado de lógica e dinamismo próprios, que está em conformidade com aspectos culturais intrínsecos desta comunidade.

Sendo assim, entendemos o processo de urbanização e industrialização pós-1950 como fomentador de transformações sociais que, de certa forma, agiram sobre o cotidiano e na percepção de mundo destes indivíduos. Neste contexto, Maria Peregrina não surge como figura mítica anacrônica, e sim como uma construção decorrente de um processo histórico.

CAPITULO IV

O surgimento do mito

*“Nunca se soube a história da Maria Peregrina.
Pode ser qualquer uma que lhe dê sentido...
Porque isso é o homem: continuar buscando
mesmo quando a busca perdeu o sentido”
(Abreu, Luís Alberto. Maria Peregrina, 2000)*

Uma vez que nos propusemos a pensar Maria Peregrina como mito de um espaço-tempo específico é importante esclarecermos alguns conceitos relacionados a esta definição.

Compreende-se a devoção à Peregrina como um modo de produção religioso criado em consonância com os aspectos culturais e históricos da comunidade do bairro de Santana. Contudo, essas prática devocional emanam de uma construção mítica cuja a origem e função não são religiosas, mas sociais. Busca-se, assim, discutir a produção do mito a partir de sua função histórico-social, no âmbito da comunidade.

Henri Lefebvre, em seu estudo sobre mitos e ideologias urbanas (LEFEBVRE, 1999: 99-108) ressalta que o mote que nos permite caracterizar um mito como construção representativa de determinada sociedade (seja industrial ou agrária) não são os temas, personagens ou figuras dos quais se valem, mas sim as questões e problemas que se mostram capazes de responder (LEFEBVRE, 1999: 99). Sendo assim, um mito é considerado rural, por exemplo, por responder questões ou conflitos de uma sociedade rural e não simplesmente por se valer de imagens camponesas (Idem).

Pensa-se, desta forma, o mito da Peregrina, a partir de sua função no espaço social. Ou seja, ao caracterizarmos Maria Peregrina como o “mito de Santana”, ou ainda, como o “mito da industrialização joseense (pós-1950)”, não

o fazemos, simplesmente, por sua capacidade de evocar imagens e personagens destes nichos e contextos (embora o faça), mas pelas questões e conflitos desta sociedade, que busca responder.¹⁷

Entender Maria Peregrina como um mito datado e geograficamente situado, entretanto, não o limita ou o torna sem significado fora de sua comunidade e contexto. Pelo contrário, a intencionalidade principal deste estudo reside na compreensão de um processo amplo e carregado de interconexões que se rearrumam na dinâmica da história. Desta forma, buscamos relacionar as transformações sofridas no Espaço Urbano joseense entre 1930 e 1950, com as problemáticas e transformações que suscitaram, percebendo-as como fenômenos inseridos no processo histórico.

Neste contexto, o mito é construído a partir de elementos culturais da comunidade de Santana; a fim de responder aos questionamentos que o panorama histórico, econômico, político e social suscitou. Percebemos a função do mito no interior do bairro, contudo, não ignoramos a relação do fenômeno com processos que envolvem esferas exteriores, sejam municipais, estaduais e/ou nacionais.

Assim, apresentamos, ancorados na teoria de Certeau (CERTEAU, 1982), a santa popular Maria Peregrina como elemento capaz de reorganizar (implicitamente) a comunidade que se expande, desagrega e modifica-se em função do contexto. Trata-se pois, de uma forma de representação das contradições da modernidade, que se mostra capaz de reaproximar a comunidade em expansão (Idem) e garantir a diferenciação do grupo(s) social(ais) de Santana, em relação ao restante da cidade. O mito age, portanto, como elemento de coesão interna, ao mesmo tempo que se firma como símbolo de diferenciação entre Bairro e Cidade.

17 Da mesma forma, embora o mito de Maria Peregrina tenha sido pensado e divulgado a partir dos fins da década de 1960, ele pode ser considerado, de acordo com Lefebvre, um mito datado da década de 1950. Para Lefebvre: “A análise de um mito é necessariamente dupla. Ela busca os elementos desse mito e os remaneja num outro contexto. Os elementos podem prover de um período diferente daquele em que são reunidos, retomados e remanejados. Esse período data o mito, e não a origem (LEFEBVRE, 1999: 99)”. Sendo assim, o sentido e função do Mito está no *feedback* que concede aos conflitos e questões relativas ao espaço e aos sujeitos de Santana, na década de 1950. Se esta função é novamente evocada nas décadas seguintes (como no caso da nomeação de obras públicas em 2002) isso ocorre pela necessidade de resolver questões inerentes a um processo que foi desencadeado na década de 1950.

Ramos reuniu em seu estudo sobre Santana uma série de depoimentos orais de moradores do bairro que vivenciaram esse período de modernização. A maioria dos depoimentos são carregados de saudosismo pela época anterior à década de 1950. Transcrevemos abaixo um destes depoimentos

Moro em Santana há cinquenta anos, vim do sul de Minas acompanhando meus pais. Fizemos nossa vida aqui. O bairro era pequeno. **Cresci tendo tudo por perto, ia passear na praça da igreja, participava das festas do bairro, também ia ao cinema, quase não precisava sair do bairro.** Apesar do bairro não ter mais as mesmas coisas, eu sempre vou morar nessa região, **que saudades dos bons tempos [Grifo nosso]** (GODOY apud RAMOS, 2008: 113-114)

O livro de Benedito José Batista de Melo também traz trechos semelhantes:

Bons tempos aqueles, beber leite fresco, chupar mangas e cana. Quando passava logo cedinho em frente a árvore lá estava Maria Peregrina, na ocasião popularmente chamada de “Nêga-do-Saco” [...] esta negra velha que um dia foi chamada de “Nêga-do-Saco”, hoje ficou sendo conhecida como “Maria Peregrina” **[Grifo nosso]** (MELO, 1994: 28)

Tendo a industrialização joseense pós-1950 criado uma conjuntura econômico-social que ocasionou alterações na estrutura sócio-cultural da comunidade da Região Norte, e especialmente no bairro de Santana, a hagiografia de Maria Peregrina, com suas cisões e discordâncias, pode ser considerada o registro simbólico das mudanças e dos grupos distintos que vivenciaram tais mudanças. O saudosismo dos depoimentos acima demonstra que os sujeitos estabelecem uma diferenciação profunda entre o “antes” e o “depois” de 1950. Desta forma, ao inscrever-se na vida da comunidade a “Santa”

representa a consciência que ele (o grupo social) tem de si mesmo, associando uma imagem a um lugar [...] articula dois movimentos aparentemente contrários. Assume uma distância com relação às origens (uma comunidade já constituída se distingue do seu passado graças à distância que constitui a representação deste passado). Mas, por outro lado, um retorno às origens permite reconstituir uma unidade no momento em que, desenvolvendo-se, o grupo arrisca se dispersar. Assim como a lembrança (objeto cuja construção está ligada ao desaparecimento dos começos) se combina com a "edificação" produtora de uma imagem destinada a proteger o grupo contra a dispersão. Assim se diz um momento da coletividade partilhada entre o que ela perde e o que ela cria (CERTEAU, 1982)

Sendo assim, nossa hipótese é a de que Maria Peregrina, ao ser adotada como "santa", tem por função a manutenção da consciência de grupo de uma comunidade que se percebe na menção de uma dissolução, e mostra-se capaz de representar a comunidade atuando como elemento aglutinador, "um retorno às origens (que) permite reconstituir uma unidade"(Ibidem)

4.1. Os elementos da sintonia

Uma questão, contudo, permanece em aberto: o que torna Maria Peregrina a representante ideal da comunidade que a elegeu?

A região de Santana abrigou, evidentemente, figuras que se destacaram dentro da comunidade: clérigos, políticos, empresários. Sabe-se, também, da existência de moradores de rua cuja história de vida é semelhante à de Maria Peregrina. Surge, portanto, uma indagação: por que, justamente, a mendiga Maria tornou-se símbolo da comunidade?

De acordo com o historiador José Murilo de Carvalho a resposta para essa questão encontra-se no que ele define como "fulcros de identificação coletiva" (CARVALHO, 1990). De acordo com ele, é essencial aos candidatos a mito de um grupo, a existência de uma "sintonia" com as aspirações da comunidade. Os indivíduos eleitos como mitos são, na realidade

símbolos, encarnações de idéias e aspirações, pontos de referência [...] São, por isso, instrumentos eficazes para a atingir a cabeça e o coração dos cidadãos [...] Mas, como a criação de símbolos não é arbitrária, não e faz no vazio social, é aí também que se colocam as maiores dificuldades na construção do panteão cívico [...] tem de ter, de algum modo, a cara da nação¹⁸. Tem de responder a alguma necessidade ou aspiração coletiva, refletir algum tipo de personalidade ou comportamento que corresponda a um modelo coletivamente valorizado. Na ausência de tal sintonia, o esforço de mitificação de figuras políticas resultará vão [...] serão, na melhor das hipóteses, ignorados pela maioria e, na pior, ridicularizados (CARVALHO, 1990:55)



Figura 18: Vista interna do cemitério Maria Peregrina, 2011
FONTE: Acervo pessoal da autora

De fato, é preciso compreender, primeiramente, que Maria Peregrina é um caso ímpar para essa finalidade, por reunir representações suficientes para promover identificação com a comunidade, ao mesmo tempo em que se mostra

¹⁸ Não tratamos aqui, evidentemente, da legitimação política no sentido estrito da palavra, como propõe Carvalho. A finalidade da ação mitificadora, neste caso, é outra; contudo as colocações do autor nos são adequadas. Em outras palavras, se para Carvalho a criação de um mito é “um instrumento a serviço da legitimação de regimes políticos” (CARVALHO, 1990), para nós, a elevação de uma figura à condição de santo se usa dos mesmos elementos, pois busca “responder a alguma necessidade ou aspiração coletiva” além de corresponder ao que é considerado um “comportamento coletivamente valorizado” (Ibidem).

maleável, o suficiente, para incorporar quaisquer imagens que se façam necessárias. De acordo com Hernandes

As histórias vão sendo construídas. Por isso que o imaginário coletivo é algo extraordinário [...] o imaginário cria aquilo que quer, e ele se torna verdade. Porque na medida em que você divulga, ela começa a ser uma verdade. Então dela, da Maria Peregrina, tem muitas histórias. E todas elas, verdades... porque... ela fica no imaginário das pessoas como algo que... Aquela coisa: Será? E no “será”, nunca se descobre a verdade (HERNANDES, 2010)

O historiador Maurício de Aquino, ao dissertar sobre a devoção à Nossa Aparecida do Vagão Queimado em Ourinhos-SP, faz uma colocação bastante apropriada à nossa discussão

O modelo do relato [...] foi bem sucedido [...] isso porque vai ao encontro dos símbolos e imagens que compõem o imaginário religioso local. Aqui como em todo o processo histórico desta devoção, percebe-se as reconstruções da memória, sua reorganização em função das preocupações pessoais e coletivas do momento, engendradas por comunidades ou instituições. Memória que é sempre e constantemente negociada, construída (AQUINO, 2009:154)

No caso da Peregrina, podemos dizer, assim como Aquino, que a construção mítica se utiliza de símbolos e imagens que compõem o imaginário local. Mas, principalmente, surge de uma necessidade premente relacionada à percepção da Identidade de grupo, num momento de rupturas e transformações. A carência de fontes expande as possibilidades de identificação coletiva e individual e torna o mito adaptável àqueles que fazem uso dele.

4.2. A canonização popular e os “inelegíveis”

Compreendemos, desta forma, que dois elementos são importantes para “eleição” de Maria Peregrina como mito de Santana. Primeiramente, sua condição de indigente e, em segundo lugar, sua coerência com os valores tradicionais e católicos da comunidade em questão. Isoladamente, contudo, tais elementos não provocam o mesmo efeito. Para que compreendamos melhor essas considerações levemos em conta duas outras figuras que viveram em Santana, no período contemporâneo à Nhá Maria.

Uma de nossas depoentes relatou a existência uma personagem capaz de oferecer a mesma “plasticidade” necessária à incorporação de representações que a Peregrina permitia, e que teria vivido em Santana na mesma época que ela. De acordo com Hernandez, esse homem ficou conhecido como *Zé Pupu*:

tinha em Santana, que ninguém conhece, mas que eu conheci, coitado, ele tinha até um apelido feio, ele chamava Zé Pupu, não sei você já ouviu falar. Pois é, ele também era da minha infância [...] ele era um homem que tinha, provavelmente, um retardo mental e ele era gago. Muito gago. Só que ele era um cara mais azucrinado [...] enquanto a Maria Peregrina era uma mulher tranquila, que não mexia com ninguém. Ela passava por você, cumprimentava – “Bom dia!”. Se tinha crianças brincando ela falava “-Oi criança”. Então era uma pessoa sociável. O Zé Pupu não. **O Zé Pupu passava por você, te empurrava, jogava pedra e tal, a molecada saia correndo atrás dele...** [...] ele desapareceu. E a Maria Peregrina não **[Grifo nosso]** (HERNANDES, 2010)

E completa

o pessoal que morou mesmo em Santana naquela época do Zé Pupu, que sabe dele, mas ele tinha família, não era morador de rua. Mas a Maria Peregrina não [...] pela história de ser moradora de rua, mulher [...] Moradora ainda de rua era muito difícil. **Então ela marcou muito por isso também. Pelas peculiaridades, mulher, moradora de rua. Ser uma pessoa diferenciada no sentido de não ser uma pessoa vulgar, mal educada.** Ela não era mesmo **[Grifo nosso]** (Idem)

Nota-se, na fala da depoente, a clara distinção entre as atitudes de Nhá Maria e as de Zé Pupu. Percebemos nesse excerto que Zé Pupu não poderia figurar como mito dessa comunidade, pois sua conduta entra em choque com o padrão de comportamento socialmente desejável naquele contexto. Conforme diz Hernandez,

como a população tem necessidade de encontrar um salvador da Pátria [...] Maria Peregrina acabou sendo. Até pela história, pelo sofrimento [...] Eu nunca vi ela reclamando, falando palavrão, xingando, nada” (HERNANDES, 2010)

Outra figura proeminente na comunidade, que aparentemente poderia ser considerada um mito, foi o Monsenhor Luiz¹⁹, pároco da Igreja Matriz de Sant’ana entre 1943 e 1991. De acordo com Hernandez,

O Xerife [...] era o padre Monsenhor Luiz, que era terrível, ele chegava ao ponto da gente ir na missa, quando eu estava com uns doze ou treze anos, enfim. E aí, por exemplo, se a gente ia com uma blusa decotadinha, de manguinha assim [...] Quando ele ia lá pra falar, para fazer as pregações dele e tal, se você estivesse lá no fundo, com essa roupa ele falava: “- Oh! Fulana, filha de fulano e sicrano, vai na sua casa, troca de blusa e volta pra cá. E se você não voltasse pra missa. Na outra semana, quando você ia pra missa ele falava, ou se visse sua mãe na reza ou na igreja ele falava “-Olha, sua filha esteve aqui na igreja, eu mandei pra casa trocar de blusa e ela não voltou”. Ele era assim (Idem)

E continua:

Todo mundo morria de medo dele. E obviamente todo mundo ia na missa das dez levar as crianças, os adolescentes. Depois as mães iam na missa das sete [...] ele

¹⁹ Existem autores que o consideram um mito regional. Não ignoramos esse fato, porém consideramos o apelo popular à Maria Peregrina superior, numericamente, ao dirigido a ele.

cobrava e vinha atrás, e Santana era muito pequena e ele conhecia todo mundo sozinho. Ele então era o típico xerife mesmo. Todos os problemas a população levava pra ele e ele ajudava a resolver. Se não fosse atrás dele pra pedir ajuda ele ia na casa da pessoa. Então ele era um padre que, não sei se ainda existe padre assim. Depois ele foi subindo na escala, quando ele morreu ele era Monsenhor [...] Mas assim, era um cara bom. Era um padre. Mas ele era ai meu Deus, falava de todo mundo [...] falava da filha de fulano. Ah meu Deus, era muito engraçado. Hoje a gente acha engraçado, mas na época a gente tinha vontade de matar ele (Idem)

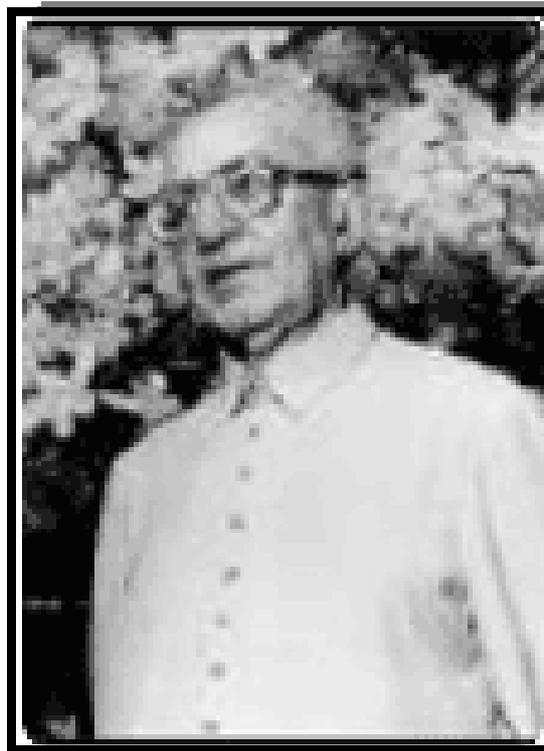


Figura 19: Mons. Luiz Gonzaga Alves Cavaleiro
Fonte: Site da Paróquia de Santana do Paraíba

Embora Monsenhor Luiz seja uma figura moralmente condizente com o padrão de comportamento desejável, por ser um clérigo, extremamente rígido e apegado às regras católicas, além de ser uma figura de liderança dentro da comunidade, o fato de ser uma figura dotada de uma biografia historicamente comprovável impede a “liberdade criativa” que a Peregrina permite. Da mesma forma, por ser um indivíduo tão intimamente ligado à Instituição Católica, impossibilita, em teoria, que pessoas não pertencentes Igreja Católica o venerem.

4.3. Os Santos populares: territorialidade e familiaridade

As práticas religiosas populares, possuem um caráter domiciliar e territorial que são fundamentais para sua compreensão enquanto formulações independentes da Igreja institucionalizada, sem ser no entanto dicotômicas. De acordo com a historiadora, Cásia Frade, em seu trabalho sobre a devoção popular à Santa Perna, em São José dos Campos

É sobretudo na devoção aos santos, estimulada pela hierarquia eclesiástica, que se pode observar a existência de um sistema que pode tanto incluir quanto excluir a proposta institucional, revelando variados modos de concebê-los, de se comunicar com eles, de atuarem, a partir da própria devoção (FRADE, 2006: 19)

É importante compreender que o culto ao santo popular é, via de regra, preso ao espaço geográfico e a certa noção de “familiaridade” entre santo e devoto, uma vez que, sem qualquer possibilidade de comprovação histórica, a devoção torna-se de pouca relevância fora do seu nicho. A veracidade de uma devoção popular é comprovada nas rodas de conversa, pela experiência pessoal: - “Eu vi”, - “Minha avó conheceu”, - “Minha mãe contava”; só possui força naquele espaço territorial, soando como incoerente aos que não comungam daquela realidade.

Por este motivo, a carga simbólica inerente às figuras populares pouco se alteram com a formalização canônica. Segundo a também historiadora Maria Aparecida Gaeta

As devoções construídas popularmente e cristalizadas na memória coletiva, embora parasitárias do mito e da oralidade, possibilitam uma experiência do sagrado. Sinalizam que os homens de Deus, na cultura popular, escapam às conformações, permitindo que os fiéis inventem o seu próprio cotidiano e que esse processo de santificação popular é tão eficaz e legítimo quanto o efetuado pelo Vaticano (GAETA, 1999: 72)

Ou seja, Maria Peregrina, não possui uma biografia historicamente válida, ao contrário dos santos canonizados, a respeito dos quais se realiza um processo investigatório sobre sua origem e história de vida, garantindo, em nome da Igreja Oficial, aos devotos que não o conheceram, que aquele indivíduo seja realmente “digno de fé”. Sobre santos populares nada se pode afirmar veementemente, desta forma, apenas as relações de proximidade podem compensar esta ausência de provas.

A obra de Melo nos dá um importante exemplo sobre como esta familiaridade se manifesta. Ao longo do volume, o autor deixa claro que sua propriedade sobre o assunto descende de seu *status* de testemunha ocular dos fatos. A constante repetição da primeira pessoa do singular : “Eu a conheci” (MELO, 1992:27), “Não era verdade, eu sei” (MELO, 1992:40), “Para mim isto é obra de Deus” (MELO, 1992:53), mostra como a proximidade do narrador com o objeto confere à narrativa valor empírico.

Sendo assim, embora sua canonização permaneça vetada pela Igreja Católica, por causa da inexistência de dados históricos acerca de sua vida e origem, registradas de forma escassa e divergente na tradição oral da localidade e nos registros de memorialistas, o culto se desenvolve. A sobrevivência do mito fora das determinações da Igreja fortalece a identidade do grupo, uma vez que a função social da Peregrina está na vinculação destas crenças com a vida cotidiana, independentemente da comporvação histórica ou da aprovação formal da Igreja.

Para Certeau , em *A Invenção do Cotidiano*, o diálogo entre popular e “oficial”, se dá por intermédio do entrecruzamento de *estratégias* e *táticas* produtoras de sentido. Ou seja:

As estratégias implicam lugares e instituições, um próprio que produz objeto, modelos e normas, enquanto as táticas, sem um lugar próprio e institucional, são maneiras de fazer, empregar o produzido [...]. Destarte, as ‘formas populares’ da cultura, desde as práticas do cotidiano até as formas de consumo cultural, podem ser pensadas como

táticas produtoras de sentido, embora um sentido possivelmente estranho àquele visado pelos produtores (CERTEAU apud AQUINO, 2009: 150)



Figura 20: Túmulo de Maria Peregrina, 2011
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Deste modo, compreendemos a construção do mito da Peregrina como tática produtora de significados, que surge do diálogo com as *estratégias* da Igreja Oficial. Esta relação não constitui uma dicotomia engessada, mas uma produção de significados de múltiplas direções. As *mutações* no relato hagiográfico da Peregrina relacionam a tentativa de coordenar o estabelecimento de uma tradição oriunda da Igreja tradicional com a necessidade de atender aos significados próprios produzidos pela comunidade e pelo contexto. Sobre o estabelecimento da tradição, Hervieu-Léger nos diz que

Se a invocação formal da continuidade da tradição é essencial a toda ‘religião’ instituída, é porque esta continuidade permite representar e organizar – desde que ela está posta sob o controle de um poder que afirma a memória verdadeira do grupo – a filiação reivindicada pelo fiel. Isto o torna membro de uma comunidade espiritual que reúne os crentes passados, presentes e futuros (HERVIEU-LÉGER, 2003 Apud QUADROS, 2009:872)

Ou seja, a inserção da devoção popular nos ditames das práticas oficiais da Igreja está relacionada à necessidade de colocar a “crença na Peregrina” no *hall* das estratégias já estabelecidas pela Tradição, o que lhe confere credibilidade e coesão numa comunidade estruturada em função desta Igreja.



Figura 21: Túmulo de Maria Peregrina, 2011
Fonte: Acervo pessoal da autora.

De fato, pensar historicamente a devoção à Santa popular Maria Peregrina é reconhecer a pluralidade de sentidos impregnados num objeto e numa prática cultural. Seja ou não compreendida como “Santa”, Maria Peregrina é uma expressão cultural que se articula em função do contexto histórico, refletindo as representações, práticas e visões de mundo de determinada comunidade.

Na dinâmica da nova sociedade urbana que estrutura pós-1950, valores novos e passados se entrecruzam, ressignificam-se e influenciam-se mutuamente. Sujeitos e espaço urbano e social conectam-se e dispersam-se.

Esse panorama complexo age sobre os sujeitos, que são agentes da História, produtores de cultura. Assim, a produção (cultural) mítica que daí emana tem ligação profunda com o contexto, com o espaço urbano e com os sujeitos sociais, demonstrando como a História, a Sociologia, a Antropologia e a Geografia são áreas do conhecimento que podem atuar concomitantemente, a fim de compreender, com maiores recursos e possibilidades, a sociedade, os indivíduos e a ação de ambos na História.

Considerações Finais

O que faz com que alguém adquira reconhecimento social dentro de sua comunidade, ao ponto de ser considerado digno de receber homenagens públicas? O que Maria Peregrina fez, para ser considerada especial pelos habitantes de Santana? Por que uma mendiga, aparentemente, sem nada de diferente, tornou-se mito?

Tais questões, não só perpassaram nossa mente quando nos dispusemos a discutir a trajetória de Maria Peregrina, de marginalizada a homenageada, como nos colocaram frente indagações profundas sobre o significado deste fenômeno, diga-se de passagem, incomum.

Nos caminhos (e descaminhos) da pesquisa compreendemos, contudo, que a originalidade deste acontecimento não revela um acaso, mas uma ação histórica com significação e sentidos próprios.

Partimos do princípio de que a construção do mito em Santana é produto de um processo histórico, que ocasionou transformações no espaço urbano e social, e, por conseguinte, na percepção de mundo e identidade daquela comunidade. Contudo, não esqueçamos que a construção mítica ocorre paralelamente ao desenvolvimento da devoção popular.

Embora não tenhamos nos aprofundado em discussões sobre a devoção, mas em reflexões sobre sentido social da construção mítica, não podemos negligenciar e tão pouco separar os dois fenômenos.

O fato de Maria Peregrina ser considerada santa, em uma comunidade permeada por concepções religiosas, é decisivo na expansão de sua fama, e cristalização do seu caráter mítico. O “ser considerada santa” é prerrogativa para adquirir o *status* de mito.

Assim, o reconhecimento social, que motivou homenagens públicas, ocorre em função da importância da devoção praticada naquela comunidade. Por sua vez, as origens dessa devoção são tão religiosas, quanto históricas, pois consideramos que tais fenômenos não são desassociados.

O surgimento da devoção não é casual, é fruto do contexto. Da mesma forma, a adoção desta devoção como escopo de uma construção mítica é, também, historicamente condicionada.

O que Maria Peregrina fez de 'especial', para ser considerada proeminente? Nada mais do que tornar-se objeto de devoção, num contexto no qual a criação de um mito se fazia necessária. Porém, não esqueçamos que a construção social da santidade de Maria Peregrina é condicionada, entre outros motivos, por sua capacidade de refletir modelos de conduta socialmente valorizados e pela carência documental acerca de sua biografia.

Cabe ressaltar, contudo, que nossa pesquisa seria deveras simplista, se apenas se limitasse a reflexões rasas e objetivas. Na realidade, a pesquisa histórica somente torna-se relevante na medida em que, rompendo a objetividade, permite compreender processos, tornando-se assim, significativa para sua área.

Desta forma, a significância pretendida nesse estudo não consistiu, apenas, em explorar a fundo determinado objeto, mas em fazer perceberem-se as diferentes possibilidades de interpretação que este objeto permite.

Por fim, a reflexão empreendida nessa pesquisa nos permitiu mensurar as interconexões existentes entre diferentes instâncias da vida social. Compreendemos como as movimentações no espaço urbano são, simultaneamente, resultantes e geradoras de processos históricos. Ao agir sobre o cotidiano dos sujeitos sociais, que são agentes da História e produtores de cultura, tais movimentações mostram como dinâmica histórica se opera na totalidade, envolvendo desde o espaço geográfico, a economia e a política, até questões subjetivas como ideologia, cultura e identidade.

Sendo assim, este estudo nos permitiu romper com uma visão compartimentada (e equivocada) que coloca a História como saber avulso e auto-suficiente. A História encontra-se inserida na realidade social e não deve ser analisada como ação isolada do cotidiano, dos sujeitos e do espaço; mas integralmente, valendo-se, para tanto, de diferentes áreas do conhecimento.

Referências Bibliográficas

AMARO, Madalena P. C. et all . *Vivenciando o bairro de Santana*. Trabalho de Graduação em História. São José dos Campos: Univap, 1999.

AQUINO, Maurício. *Para Além do popular e do erudito: uma análise da devoção a Nossa Senhora do Vagão Queimado*. Anais da XXI Semana de História da UNEP: Pesquisa histórica: fronteiras. Jacarezinho: 2009.

CABANAS, Ana; RICCI, Fábio. *Turismo em Necrópole: Novos caminhos culturais a serem explorados no Vale do Paraíba paulista*. Turismo Visão e Ação – Eletrônica v. 10, nº 03, p. 378 – 398, set/dez. 2008. Disponível em www.univali.br/revistaturismo. Acesso em 17 de julho de 2011.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma opinião sobre as representações sociais* in CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (org) *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000. (p. 9 – 29)

CARVALHO, José Murilo de. *Tiradentes: um herói para a República*. A formação das Almas: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.

CARVALHAL, Juliana Pinto. *Maurice Halbwachs e a questão da Memória*. Espaço Acadêmico, n. 56, jan/2006. Ano V. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/056/56carvalhal.htm>. Acesso em 19 de julho de 2011.

CERTEAU, Michel. *A invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, _____ .Uma variante: *A edificação Hagiográfica*. A escrita da História, 1982. Disponível em: [http://www.esnips.com/doc/17c1eaa1-d0b7-4670-bf84-e81ce0026ae8/Michel-de-Certeau---A-Escrita-da-hist%C3%B3ria-\(pdf\)\(rev\)](http://www.esnips.com/doc/17c1eaa1-d0b7-4670-bf84-e81ce0026ae8/Michel-de-Certeau---A-Escrita-da-hist%C3%B3ria-(pdf)(rev)). Acesso em 20/08/2009.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*, São Paulo: Diefel, 1990

COSTA, Samira Lima; MACIEL, Tania Maria de Freitas Barros. *Os sentidos da comunidade: a memória de bairro e suas construções intergeracionais em estudos de comunidade*. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 61, n. 1, 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v61n1/v61n1a07.pdf>

FRADE, Cáscia. *Santo de casa faz milagre: a devoção a Santa Perna*. Cadernos de Folclore – 16º volume. São José dos Campos: Fundação cultural Cassiano Ricardo, Centro de Estudos da Cultura Popular, 2006.

FRAGA, Estefânia; ROQUE, Zuleika. *Anchieta, mito fundador de São José dos Campos: possibilidades de pesquisa e interpretação* in PAPALI, Maria Aparecida (org). São José dos Campos: de Aldeia a Cidade, São Paulo: Intergraf, 2010. (p. 175 – 204)

GAETA, Maria Aparecida J. V. “Santos” que não são santos: estudos sobre a religiosidade popular brasileira. Mimesis, Bauru, v. 20, n. 1, p. 57-76, 1999.

HALBWACHS, Maurice . *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

_____. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

KERBER, Alessander. *O mito de Maria Degolada: estudo sobre as representações de um espaço da cidade de Porto Alegre*. Biblos, Rio Grande, 16: 63-71, 2004.

KHOURY, Yara. *Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história* in FENELON, Déa Ribeiro (org) et all. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d’água, 2000.

LAPLATINE, François; TRINDADE, Liana. *O que é Imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LEFEBVRE, Henri. *Mitos do Urbano e Ideologias* in LEFEBVRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. (pg. 99-108)

LOPES, André Camargo. *Os espaços da fé: um estudo sobre o campo religioso na perspectiva da religiosidade popular*. Mediações, v. 13, n.1-2 , p. 231-259, Jan/Jun e Jul/Dez. 2008

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1982.

MARTINS, Nara; BRAGA, Antônio. *Entre o mito e a fé: A devoção à Maria Peregrina em São José dos Campos*. Anais do XIII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica – INIC, São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2009.

MARTINS, Nara et all. *Representação social da tuberculose e do tísico na cidade de São José dos Campos (1930-1935)* in ZANETTI, Valéria (org) Fase Sanatorial de São José dos Campos: Espaço e Doença . São Paulo: Intergraf, 2010 Cap 3, pg 73 - 101

MOURA, Priscila Roberta et all. *Santana: Um “bairro-cidade” dentro de São José dos Campos*. Anais do XII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica – INIC, São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2008.

OLIVEIRA, José Oswaldo Soares et all . *Sant’Anna - São José dos Campos - Evolução Histórica e Diretrizes Urbanas*. São José dos Campos, Fundação Cultural Cassiano Ricardo, 1999.

PECHMAN, Robert Moses. *Pedra e Discurso: Cidade, História e Literatura* . Semear, 3. s/d. Disponível em http://www.lettras.puc-rio.br/catedra/revista/3Sem_06.html . Acesso em 10 de julho de 2011.

QUADROS, Eduardo de. *A invenção hagiográfica: mitohistorias de um santo em Goiás*. Fragmentos de Cultura. Goiânia, v19 n11/12, p 867-876, nov/dez, 2009.

RAMOS, Waldecy Serafim. *Políticas de Zoneamento e seus reflexos no urbano: um estudo do bairro de Santana, São José dos Cmapos entre 1920 e*

1950. Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional, São José dos Campos: Univap, 2009.

SANTOS, Ademir Pereira. *Arquitetura Industrial*: São José dos Campos. Fundação Cultural Cassiano Ricardo, 2006.

THOMPSON, E.P. *Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial: costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

THOMSON, Alistair. *Desconstruindo a Memória: Questões sobre as Relações da História Oral e da Recordação*. In: *Projeto-História*. Revista do programa de Estudos Pós Graduated em História e do Departamento de História da PUC-SP. *Ética e História Oral*. São Paulo: Educ, n. 15, 1997.

VIANNA, Paula Vilhena Carnevale; ELIAS, Paulo Eduardo M. *Cidade sanatorial, cidade industrial: espaço urbano e política de saúde em São José dos Campos, São Paulo, Brasil*. Cad. Saúde Pública [online]. 2007, vol.23, n.6, pp. 1295-1308..

ZANETTI, Valéria. *Cidade e Identidade: São José dos Campos, do peito e dos ares*. Tese de Doutorado em História. São Paulo: PUC, 2008.

ZILLES, Urbano. *Lugar e Veneração dos Santos de Hoje*. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 37, n. 158, p. 491-507, dez. 2007.

Fontes Impressas

ABREU, Luis Alberto. Peça de Teatro Maria Peregrina, 2000. Disponível em <http://www.teatrodacidade.hpg.ig.com.br/texto.htm>. Acesso de 22 de setembro de 2009.

Jornal *Correio Joseense*, 1935 (17 de Fevereiro, nº 617, Secção Livre)

Jornal *A Folha Esportiva*, 1937 (nº 512, 1937, Ed. Especial)

Jornal *O Vale*, 2011 (7 de julho de 2011), Disponível em: <http://www.ovale.com.br/mobile/regi-o/projeto-de-distrito-na-zona-norte-e-apresentado-a-cury-1.128033?comments=20>. Acesso em 14 de agosto de 2011.

Fontes Orais

HERNANDES, Christina. 2010 (Depoimento Oral – Acervo Pessoal)

Fontes Memorialísticas

MELO, Benedito José de. Caderno de Folclore nº 6: *Maria Peregrina*, São José dos Campos: Fundação Cultural Cassiano Ricardo, 1992.

PINTO, Carlos Alberto Fernandes. *Monsenhor Luiz: o homem, o sacerdote e o mito*. Ed. Mogiana, 2007

TOLEDO, Oswaldo Martins. *São José, do Orlando, dos Campos, do Bacilo de Koch*. São José Dos Campos: JAC Editora, 1995

Anexos

REPORTAGENS JORNALÍSTICAS	78
Santos ‘populares’ atraem fiéis ao Vale do Paraíba (SP)	78
Maria Peregrina, santa da Região Norte	80
‘Maria Peregrina’ traz mito popular	81
Finados: Em São José peregrinação pelos túmulos mobiliza milhares de pessoas	82
Lei leva peça a 40 cidades.....	83
PRODUÇÕES ARTÍSTICAS.....	84
Excerto de “Maria Peregrina”, por Christina Hernandes	84
Poesia de Benedito José Batista de Melo.....	85
Poesia de Mario “repentista”	86
Peça teatral “Maria Peregrina” de Luis Alberto Abreu	87
ENTREVISTAS	101
Transcrição: Christina Hernandes	101
Documentação do Comitê de Ética em Pesquisa	109

Santos 'populares' atraem fiéis ao Vale do Paraíba (SP)

KEILA RIBEIRO da **Folha Vale**

Em 24 anos de papado, João Paulo 2º reconheceu como santos 464 pessoas, uma quantidade maior do que todos os seus antecessores juntos, mas o número, embora recorde, ainda parece insuficiente para a fé popular.

No Vale do Paraíba, ao lado dos mais de 750 santos oficiais nos altares, a devoção popular venera andarilhos e peregrinas, perna e cabeça de gesso, crianças e mulheres que tiveram mortes trágicas ou pessoas que cultivaram uma religiosidade intensa.

Alguns santos "populares" do Vale atraem romarias de outros Estados e têm até santuários ou capelas e festas que integram os calendários oficiais das cidades. Quando não há um local para veneração, atraem devotos para onde estão enterrados, principalmente no feriado de Finados.

A devoção aos santos não-oficiais muitas vezes é associada à dedicada àqueles que já têm a santidade inquestionável.

Os fiéis que fazem peregrinações ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, por exemplo, quase sempre aproveitam para ir a Cachoeira Paulista e visitar o santuário de santa Cabeça ou, mesmo em Aparecida, orar no túmulo do padre Vitor, que está em processo de canonização.

"Meu menino estava com problema de cabeça e melhorou. Saí com ele do hospital e vim direto agradecer. Sou de Resende (RJ), mas, sempre que vou a Aparecida, passo no santuário de santa Cabeça", diz a dona-de-casa Rosália Flausina de Gouveia, 51. As jornalistas Cristine Gonçalves e Leandra Rocha reuniram a história de 11 desses santos no livro "O Vale dos Santos - Misticismo e Histórias das Santidades Não-Oficiais do Vale do Paraíba", mas estimam que a região tenha até cem santos populares.

Dos 11 citados no livro, três já pleiteiam um lugar nos altares _padre Rodolfo Komorek e madre Teresa de Jesus Eucarístico, de São José dos Campos, e padre Vitor, de Aparecida, já são considerados servos de Deus, primeiro estágio da canonização. O reconhecimento pelo Vaticano garante a veneração em igrejas no Brasil e em outros países, além da inclusão do santo no calendário católico e no catálogo de exemplos de santidade, o que garante o culto público.

Cabeça de gesso

Em Cachoeira Paulista, uma cabeça de gesso encontrada no rio Tietê por tropeiros recebe romarias de devotos de todos os Estados, o que estimulou até a construção de um santuário.

No local, há uma sala de promessas que, a exemplo da encontrada na Basílica de Nossa Senhora Aparecida, traz fotos dos fiéis nas paredes. A imagem, que se assemelha a um anjo, é comparada à de Nossa Senhora. "Eu sou católica e devota de

todos os santos, por isso rezo também para santa Cabeça. Não importa a imagem, Maria é uma só", disse a devota Arlene Marciano, 42.

Em São José, outro objeto de gesso é alvo de veneração, mas as grandes romarias feitas há dez anos à capela de santa Perna foram substituídas por visitas esparsas, próximas a feriados.

Pessoas que passaram por sofrimentos também são vistas como santos. Mendigos e andarilhos, como o santo Desconhecido e Maria Peregrina, recebem a visita de pessoas em seus túmulos e são vistos como "milagreiros".

Terço no cemitério

"Sou devoto há 36 anos, desde que fui curado de uma bronquite pela intercessão de Maria Peregrina. Desde então, todos os dias, antes do trabalho, rezo um terço andando pelo cemitério e sempre termino no túmulo dela", diz o coveiro Joaquim Goulart.

Em Taubaté, Jacareí e Caçapava, o sofrimento dos venerados também motivou a devoção popular a três crianças _Menina Danielle, Menina Janaína e Menina Santa_, que morreram, antes de completar dez anos, por doença ou vítimas de violência. A veneração a esses santos é bem particular: os devotos deixam balas, doces, chupetas e brinquedos.

"A devoção não-oficial está ligada ao extraordinário e corresponde ao cristianismo primitivo, quando os homens escolhiam os santos e viam neles, pela vida incomum, a presença divina", afirmou o especialista em história das religiões Eduardo Basto de Albuquerque, da Unesp (Universidade Estadual Paulista) de Assis.

Segundo ele, a postura da igreja na seleção dos santos mudou somente há um século, quando o catolicismo passou a ser criticado e chamado de charlatanismo por causa dos avanços da medicina.

Para rebater as críticas, a igreja passou a utilizar métodos científicos para comprovar os milagres, mas continuou usando o estudo da vida dos venerados para confirmar sua posição de exemplo de virtude cristã para os fiéis.

Para a diretora do Museu do Folclore de São José dos Campos, Angela Savastano, que estuda a cultura popular, a devoção aos santos não-oficiais é espontânea e pode dar origem à canonização. "Já os chamamos de 'santos do povo', porque é o povo quem os escolhe sem seguir nenhuma orientação, sem a necessidade da comprovação de milagres. Ele aceita a cura como verdadeira e não precisa de mais nada. A canonização sempre começa depois."

Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 29 de dezembro de 2002. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u65704.shtml>. Acesso em 10 de maio de 2009.

Maria Peregrina, "santa" da região norte

Mulher andarilha que vivia nas ruas de bairros da zona norte de São José, dá nome a uma ponte em Santana

Alex Brito

Maria Peregrina, a mulher andarilha que peregrinou pelas ruas de bairros da região norte de São José, em busca de esmolas e comida, se tornou "santa popular" em razão de seu sofrimento. A mulher que se tornou símbolo da credence popular dos moradores de Santana, Alto da Ponte e Jardim Telespark dá nome à ponte Maria Peregrina, que liga dois bairros da região norte de São José.

Também conhecida como "nêga do saco", morreu de morte natural em 1964, na rua Jaguari, local onde morava embaixo de uma árvore, já extinta. Hoje uma legião de devotos rezam o terço todas as segundas-feiras em seu túmulo, em busca de graças. Para os moradores-devotos, Peregrina chegou do sul de Minas Gerais em meados da década de 40 para viver em sofrimento. Com um pano na cabeça, chinelos e um saco preto nas costas, ela percorria os bairros da região em busca de roupa e comida. Seu descanso era embaixo de uma árvore no Alto de Santana (a sua casa).

Passados mais de 40 após sua morte, ela ainda permanece viva na memória de quem a transformou santa. Caso do pedreiro José Carlos dos Santos, 48 anos. "Ela se tornou santa porque sofreu muito aqui na terra. E os pobres têm mais possibilidade de estar perto de Deus".

Mas a velha também fez parte do imaginário infantil. "Ah, eu morria de medo dela. Ela saía pedindo esmola pela rua e eu saía correndo. Quem desobedecia podia ser levado por ela", disse a operária aposentada Terezinha Maria Silva, 52 anos, moradora do Telespark.

Sua mãe, Eliza Vieira de Jesus, 84 anos, conheceu Maria Peregrina. "Dizia que tinha judiado da mãe, mas que havia se convertido. Ela queria sofrer para pagar seus pecados".

HOMENAGEM - A ponte que liga os bairros de Santana ao Jardim Telespark, na região norte de São José, recebeu o nome de Maria Peregrina em 12 de julho de 2002, por meio de projeto de lei da ex-vereadora Maria Izélia (PT). Mesmo sem registros oficiais, a peregrina se tornou parte das credences populares da região norte e até se tornou tema de peça teatral na região. A história de Maria Peregrina mas uma vez será contada por meio da comédia dramática de Luis Alberto de Abreu. A peça que já ficou em cartaz por cinco anos, volta a ser apresentada pela Cia de Teatro da Cidade no Centro Artístico Cultural Walmor Chagas, no próximo dia 18, a partir das 19h. Entrada gratuita.

Fonte: Jornal Vale Paraibano, 10 de Novembro de 2005. Disponível em <http://jornal.valeparaibano.com.br/2005/11/10/bairro/peregr.html>. Acesso em 25 de maio de 2009.

Jornal da Cidade

Exemplar avulso: R\$ 1,00 - Domingo: R\$ 1,50

Bauru, sexta-feira, 9 de agosto de 2002

Ano XXXVI - Nº 10

Divulgação



O figura - O músico Richeão é tema do documentário que será exibido hoje, às 20h, no Centro Cultural. **Página 34**

JC Cultura

Jornal da Cidade

Inclui Mídia News e Classificados Bauru, sexta-feira, 9 de agosto de 2002 - Página 33

‘Maria Peregrina’ traz mito popular

Peça da Companhia de Teatro da Cidade conta a história da andarilha que após a morte se transformou em “santa”

Texto: Da Redação

Maria Peregrina, também conhecida como Nega do Saco ou Maria do Saco, foi uma mulher que viveu por mais de 20 anos nas ruas de Santana, um dos bairros mais antigos da cidade de São José dos Campos, no Vale do Paraíba. De origem e razões desconhecidas, Maria morou debaixo de árvores e perambulou até morrer, em 1964.

Teria sido esquecida, como são todos andarilhos, se não tivesse deixado a vida para

os levantados sobre Maria Peregrina, transformando o espetáculo em três histórias distintas que narram o universo da personagem.

Desde sua estréia, a peça dirigida por Cláudio Mendel, viaja pelo Interior do Estado de São Paulo com sucesso de público e crítica. Com a peça, a companhia venceu a fase estadual do Mapa Cultural Paulista de 2002.

Em 2001, “Maria Peregrina” também foi premiada no 8º Festival de Teatro Prudente e participou da Mostra Estadual de 100 Anos

inspirou nas obras da figuristas de São José dos Campos e Taubaté.

O elenco da peça é formado por Andréia Barros, Vander Palma, Carlos Rosa, Marcio Douglas, Karina Muller, Conceição de Castro e Silvia King.

O grupo

A Companhia de Teatro da Cidade foi criada em 1990 como o Grupo Estável da Fundação Cultural “Cassiano Ricardo”, em São José dos Campos. Tornou-se independente

já produziu 14 espetáculos, percorrendo diversas cidades do país e contabilizando mais de 400 apresentações.

Em 2000, a Companhia de Teatro da Cidade pariu para um novo empreendimento: o Centro de Artes Cênicas “Walmor Chagas”, espaço aberto à comunidade, comprometido com a pesquisa e a difusão cultural.

Serviço

“Maria Peregrina”, com a Companhia de Teatro da Cidade, hoje, às 21h e amanhã, às 20h, no Teatro Municipal.



Personagem viveu pelas ruas de São José dos Campos

Finados: Em São José, peregrinação pelos túmulos mobiliza milhares de pessoas

Milhares de pessoas visitaram os cemitérios municipais de São José dos Campos nesta segunda-feira (2), dia de Finados. A movimentação foi grande durante o dia todo, mas registrou picos no período da manhã.

Muitos visitantes aproveitaram o dia não só para levar velas e flores para seus entes queridos, como também para participar de missas em intenção àqueles que já faleceram.

O repórter fotográfico do Agoravale em São José dos Campos, Lucas Lacaz Ruiz, esteve no cemitério de Maria Peregrina, em Santana, e constatou uma grande movimentação de visitantes no período da manhã.



População visita túmulos no cemitério Maria Peregrina, em Santana

O cemitério de Santana guarda uma curiosidade, que é o túmulo de Maria Peregrina, a quem são atribuídos vários milagres. Conhecida como "Nega do Saco" ou "Maria do Saco", Maria Peregrina é considerada uma santa popular, que costumava andar pelas ruas dos bairros de Santana e do Alto da Ponte, levando uma trouxa cheia de latas.

Maria mendigava por comida nas residências, mas não chegava a muita conversa: ela apenas aceitava a refeição em seus próprios vasilhames, que eram lavados em uma bica próxima à árvore sob a qual vivia.

Maria Peregrina faleceu no final da tarde do dia 9 de fevereiro de 1964, embaixo de uma cerca de arame, que ficava entre a via e sua árvore. O corpo dela ficou parte voltado para a rua e parte para a árvore. Diariamente o túmulo dela recebe dezetas de visitas e, no feriado de Finados, é um dos mais procurados por pessoas que buscam graças e milagres.

Com quase 54 mil túmulos, o cemitério Maria Peregrina teria recebido cerca de 5 mil visitantes durante o dia de hoje, conforme previsão da Secretaria de Administração da Prefeitura de São José dos Campos.

As estimativas do órgão apontam que os cinco cemitérios municipais receberiam 45 mil pessoas durante todo o Dia de Finados, nesta segunda-feira. Devido ao feriado, foi montada grade especial de horário de funcionamento, das 6 às 18 horas.

Fonte: Site AgoraVale, 02 de novembro de 2009. Disponível em <http://www.agoravale.com.br/agoravale/noticias.asp?id=18994&cod=1>. Acesso em 15 de julho de 2011.

Lei leva peça a 40 cidades

A montagem de 'Maria Peregrina', baseada em uma santa popular de São José, foi aprovada pela Lei Rouanet

Felício Carneiro



Attores de 'Maria Peregrina', peça de Luis Alberto de Abreu que foi aprovada pela Lei Rouanet

São José dos Campos

A Companhia Teatro da Cidade, de São José dos Campos, está em busca de patrocínio para o projeto "Maria Peregrina - Circulação e Divulgação", aprovado pela Lei Rouanet (lei federal de incentivo à Cultura).

O projeto prevê 100 apresentações do espetáculo "Maria Peregrina", além de workshops e material ilustrativo sobre a cultura popular. "Pretendemos viajar com a peça pelo Brasil, apresentando o espetáculo em 40 municípios do interior, São Paulo e mais duas capitais", afirmou o diretor de "Maria Peregrina", Cláudio Mendel.

A idéia é atingir um público de 50 mil pessoas. Até o momento, a peça já foi vista por 6.500 pessoas em São José dos Campos e Guarulhos, em 31 apresentações. "Maria Peregrina" estreou em São José no último dia 5 de maio.

O projeto está orçado em R\$ 223.810,00. O patrocínio pode ser exclusivo ou dividido em cinco cotas entre empresas e pessoas físicas, que poderão descontar o investimento posteriormente no imposto de renda.

"Estamos negociando com cinco empresas de São Paulo e Rio de Janeiro, mas só devemos ter uma resposta na segunda quinzena de novembro. Também apresentaremos o projeto para empresas de São José, Jacaré e Taubaté", disse Mendel.

trócinio para desenvolver o projeto, a Companhia Teatro da Cidade continua apresentando a peça na região. Após a passagem por Guarulhos, Jacaré e Taubaté.

A peça, dirigida por Cláudio Mendel e com texto do dramaturgo Luis Alberto de Abreu, tem seis atores no elenco e foi produzida com patrocínio da Johnson & Johnson, através da Lei Municipal de Incentivo à Cultura.

PERSONAGEM - "Maria Peregrina", com duração de uma hora, é inspirada na história real de uma mulher que viveu em São José dos Campos, a Maria Peregrina que dá nome ao texto.

Conhecida na cidade como Nega do Saco ou Maria do Saco, a personagem viveu mais de 20 anos nas ruas de Santana, um dos bairros mais antigos de São José. Após a morte-dela, em 64, passou a ser considerada santa popular, passando a integrar o universo folclórico da região.

Luis Alberto de Abreu construiu o texto a partir de pesquisas realizadas por folcloristas da região e pelos próprios integrantes da companhia. O dramaturgo dividiu o texto em três histórias distintas, que narram o universo de Maria Peregrina.

Quem quiser patrocinar o projeto "Maria Peregrina - Circulação e Divulgação" pode entrar em contato com Cláudio Mendel através dos telefones 321-5367 ou 3431-0344.

PEÇA - Enquanto não consegue o pa-

Home page

Biografia

Obras

Livro de visitas

Fale com a escritora

Maria Peregrina

Conta-se no vilarejo que aquela mulher que vivia pelas ruas com um saco nas costas e botava medo em tudo que era criança, após todo o sofrimento nesta vida carnal, virou santa lá pelos lados dos espíritos.

Hoje seu túmulo é cultuado e já estão reivindicando a ela, que era conhecida como "Mulher do Saco", a autoria de milagres de verdadeira peregrina. Mudaram-lhe o nome para Maria Peregrina. Que Deus a tenha!

Fonte: Site Christina Hernandes. Disponível em

<http://www.christina.hernandes.nom.br/Maria.html>. Acesso em 8 de outubro de 2011.

Poesia de Benedito José Batista de Melo

“Nhá Maria quando moça
Foi uma pobre sonhadora
Que sonhava em ser na vida
Uma nobre professora

Mas o destino deteve
Todo o seu querer
Com o que ela tanto sonhava
Nunca, nunca pode ser.

Seus sonhos todos falharam
Nem um se realizou
Pois se deu tudo ao contrário
Do que ela sempre sonhou.

A tal casa encantadora
Que ela sempre dizia
Não passou de umas árvores
Onde ela fez moradia.

E a bela sala de aulas
Que ela dizia ter
Era este mundo enganoso
Enganoso o sue viver

E as lições foram as estradas
Por ela tão percorridas
Embaixo de sol e chuva
Martirizando-lhe a vida.

Seus alunos educados
Que lhe ficaram na mente
Esses nunca existiram
Pois eram sonhos somente.

Quem existia para ela
E estavam sempre presentes
Eram os moleques malvados
Seus algozes inclementes
Que a apedrejavam nas ruas
Como se não fosse gente”.

Fonte: MELO, Benedito José de. Caderno de Folclore nº 6: *Maria Peregrina*, São José dos Campos: Fundação Cultural Cassiano Ricardo, 1992. (pg. 37-38)

Poesia de “Mário Repentista”

“Minha gente lá vem vindo

Nhá Maria do saco

Desviando dos buracos

E pisando ‘devagarinho’

Seu dedão arranca tocos

Suas unhas ‘roça’ caminho

Nhá Maria é corajosa

Vive morando nos matos

Não tem medo de aranhas

Nem de cobras, nem de sapos

Mas se aqui tivesse onça

Passava ela pro papo”

Fonte: Fonte: MELO, Benedito José de. Caderno de Folclore nº 6: *Maria Peregrina*, São José dos Campos: Fundação Cultural Cassiano Ricardo, 1992. (pg. 38-39)

Peça teatral “MARIA PEREGRINA”, de Luis Alberto de Abreu

A área de representação é demarcada por um tapete de retalhos, de aproximadamente 4m x 3m, decorado com motivos populares. Ao fundo da área de representação uma grande árvore. Atrás, fora da área de representação, está a área dos atores e músicos. Ali, à vista do público, os atores trocam de roupa, tocam as músicas, compõem personagens e armam a cenografia. A sugestão é que toda a cenografia seja constituída de varapaus de tamanhos variados que ajudem a compor com tecidos a cenografia. Tudo feito com poucos elementos que desde o princípio estejam à vista do público que deverá ver também sua manipulação. Ouve-se som de romaria ao longe. Entra o mestre, invade a área de representação, cumprimenta o público.

MESTRE: Boa noite. Não faz muito tempo e o mundo era outro. As casas eram poucas, espaçadas, e a terra, sem o asfalto e sem tantos prédios sobre ela, cheirava forte quando chovia. Lembram? À tarde, quase noite, o sino espalhava um som meio triste pelas largas distâncias do vale. Dom! Dom! Dem, Dom! Dem, Dom! Então, as pessoas faziam o sinal da cruz e recolhiam o cansaço do dia. Conversas nas janelas, café no fogão à lenha, histórias contadas antes do sono. Não faz muito tempo e o mundo era outro. As coisas todas eram outras. O tempo desfez. O tempo desfaz toda solidez. E o tempo faz. Como fez as coisas de hoje, tão diferentes. Mas o que o tempo desfez, a memória refaz. Refaz melodias, (A UM SINAL SEU O SOM DA ROMARIA TORNA-SE GRADATIVAMENTE MAIS FORTE.) reconstrói as poucas casas, retraça no papel branco da imaginação aquele tempo em que o mundo era outro. Um mundo de lembranças e pessoas que o tempo desfez. Mas a memória refaz.

PRIMEIRA HISTÓRIA – TEREZA E AVENTINO

(COM UM GESTO ENÉRGICO, O MESTRE FAZ INTRODUIR A ROMARIA. AFASTA-SE DA ÁREA DA REPRESENTAÇÃO EM DIREÇÃO À ÁREA DOS MÚSICOS ENQUANTO OS ROMEIROS ENTRAM. CANTANDO, TOCANDO E DANÇANDO CUMPREM UMA COREOGRAFIA ALEGRE EM VOLTA DA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO. DO MEIO DELES DESTACA-SE A MULHER DESMEMORIADA, INVADI A ÁREA DE REPRESENTAÇÃO. PARECE INDECISA. FINALMENTE SENTA-SE, SOBRE AS PERNAS, DEBAIXO DA ÁRVORE. OS ROMEIROS CONTINUAM A CANTORIA ATÉ CHEGAR AO LOCAL DOS MÚSICOS. O MESTRE, COM GESTOS LARGOS E NÍTIDOS, INDICA A CADA UM O SEU LUGAR. O ÚLTIMO DOS ROMEIROS, THEÓRFO, RECEBE DO MESTRE UM CAJADO E ENTRA NA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO. SORRI PARA O PÚBLICO.

THEÓRFO: ‘noite! (PAUSA) Ó, pra ocês não ficar no escuro do desconhecimento – eu sei que ninguém perguntou mas - vou logo dizendo que sou Theórfio, filho de Veradiana e de Bartolameu. Ou Leontino, não sei direito. Ocês não conhecem nenhum dos dois, conhecem? Não? Então, ocês tem a sorte que eu não tive! Vai daí que sou um sujeito à toa, filho de gente à toa, neto de gente à toa, de um lugar tão à toa que o que tinha de melhor era o rumo da saída! Num foi que um dia “arresorvêro” m’isoiê como representante do lugar? Era pra dar boas vindas ao bispo que devia de tá sem muito o que fazer pra esbarrar naquelas bandas. Fiquei fulo, chamei nome, casquei fora, vim'bora chutando pedra, montado em altas raivas! Eu, lá, vou querer ficar num lugar que de tão fulero iscoie um sujeito à toa como eu pra representante? Saí. Ruim lá, pior aqui. Tô alugando o almoço prá cheirar a janta, comprando doze pra vender uma dúzia, vendendo o pano de bunda pra comprar o pano da frente! E foi numa de minhas andanças, subindo pra depois descer, quebrando à direita pra’ mor’de poder virar à esquerda, indo errado em reta pra acertar caminho em estrada torta, no rumo de

Aparecida prá fazer promessa, foi que vi aquela mulher. Era tarde fria de junho. O sol enorme no horizonte pintava a gente e todas as coisas de um amarelo bonito. Foi numa tarde assim.

MULHER Foi. A mulher tinha um oco na cabeça, vazia de qualquer lembrança. Era como se tivesse chegado no mundo naquele momento, sem nenhum passado.

ROMEIRO Não lembraadinha de nada?

MULHER Nada. Tanto posso ser professora quanto prostituta.

ROMEIRO Não tem jeito da senhora saber mesmo, não é? Digo isso porque de professora não tô necessitado porque já sei ler e escrever mas ... (DÁ UM FORTE TAPA NA PRÓPRIA CABEÇA) Larga de pensar coisa, cabeça!

MULHER Disseram para rezar pra Maria Peregrina. Foi aqui que ela viveu?

ROMEIRO Dizem que sim. Viveu anos debaixo dessa árvore, ao relento, no frio, sozinha, sem família...

MULHER Purgando algum grande pecado, quem sabe?

ROMEIRO Quem sabe. Pode ser como pode não ser ao contrário do que se imagina porque o errado do certo só sabe quem conhece os certos do errado ao invés do que muita gente pensa. Se a senhora entendeu, me explica! (DE REPENTE MULHER COBRE O ROSTO E CHORA) Não fica assim! Foi alguma coisa que eu falei? Eu só falo besteira mas não é de propósito. É que eu sou besta mesmo! (MULHER RI NO MEIO DO CHORO) Isso! Rir é bom.

MULHER Não lembro nada. É horrível. Me ajuda!

ROMEIRO Ajudo, ajudo! Quem a senhora pode ter sido? Vamos tirar da lista mecânico, centroavante e soldado de quartel. (MULHER RI) Lembra a cidade? Algum parente? Mãe? (ATORES INICIAM MÚSICA DE FOLIA DE REIS. O MESTRE JÁ VESTIDO COMO AVENTINO SE DESTACA E AVANÇA PARA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO. A MÚSICA PARECE REAVIVAR A MEMÓRIA DA MULHER. ROMEIRO AJUDADO POR ATORES SE CARACTERIZA COMO ANTONIO)

MULHER Uma festa... há muito tempo. Uma rua de terra, vermelha... Os dias eram de muito sol.

AVENTINO O lugarejo de uma rua e poucas casas ficou pasmado ao ver aquele homem de fora avançar pela rua de terra vermelha. Mal reconheceram. Sou eu, gente! Aventino! Lembram não?

ANTONIO Mas é mesmo? É Aventino, gente? Depois de vinte anos? Selmo! Siá Cota! Aventino voltou! (IDENTIFICA-SE PARA O PÚBLICO) Sou Antonio e era companheiro de fé e fiança, de Aventino.

AVENTINO Oh, meu Deus, que subiu um aperto no peito, chegou aos olhos e quis desaguar em choro. (COM VISÍVEL ESFORÇO AVENTINO SEGURA A EMOÇÃO) Estavam ali, me olhando como alma vindo da morte... Companheirada boa! Mais velhos, mais prumados na vida, mas os mesmos... gente de comer junto o amargo e o doce dos dias!

ANTONIO Deu alegria de soltar rojão, de dançar catira, de gritar e correr feito moleque sem compostura! Mas, invés de desatinar em alegria boa, a gente silenciou com o coração gelado. A gente teve medo, muito medo. Mas disso eu falo depois. (ATORES DÃO UM CHALE A UMA ATRIZ. A ATRIZ, COMO UMA VELHA, ENTRA NA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO)

AVENTINO Assim cheguei depois de vinte anos. Minha terra me recebeu como colo de mãe recebe um menino. Então, subi o caminho na direção da velha casa de minha mãe.

VELHA Não acreditei até vê-lo. Continuei não acreditando até gritar "Minha Nossa Senhora!", até correr e abraçá-lo. Continuo não acreditando até hoje. Ficou tão pouco tempo e se foi. (AVENTINO E A VELHA SE ABRAÇAM. SUFOCADA PELA EMOÇÃO) Ai, meu coração não se quebre! Ai, meu coração não estoure! Ai, meu Deus, que eu não morra agora! (A ATRIZ QUE INTERPRETA A DESMEMORIADA AJUDADA PELOS DOIS ATORES QUE RESTAM FORA DA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO RECEBE ELEMENTOS QUE A IDENTIFICAM COMO TEREZA)

ANTONIO Pescamos, bebemos, rimos com Aventino como se não tivessem passado vinte anos. Mas, no fundo, estávamos todos com medo. Era uma cisma, sabe, pressentimento.

VELHA E ela?

AVENTINO Ela quem?

VELHA Você sabe. A bruca! Por causa dela envelheci só esses últimos vinte anos! Nunca gostei dela, nunca vou perdoar aquela filha de puta!

AVENTINO Não fala assim!

VELHA Não defenda aquela capivara na minha frente!

AVENTINO Mãe! Já passou, já sarou, da ferida não resta nem cicatriz nem marca.

VELHA Jura que não voltou por causa dela!

AVENTINO Voltei pra ver os velhos companheiros, pra ver a senhora, pra ver a paineira velha na beira da estrada. Saudade grande mandou que viesse, vim.

VELHA E ela?

AVENTINO A imagem de Tereza se desfez no ar, a paixão secou pela raiz e é pó que o vento varreu, mãe. Sossegue o coração!

VELHA Graças a Deus! O olhar dele estava limpo, sereno, sem mancha nem peso, por isso acreditei. Mas, ou porque meu coração bateu descompassado ou porque sei que o demônio mora no aço das armas, guardei punhal e uma velha garrucha que foi do finado pai de Aventino. (MÚSICOS VOLTAM A TOCAR E CANTAR MÚSICA DE FOLIA DE REIS)

AVENTINO Passaram dias, fez frio, seu Lico morreu de velhice, fez sol e então chegou o Sábado, véspera de Dia de Reis. Saí ao sol da manhã para encher os olhos com as paisagens da minha infância. Proseei com um, ri com outro, ouvi e contei casos, bebi na venda. Pela hora do almoço garrei rumo de casa.

TEREZA Mas o Destino chamou Tereza pra rua no justo momento de cruzar com Aventino. Eu, Tereza, era uma cabocla sestrosa, sacudida e bonita. Vinte anos só fizeram encher de vida e segurança minhas formas de menina. Cruzamos olhar. Eu parei, ele parou.

AVENTINO A alegria na venda parou, a respiração parou nas janelas e portas das casas, o movimento parou na rua e, em suspenso, as pessoas esperaram o resultado daquele encontro adiado por vinte anos.

ANTONIO Vinte anos atrás aconteceu o amor mais violento e sem regra que presenciei na vida. Paixão pra acabar em desgraça. Mas sem ninguém esperar Tereza abandonou Aventino pra ficar com João Dé. Ninguém entendeu. Então vi no olhar de Aventino o desejo de matar Tereza.

VELHA Vinte anos atrás gritei e segui chorando quando meu filho saiu de casa, faça na cintura, pra desgraçar aquela que nem digo o nome.

ANTONIO “Não faz isso Aventino!”, “Alguém corre avisar a Tereza!” “Esfria, homem! Não vale a pena!”

VELHA Ah, meu Deus, não permita!”

ANTONIO Foram os pedidos feitos enquanto Aventino seguia pela noite no rumo de Tereza.

TEREZA Vinte anos atrás ele veio e eu me vi morta esfaqueada por sua fúria. Ele tinha um olhar cego que eu nunca mais quis lembrar. Fechei os olhos. Quando abri ele não estava mais.

ANTONIO Foi pra longe sem uma palavra de despedida. Ninguém entendeu. Só voltou vinte anos depois para esse encontro que todos temiam. (LONGA PAUSA)

VELHA De quando em quando me escrevia ou algum conhecido trazia notícias de suas saudades.

AVENTINO Como vai, Tereza?

TEREZA Bem. Soube que tinha voltado.

AVENTINO Voltei. Dê lembranças a João Dé, seu marido.

TEREZA Serão dadas.

ANTONIO (LONGA PAUSA) Não aconteceu o esperado. Nem raiva renovada, nem fúria repentina. Ninguém entendeu.

AVENTINO O céu claro daquele dia acabou em noite estrelada. Saí pra ver a Folia de Reis. (ATORES COMEÇAM A CANTAR E TOCAR FOLIA MUITO BAIXO) Estava feliz. Era bom estar no meu lugar, no meio de gente minha, sem carregar peso nem sombra na alma. Abracei minha mãe e fui.

VELHA Não devia tê-lo deixado ir. Desde o começo eu sabia o que ia acontecer coisa ruim. Não devia ter sido mãe, devia ter sido pedra e mandado ele ir embora na hora que chegou, depois de vinte anos. Mas eu queria tanto meu filho comigo! (ENXUGA OS OLHOS) E depois, a alegria dele e a minha felicidade me enganaram completamente. (ATORES DANÇAM E CANTAM A FOLIA DE REIS, A PLENOS PULMÕES, FORA DA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO. CANTO E DANÇA CESSAM)

AVENTINO Eita!, que eu queria que o mundo se acabasse no meio de uma alegria assim! Eita!, que eu devia ter voltado era mais antes!

ANTONIO Eita!, que a gente riu e farreou como nada, como nunca! Alegrava a gente ver a alegria de Aventino! Então, um menino trouxe um recado. Me veio um estremecimento e eu soube. Mas não acreditei, não quis.

VELHA Era um menino que ninguém conhecia no lugar. Dizem que era filho de uns ciganos que passaram por lá. Nada! Era o próprio demônio que veio em pessoa a mando da bruaca.

ANTONIO Logo adivinhei, todos adivinharam, que o recado era dela. E tive, tivemos todos, medo do que ia acontecer.

AVENTINO Ninguém bebe do meu copo que volto logo. Meu lugar nem vai esfriar.

ANTONIO Foi. A música parou, a dança parou enquanto ele saía. De uma forma ou de outra todos já sabiam o que depois se deu. Siá Rita chorou e as mulheres se recolheram à tristeza das casas. Os homens principiaram contar casos e a rir sem vontade enquanto esperavam o desfecho duro.

AVENTINO (SAI DA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO E A CIRCUNDA) Povo bobo! Sei o que faço. Só voltei quando tive certeza que os anos gastaram todo o passado! Tem mais risco, não. Por isso atendi ao chamado.

TEREZA Chamei. Queria enterrar o passado, clarear pra Aventino o que fiz, porque fiz. Queria continuar em paz com meu marido, João Dé. Como estive em paz por vinte anos.

AVENTINO Dona Tereza! Dê licença de entrar?

TEREZA Não, seu Aventino. Não fica bem receber você dentro de minha casa sem meu marido. Vou aí pra fora. Saí pro terreiro. (TEREZA ENTRA NA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO) 'Noite.

AVENTINO 'Noite. (OS DOIS SE OLHAM CALADOS. DEPOIS SE APROXIMAM)

TEREZA Não quis, não entendi o que fiz. (BEIJAM-SE COM PAIXÃO POR UM LONGO TEMPO)

AVENTINO Então eu soube que estava desgraçado! Por que fez isso, miserável?

TEREZA Eu soube que ia morrer. Ali, na hora, eu soube que os vinte anos não se passaram. Não tive tempo de dizer isso a ele.

AVENTINO E antes que minha mão, sem meu consentimento, procurasse o aço da faca não tive tempo de dizer que não queria fugir por mais vinte anos pra domar o inferno que ela tinha acabado de reabrir.

TEREZA Entre o primeiro e o segundo corte não tive tempo de dizer que há vinte anos atrás eu, moça, tive medo da paixão desmedida. Por isso fiquei com João Dé.

AVENTINO Eu disse "não!" ao meu braço mas ele tinha golpeado já por duas vezes e sem me ouvir golpeou uma terceira vez o peito de Tereza.

TEREZA Quis dizer a Aventino que já não queria paz mas me faltou o ar. E me faltou fôlego pra beijá-lo de novo. E quis rir da ironia de morrer por beijá-lo e só ao beijá-lo me

perceber viva. E quis amaldiçoar os vinte anos mortos que vivi. (TEREZA DESFALECE NOS BRAÇOS DE AVENTINO)

AVENTINO Porque me beijou hoje, Tereza? E porque há vinte anos me deixou?

ANTONIO Era o que Aventino perguntava quando o encontramos vagando na noite.

Nunca entendeu Tereza. Nunca entendemos Tereza. Assim se conta essa história. Dizem que ele era homem vingativo por isso voltou.

VELHA Dizem que ela era o demônio, por isso seduziu e desgraçou Aventino.

ANTONIO Dizem que o homem procura sempre uma razão para o que faz. Às vezes não acha.

(MESTRE LIVRA-SE DOS ELEMENTOS QUE O IDENTIFICAVAM COMO AVENTINO E A UM GESTO SEU REINICIA-SE O CANTO DA FOLIA DE REIS. O CANTO E A DANÇA DESMONTAM A CENA. AOS POUCOS, SOB ORDENS DO MESTRE OS ATORES SAEM DA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO. FICAM ALI APENAS MULHER DESMEMORIADA E THEÓRFO.

SEGUNDA HISTÓRIA – TIODOR

THEÓRFO E então? Lembrou alguma coisa?

MULHER Nada.

THÓRFO Não lembra de ninguém, do lugar?

MULHER Não lembro, não lembro. Posso ser qualquer uma: uma mulher que viveu na cidade, a mãe de Aventino, Tereza...

THEÓRFO Tereza não pode, não! A Tereza morreu!

MULHER Eu também, às vezes, me sinto morta.

THEÓRFO (MEIO ASSUSTADO) Olha, dona, a senhora não brinca com isso! Já tá escurecendo e eu não gosto dessas conversas. Eu deixo a senhora aí, heim?

MULHER Desculpe. É que não ter lembrança é estar um pouco morto. Não lembrar das coisas e das pessoas dá uma solidão, uma frieza, parecida com a morte.

THEÓRFO (ASSUSTADO) Ih! (COMEÇA A SE AFASTAR) Eu bem que quis deixar aquela mulher esquisita ali mas eu estava indo a Aparecida pedir uma graça. Vai daí que, na hora, dá de Nossa Senhora perguntar: por que devo ajudar Theórfo se ele não ajudou quem precisava? Aí, tô lascado! (VOLTA) Ó, dona, eu fico e ajudo mas vamo mudar o rumo dessa prosa! Que mais a senhora se lembra além de Folia de Reis?

MULHER Uma cruz na beira de rio.

THÓRFO (FAZ O SINAL DA CRUZ) Ah, meu Deus!

MULHER Gozado! Andei o dia todo por essa cidade e não vi uma cruz em beira de estrada.

THEÓRFO (EXASPERADO PELO MEDO) Isso é coisa de antigamente ou desses lugarejos perdidos nessas brenhas do oco do mundo. A cidade é desenvolvida, dona! Em beira de estrada, agora, tem muro, prédio, posto de gasolina, MacDonald's, dona! Tudo é organizado! Lugar de cruz é no cemitério. Já são quase seis horas. Vamo mudar de assunto!

MULHER As horas abertas! Seis da manhã, meio-dia, seis da tarde, meia-noite. Lembrei que antigamente o povo acreditava que nessas horas os espíritos andam entre os vivos.

THEÓFO Não andam mais dona. Hoje em dia, seis horas é horário de novela, de congestionamento! E está muito bom assim! Ói, que eu deixo a senhora aí nem que seja preciso desistir de ir a Aparecida!

MULHER Alguém chamado Tiodor.

THÓRFO (SÓFREGO) Lembrou? Tiodor? Esse um eu conheci! Morava numa cidadezinha aqui perto. Cidade pacata, antiga, do tempo das Folias de Reis. Com a vantagem que não tem morte, nem cruz em beira de rio. Tiodor era um caboclin' miúdo, lembra?

(MULHER MENEIA A CABEÇA EM NEGATIVA) Mas vai lembrar! Vai escutando que a senhora lembra.

(A UM SINAL DO MESTRE TOCA-SE UMA MODA DE VIOLA E MESTRE E ATORES FORA DA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO NARRAM ENQUANTO PREPARAM A CENA E OS PERSONAGENS PARA A PRÓXIMA HISTÓRIA)

MESTRE Era uma cidade esquecida no tempo, provinciana, com um povinho parado, lerdo mesmo!

ATOR 1 Lá, notícia não entrava, nem saía. Uma pasmaceira de dar sono na hora que se acordava.

ATOR 2 Acontecimento lá era o sol nascer e se pôr, nascer e se pôr, nascer e se pôr. De vez em quando morria alguém e de vez em quando, em compensação, alguém nascia. Uma lerdeza de fazer raiva em tartaruga, de pôr lesma fora de si!

ATOR 3 Foi em lugar assim que eu, Tiodor, conhecido como Tiodorzim, nasci atrasado, de nove meses e meio. Cresci devagar como era de praxe naquele lugar e tinha o raciocínio de pouca rapidez que era prá combinar com todas as outras coisas do lugar.

ATOR 1 Era um custo um pensamento de Tiodorzim enganchar com outro pensamento de modo a emparelhar n'alguma idéia que prestasse.

MESTRE E não foi que no vai e vem das coisas, Tiodorzim veio se tornar o mais temido bandido da região, procurado cem léguas ao redor?

TIODORZIM Eu mesmo conto como foi. Eu estava ali, já rapaz, num Domingo à tarde, sem o que fazer, mastigando um talinho de capim e vendo paineira crescer, – já viu paineira crescer? É uma lerdeza! - quando me chegou o capeta do Jaíto mais o Quim.

(ENTRAM JAÍTO E QUIM)

JAÍTO Tiodorzim! Falaram que a dona do Honório espichou o zóio pr'ocê.

QUIM: Também ouvi dizer. Gabou muito suas pestana grossa, disse que ocê devia de ser home inteirado, de competência nas partes, capaz de contentar uma mulher, das veiz até duas!

TIODORZINHO Ara! É? Mesmo, mesmo? Era mentira mas, primeiro, que eu era sonso, coisa que sou até hoje um pouco. Segundo que na falta do que fazer qualquer coisa é aventura. Terceiro que a dona do Honório era mulher taludona, de tanta boniteza e melúria que valia a pena acreditar mesmo sendo mentira.

JAÍTO O que esmorecia um pouco Tiodorzinho é que o Honório era roceirão graúdo, troncuão, desenleado, forte feito pau de peroba.

QUIM Mas eu mais Jaíto tanto influímo, tanto atentamo que

TIODORZIM Fui! Cacei coragem e fui. “Assuntei”, “rodiei” e quando deu, garrei a proseá com a tar, conversinha sem tino nem tampo, falar de lua boa pra “prantá” “mio” e lasciar beijo em mulher dos outro. Fui assim mesmo, cheio de decisão! E “vortei” mesmo assim, mais decidido ainda, com uma tunda que tomei do Honório que até hoje tenho marca.

JAÍTO E eu lá sou homem de permitir que amigo meu apanhe desse jeito, Tiodorzim? Não me faça a vergonha de ter um amigo frouxo!

QUIM Isso! Não traz desaforo! Vorta lá e escora o homem na ponta da faca. Quero ver se ele é macho.

TIODORZIM Fui. O homem era. Apanhou eu, apanhou faca, apanhou até um viralata que eu tinha e que caiu na besteira de me seguir.

JAÍTO (INSUFLANDO) Prá revólver não tem macho!

TIODORZIM É, num tem!

QUIM Monte nos brio, home! Todo cavalo um dia acha seu domador! Toda cobra um dia acha uma que lhe morda e lhe coma!

JAÍTO Ocê num é piúca, ocê num tá chué! Ocê é cabôco turuna, sempre foi!

TIODORZIM Fui nada, mas na hora fiquei influído! Sempre fui, sim, Jaíto! Vorto lá e faço esparramo! Apanhei de tudo que é jeito: de revólver, sem revólver, na frente, nas costas, de

lado, por dentro, por fora! Era aquela prancha de mão quadrada do Honório que descia, voava, subia sem perder viagem. Esmoreci? Passarinho esmorece de brincar com cobra? Nem eu!

JAÍTO Eita, homem teimoso! “Arrodiava” o sítio do Honório, apanhava, falava desaforo, apanhava de novo, dizia nome, apanhava outra vez até Honório cansar.

TIODORZIM (CHORAMINGANDO) Pode batê, mas por último ocê vai virar corno na minha mão!

QUIM Foi assim que Tiodorzim principiou a ficar malvisto e a ganhar fama de desrespeitador de família e encenquero! Um dia veio pra riba de nós.

TIODORZIM Essa treta principiou co’ocês dois, seus desgranhento! E é co’ocês que vai acabar! Vou fazê zarabanda! Ocês vão dançá fandango e é agora!

JAÍTO Veio feito fera, destabocado, um só que parecia manada de cateto arrasando mata de taquaruçu! “Vortou” descaderado com tanto cascudo, piparote e trompaço que levou pra aprender.

QUIM Mas aprendeu? Aprendeu nada! Virou motivo de riso na cidade e xingou, puxou briga, apanhou. Um dia, ninguém sabe como, Tiodorzim virou macho e abriu um “taio” na cabeça do seu Palmerim, vereador, que nem pó de café estancou a sangüera. Só reza e promessa.

TIODORZIM Num fui eu não, gente! Ele se embolou comigo, caímo e ele lascou a cabeça numa pedra do chão.

JAÍTO Foi preso, guardado. Pegaram a ter medo dele. Chamaram juiz da capital pro julgamento. E chamaram promotor e devogado, meirinho, guarda, que no lugar não tinha nenhum vivente que prestasse pr’essas coisas de lei.

QUIM Cidade toda foi ver a bizarria do julgamento. Eu mesmo fiquei aluado de ver aquelas roupas, traje mesmo, aqueles modo fidalgo e aquela ventura de falar celência prá cá, meretrício prá lá, toda hora.

JAÍTO Promotor falou: porque o réu tem o coração empedernido, é homem renitente e recalcitrante. Olhem a cara dele, humilde, simples, mas não se deixem enganar, senhores jurados. Ele é e sempre vai ser contumaz!

QUIM Pra que o homem foi dizer uma coisa dessa, siô? Tiodorzim virou gato do mato em mundéu! Se arvorou em rebelde!

TIODORZIM Isso, não! Sou tudo mas contumaz não sou nem vou ser. Contumaz é o senhor e a senhora sua mãe!

JAÍTO Foi aquela zuada do povo. Juiz gritou:

QUIM Silêncio! Cala a boca!

TIODORZIM Então, manda ele calar também!

JAÍTO Julgamento é assim, seu ignorante! Pode continuar, senhor promotor!

TIODORZIM Ah, é? Então ele pode dizer nome e eu não?

JAÍTO Só o seu advogado pode falar, disse o juiz.

TIODORZIM Quem tá sendo xingado é eu! Que moda estúrdia é essa do devogado xingar nome no meu lugar? E os dois deve de tá de arranjo mode de que até agora o devogado não xingou o promotor.

JAÍTO Sente-se e cale-se!, trovejou o juiz. O senhor tá arriscado a pegar mais de cem anos de prisão!

TIODORZIM Depois eu é que sou inguinorante! Já tenho mais de vinte anos de vida. Num vou viver mais cem, sua besta!

QUIM Foi um custo a coisa seguir. Falou um, falou outro, testemunha, depoimento, caiu a tarde, entrou a noite. No fim prenderam os cabôco jurados, - uns matuto, tabaréu, guinorante mesmo, sem conhecimento, piorzinhos até que eu – prenderam numa salinha para o “tar” do veredito.

JAÍTO Passou hora, hora e meia, duas, três e nada. Noite alta saiu da sala um cabôco jurado, o Silico, que tem sítio pegado ao meu. E o juiz disse: chegaram ao veredito?

JURADO Sei disso, não. A gente tá lá reunido esperando algum cristão chegá e dize o que é pra fazê. Tem uma papelama pra escrevinhá e a gente não sabe onde é o pé e a cabeça disso tudo. Vim falá que num 'tamo gostando dessa moda de julgamento, não!

JAÍTO Juiz brabejou: pois, gostando ou não gostando, vocês voltem lá e se não trouxeram o veredito mando prender vocês também! E xingou: Data venia!

QUIM E assim foi noite a dentro: jurado nenhum saia da sala. Na beira da madrugada, com todo mundo estremunhado de sono, o juiz mandou abrir a porta da sala. E cadê os jurado? Sartaro a janela e "garraro" o mato.

TIODORZIM Eu, proveitei que o meirinho e os guardas tavam pestanando e m'iscafedi, ganhei mundo e torei estrada.

JAÍTO O juiz "vortou" pra capital e assim mesmo condenou o Tiodorzim assim, de revelia, que é quando o réu num tá presente. (MÚSICOS TOCAM NOVAMENTE A MODA DE VIOLA)

QUIM Quem diria, heim, Jaíto? Que um caboclinho como o Tiodorzinho fosse perseguido nessas largueza toda, pra mais de cem léguas.

JAÍTO É, quem diria que um sujeitinho à toa que a gente viu nascer e crescer fosse dar em facinora, criminoso de quatro costado! Tão dizendo que virou quadrilheiro, que tá fazendo viúva em todo esse sertão.

QUIM Pois, é. A gente ali, junto dele, correndo todo esse risco. Viver é um perigo! A gente nunca sabe.

TIODORZIM E desde então tô nessa vida de ficar nos esconso dos matos sem poder poisá o pé em cidade e povoado. Quanto mais quieto fico no meu canto mais minha fama de facinora cresce. Das vez dá vontade mesmo de ser chibante, bandido afrontador, sangrador mesmo! Mas qual, cadê coragem? Como e a mo'de que minha vida turtuviou? Só queria entender. Adianta jurar que não tenho crime? Nem cachorro louco acredita.

TERCEIRA HISTÓRIA – ÀS MARGENS DO PARAÍBA (sumidagawa)

MULHER DESMEMORIADA, SENTADA, QUASE O TEMPO TODO PERMANECE ENSIMESMADA, APESAR DO ESFORÇO DE THEÓRFO.

THEÓRFO Na vida, longe ou perto, corre o mesmo perigo o pasmado e o esperto. Eh, Tiodorzim! Lembrou? (MULHER MENEIA A CABEÇA)

MULHER Tiodor... Não é esse... Era um menino...

THEÓRFO Esse também foi um menino, dona! Se esse não serve eu não conheço outro. Já tá escurecendo, tenho medo de assalto, preciso ir . (DÁ UNS PASSOS) Quis ir mas parei e pensei que nesse mundo tem muito acontecimento estranho. E lembrei do caso do romeiro que ia pra Aparecida pedir graça, encontrou no caminho uma pobre necessitada, tratou mal e depois veio saber que a pobre era Nossa Senhora em pesso... (OLHA PRA MULHER) Será? Se for economizo caminhada até Aparecida. Dona, a senhora é... assim, por acaso... Nossa Senhora? Por acaso, não, desculpa o sacrilégio, por vontade de Deus! (MULHER NÃO REAGE) E se não for?

MESTRE Dizem que a noite é dos bêbados, das almas e dos bandidos.

THEÓRFO (ASSUSTADO) Ai, não fala assim! Tirando bêbado me pelo de medo de qualquer um! (A UM SINAL ATORES COMEÇAM A FAZER SONS E RUÍDOS E SE MOVIMENTAM EM TORNO DA CENA ENCHENDO THEÓRFO DE MEDO.) Não dá! Ó, dona, eu vou arriscar. Se a senhora for a Santa me perdoe, mas aqui não fico um segundo mais! (MULHER SUBITAMENTE GEME E COMEÇA A CHORAR) Que foi, dona? Não, chorar não! Não posso ver mulher chorar porque me lembro da minha mãezinha... (THEÓRFO TAMBÉM COMEÇA A CHORAR. NO ENTANTO, ENQUANTO O CHORO DA MULHER É DRAMÁTICO E DOLORIDO, O CHORO DE THEÓRFO EMBORA VERDADEIRO, POR CAUSA DE SUA EXPRESSÕES E ALGUM EXAGERO TEM RESULTADO CÔMICO. A IDÉIA É QUE TANTO O DRAMÁTICO COMO O CÔMICO CONVIVAM NO MESMO MOMENTO) Eu fico mas para de

chorar. Ó, vamos rezar pra Maria Peregrina que com certeza ela vai ajudar. (MULHER CESSA O CHORO) Mas vamo rezar logo que não estou gostando desse lugar.

MULHER Aquele era um bom tempo.

THEÓRFO Que tempo, dona?

MULHER Dessa história que você contou.

THEÓRFO Aquilo? Aquilo era tempo era tempo de antigamente, de gente sonsa. Tempo sem progresso, sem recurso. Cidade agora é desenvolvida, não é mais aquele desterro de antigamente.

MULHER Tempo mais simples, tempo em que se conhecia os vizinhos.

THEÓRFO Das veiz não é muita vantagem.

MULHER (SUBITAMENTE LEMBRANDO) Um homem magro, de chapéu e paletó. Ele tosse muito. Muitos homens, todos magros, quase vultos...

MESTRE Eles descem na estação de trem. Vêm de muitos lugares e sobem com dificuldade a ladeira em direção à parte alta da cidade. Arfam com o esforço e tosem, tosem muito. Muitos charreteiros não aceitam transportar os doentes. Têm medo. Muitos doentes sabem que não verão outras paisagens além daquela da cidade a que chegam: São José dos Campos.

THEÓRFO São os tuberculosos, dona! A senhora é daqui mesmo. Aqui tinham muitos sanatórios. Lembra a rua que eu te levo lá.

MULHER A cruz à beira do rio!

THEÓRFO Não fala em cruz de alma nessa hora da noite, dona! É aqui mesmo. O rio é o Paraíba, só pode ser.

MULHER A cruz marcava a sepultura do menino, do Tiodor.

THEÓRFO Quem era esse menino?

MULHER Não sei.

THEÓRFO Aquela mulher não sabia muito mais.

MESTRE Aquela mulher, como qualquer um de nós, sabia muito pouco sobre si mesmo.

MULHER (LEVANTA-SE) Aquela mulher, com esforço, buscou imagens de um passado que não sabia se era seu: um barqueiro às margens do rio, um viajante, uma louca andarilha. (ENQUANTO MULHER FALA OS OUTROS ATORES AJUDAM A COMPOR A CENA. A MULHER COMPÕE A LOUCA, MESTRE COMPÕE O BARQUEIRO, THEÓRFO O VIAJANTE. BARCO, RIO SÃO COMPOSTOS A PARTIR DE POUCOS ELEMENTOS. MESTRE GESTICULA E A MÚSICA COMEÇA. MESTRE ENTRA NA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO. CONDUZ UM BARCO E CANTA.)

BARQUEIRO Sou barqueiro do rio Paraíba

De quando havia barcos,

De quando havia peixes

De quando havia rio

Que tal nome merecia.

Quando o rio era via

Viajantes este barco

Transportou.

Agora é só um marco

De um tempo que passou.

Sou Barqueirôôô!

(ENTRA VIAJANTE NA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO)

VIAJANTE (GRITA) Ei! Ei! Ei! Barqueirôôô!

BARQUEIRO (CANTA) Sou Barqueirôôô!

VIAJANTE Não me ouve. Invejo essa alegria que é maior do que meu grito. Queria eu ter essa alegria.

Há dias, meu amigo, venho de longe, andando vastas distâncias, sou homem preso aos caminhos. Peregrino como tanta gente que ainda espera depois de perder toda esperança. Porque isso é o homem: Continuar buscando mesmo quando a busca perdeu o sentido. Ei! Ei! Ei! Barqueirôôô!

BARQUEIRO (OUVINDO) Eeeeeiiii! (VIRA O REMO QUE SIMBOLIZA O BARCO NA DIREÇÃO DO VIAJANTE)

Ah! Um homem inteiro! E tem o aspecto sereno!

Coisa rara por aqui onde só se vê gente em pedaços: gente cuja doença deformou, mutilou o corpo, ou arrancou parte da alma. Gostaria de ser livre como aquele homem ao invés de estar preso a esse barco. E ter de ver a dor humana desfilar diariamente em direção à Esperança de Aparecida.

É triste minha profissão e é por isso que eu canto. Sou barqueirôôô! (ATRACA O BARCO) Bom dia, senhor!

VIAJANTE Bom dia! Dá pra me atravessar?

BARQUEIRO Só se for de barco. (RI) Onde está indo?

VIAJANTE A Aparecida. Está bonito o seu barco enfeitado com tantas flores.

BARQUEIRO Os barcos todos estão enfeitados. Do outro lado do rio vai ter novena em celebração... (DEPOIS DE COMPOSTA PELOS ATORES A LOUCA ENTRA NA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO. CHAMA O BARQUEIRO COM GESTOS QUE COMPÕEM UMA COREOGRAFIA ESTRANHA E LÚDICA INTERROMPENDO A FALA DELE.

MÃE Ei, oi! Ei, oi! Barqueirôôô! Quero embarcar mas não tenho dinheirôôô! Quero casar mas não tenho parceirôôô!

BARQUEIRO Quem é aquela?

VIAJANTE Uma louca mansa. Cruzei com ela no caminho. É muito divertida, leva a vida sem preocupações.

BARQUEIRO Vamos esperar.

MÃE Amor de mãe só morre quando ela própria morre. Agora entendo essa frase que um dia ouvi numa tarde de chuva fina ainda em terras de Minas. Por onde andaré perdido o meu filho? Ele se lembra ainda de mim?

MESTRE Por que me distraí? Por que deixei o menino sozinho? Por que meu coração não me avisou?, pergunta-se a mãe.

MÃE Longe, depois da Serra da Mantiqueira, bem entrado nas terras de Minas eu vivia, viúva de Cirilo, um homem bom que morreu cedo. Me mantinha do trabalho na terra e da ajuda alheia. Cuidando da roça, descuidei do menino. Foi um minuto, não mais que dois, com certeza. Sumiu. Está brincando por aí, o coração me tranqüilizou com essa mentira. Tinha sete anos.

MESTRE Enlouqueceu com a verdade: ladrões o levaram.

MÃE Bati estradas, vim no rastro, enlouquecendo aos poucos em cada cidade cheia de estranhos e vazia de meu filho. “Desceu a Mantiqueira.” “Lá vai indo no rumo de São Paulo”, “Corre, que de lá pode ir para o estrangeiro”, disseram. Eu vim atrás, há dois anos procuro. Dói. Dói de querer morrer, mas não morro! Vou achar meu menino e mais do que nunca vou viver. Estou aqui. (CORRE EM DIREÇÃO AO BARCO)

BARQUEIRO Onde pensa que vai?

MÃE Vou onde você pensa que vai me impedir. (RI E AGILMENTE SOBE E SENTA-SE NO BARCO) Vai dar menos trabalho você me levar do que me tirar daqui. (BARQUEIRO RI)

BARQUEIRO Ela é louca mas não é burra!

MÃE Se fosse burra já tava morta, uai! E não devo de morrer antes de achar quem eu procuro.

VIAJANTE Um marido?

MÃE (COM UM GESTO DE DESPREZO) Marido eu acho de cacho! Tudo vistoso, tudo maduro, tudo prontinho pra casar!

VIAJANTE E você não pega um?

MÃE Apodrece logo, meu filho! Ô, fruta que não dura é marido! (VIAJANTE E BARQUEIRO RIEM. SUBITAMENTE A MÃE LEVANTA-SE E APONTA AO LONGE) Que aves são aquelas?

BARQUEIRO São garças. Não tem lá em cima da serra?

VIAJANTE O barqueiro aqui tá querendo casar, dona! Dona? (MÃE NÃO RESPONDE. ESTÁ FIXA AINDA NAS AVES)

BARQUEIRO Deixe. Tá perdida nos pensamentos. Daqui a pouco lhe volta a alegria. Louco é assim.

VIAJANTE Penso, às vezes, que levam uma vida despreocupada. (BARQUEIRO REMA E CANTA BAIXINHO ENQUANTO MÃE FALA ÀS AVES)

MÃE Garças, foram dois, três, que levaram meu filho.

Voem, vasculhem a terra aí de cima

E procurem onde em não procurei.

Procurem nas estradas, caminhos, embarcações, cidades.

Tem nove anos agora,

É pequeno, magro, mas alegre e esperto.

Olhos pretos, cabelo ruim, mas é lindo!

Ele se chama Tiodor como meu pai se chamou um dia.

Voem, vasculhem antes que chegue a São Paulo

Onde tudo se perde.

Descubram meu filho antes que o levem para o estrangeiro

E eu não mais o alcance

Ou ele se esqueça de mim.

Garças brancas voem! Chô! Chô! (ATORES MIMAM SEGUIR O VÔO DAS "GARÇAS" QUE ASSUSTADAS DESCREVEM CÍRCULOS, PASSAM POR SUAS CABEÇAS E VOAM PARA LONGE)

VIAJANTE São lindas! É pura poesia o vôo branco delas contra o céu azul!

MÃE (LIMPANDO A TESTA) Quando não cagam na cabeça da gente! (OS DOIS HOMENS RIEM. BARQUEIRO REMA E COMEÇA CANTAR. VIAJANTE O INTERROMPE)

VIAJANTE Outro barco enfeitado. O senhor não me disse a razão de tantas flores. É festa?

BARQUEIRO É uma novena pela alma de um menino. Um fato triste que comoveu toda região. Aconteceu num dia frio de julho. Hoje faz dois anos.

Dois, talvez três homens, traziam consigo uma criança roubada. Vinham de longe, lá dos altos da Mantiqueira. A viagem e o frio maltrataram muito o pulmãozinho do inocente e ele tossia muito. Vai daí que aqueles homens aprenderam uma forma nova de maldade e largaram o menino na estrada. A gente boa desse lugar recolheu o menino, deu-lhe cuidados e perguntaram a origem.

"Vim dos altos da Mantiqueira, sou filho de Cirilo e vivia com minha mãe. Não queria vir, mas três homens me trouxeram. Onde está minha mãe? Minha mãe vem me buscar.", disse e muito mais não falou porque não durou muito, o pobrezinho. No lugar que morreu, às margens do Paraíba, ergueram um cruzeiro com o nome Tiodor para que a mãe, se viesse, pudesse reconhecer.

VIAJANTE Triste.

BARQUEIRO É a história que contam. Mas esse povo inventa muito. (SEM QUE OS DOIS PERCEBAM A MÃE DEPOIS DE TER OUVIDO TODA A HISTÓRIA SEM NENHUMA REAÇÃO COMEÇA A CHORAR COM UMA DOR MUDA) Chegamos. Podem desembarcar. (BARQUEIRO PULA NA MARGEM E SEGURA O BARCO. VIAJANTE DESCE.)

VIAJANTE Vou participar da novena.

BARQUEIRO Ei, doida! Chegamos. Vamos descer. Minha história a fez chorar.

VIAJANTE Dizem que os doidos tem hora que são muito sensíveis. (MÃE DESCE E COM O ROSTO SEMI ENCOBERTO INQUERE O BARQUEIRO)

MÃE Barqueiro, quando aconteceu essa história?

BARQUEIRO Faz dois anos. Morreu nesse mesmo dia de hoje.

MÃE Que idade tinha o menino?

BARQUEIRO Dizem que uns nove pra dez anos.

MÃE O nome?

BARQUEIRO Já disse.

MÃE Diz de novo.

BARQUEIRO Tiodor.

MÃE O pai?

BARQUEIRO Cirilo.

MÃE Como era o menino?

BARQUEIRO Miúdo, de olhos bem pretos. O cabelo era ruim

MÃE Mas ele era lindo! Acabou a procura.

BARQUEIRO Você é a mãe?

MÃE Não posso deixar de ser mãe mesmo sem meu filho. Amor de mãe só morre quando ela própria morre. (PEDE NUM FIO DE VOZ) Barqueiro, me leva pro rio. (BARQUEIRO A ABRAÇA. VIAJANTE CHORA.)

BARQUEIRO Vem. Ó, gente boa, me ajudem que sozinho não consigo carregar tanta dor! (A UM GESTO DO MESTRE OS OUTROS ATORES AJUDAM A AMPARAR A MÃE. FORMAM UM BOLO DE ABRAÇOS E MOVIMENTAM-SE LENTAMENTE ENQUANTO O MESTRE FALA.)

MESTRE Rezaram novena pelo descanso do menino e pelo consolo da mãe. Por aquela que enlouqueceu de dor com o desaparecimento do filho e recuperou a lucidez com uma dor maior ainda.

BARQUEIRO Não rezou, nem cantou na novena. Caiu ao chão por três vezes e chorou uma só vez, do começo ao fim da oração.

VIAJANTE Por dois anos aquela doida buscou o filho para só encontrá-lo depois que ele já tinha partido.

MÃE Buscar era o sentido da vida, o que fazer quando a busca perdeu o sentido?

ATORES Buscar! É preciso buscar.

MÃE Esperei contra toda esperança. Agora quero descanso. Pára, meu coração! Descansa no fundo do rio e eu toda seja só lembrança.

ATORES Buscar! É preciso buscar.

MÃE Voltar à loucura? Uma loucura maior de buscar sem nenhum sentido? (OS ATORES NÃO SABEM O QUE RESPONDER. ALGUNS VIRAM O ROSTO, OUTROS NÃO CONTÉM A EMOÇÃO. DO MEIO DELES VEM UMA VOZ)

VOZ Buscar um sentido!

MÃE Quem falou? É a voz do meu filho!

VOZ Buscar sempre um novo sentido! (UM ATOR MANIPULA UM ESTANDARTE TODO BRANCO PRESO A UMA VARA QUE COBRE POR INSTANTES O GRUPO DE ATORES. O ESTANDARTE SE DESLOCA COM UM ATOR ATRÁS DELE. A MÃE SEGUE O MOVIMENTO DO ESTANDARTE.

MÃE É meu filho! É meu menino que encontrei?

VOZ (ATRÁS DO ESTANDARTE) É minha mãe? Veio me buscar? (MÃE VAI EM DIREÇÃO AO ESTANDARTE MAS O ATOR QUE O MANIPULA O MOVIMENTA PELO AR, SEGUIDO PELO OLHAR DA MÃE. LOGO O ESTANDARTE É RECOLHIDO. A MÃE PARA CONFUSA. O ATOR MANIPULA DE NOVO O ESTANDARTE NO OUTRO EXTREMO DA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO.

ATOR/VOZ Buscar um sentido! (MÃE FAZ MENÇÃO DE IR EM DIREÇÃO AO ESTANDARTE MAS ELE É RECOLHIDO. MÃE AJOELHA E SENTA-SE SOBRE OS CALCANHARES PERMANECENDO QUIETA)

ATOR/VOZ Dizem que ela enlouqueceu de novo, de loucura definitiva.

MESTRE Dizem que via o filho na luz tênue da lua, no vento invisível que traz e que leva a chuva.

ATOR/VOZ Via o filho nas pedras, nas plantas, em tudo que é vivo e não é. No homem, no mundo.

MESTRE Dizem que amou o mundo. Dizem que sua loucura encontrou esse sentido. Mas esse povo inventa muito. (A UM GESTO DO MESTRE INICIA-SE MÚSICA. A MÃE, AJUDADA PELOS ATORES RETOMA A PERSONAGEM DA MULHER DESMEMORIADA. LOGO ENTRA NA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO THEÓRFO)

THEÓRFO Dona, a senhora é a Mãe? Ou não é? É alguma mulher dessas histórias? Ou não é? A senhora lembra? (MULHER OLHA EM VOLTA COMO SE ACORDASSE DE UM SONHO)

MULHER Muito diferente daqueles tempos.

THEÓRFO Que tempos, dona!

MULHER O lugar é esse mas a árvore não é mais a mesma.

THEÓRFO Que árvore, dona? A senhora tá me assustando!

MULHER Quantas coisas meus olhos viram daqui, de debaixo dessa árvore. Quanto vento frio engrossou minha pele! Quantos anos até aquela tarde de verão. O sol se pôs que era uma lindeza e tive um estremecimento e a certeza que era meu último sol. A noite chegou e meu velho coração badalou como sino. Pela última vez.

MESTRE Certifico que as folhas 139, do livro número C-13, de registro de óbitos, foi lavrado hoje o assento de Maria “Do Saco”, falecida a nove de fevereiro de mil novecentos e sessenta e quatro, às vinte e trinta horas, na Estrada do Jaguari, neste Subdistrito. Morte por causa indeterminada, sem assistência médica, sem sinal de violência.

MULHER Cor parda, estado civil ignorado, natural de lugar ignorado, com aproximadamente oitenta anos, filha de pais ignorados.

THEÓRFO Estado de São Paulo, Comarca de São José dos Campos, Município de São José dos Campos, Distrito de São José dos Campos. (OLHA LENTAMENTE PARA A MULHER, ASSUSTADÍSSIMO, RECUPERANDO O PERSONAGEM.) Dona, a senhora é...? (ATORES, UM A UM ENTRAM NA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO. PEDEM À MULHER QUE NÃO VÊEM)

ATOR Maria Peregrina, me ajude a arranjar um emprego. Por favor, me ajude. Volto pra agradecer assim que conseguir.

ATRIZ Maria Peregrina, faça minha filha afastar do noivo dela. Ajuda para que ela enjoa dele.

ATOR Dona Maria Peregrina, faz a mãe da minha noiva parar de se meter na nossa vida.

ATRIZ Maria Peregrina, faz minhas regras descer. Eu ia pedir pra Nossa Senhora em Aparecida mas andei pecando muito e é capaz de ela não me atender. Peço prá senhora pedir prá ela pra ela pedir pra Deus.

ATOR Desculpe por estar trazendo problema e obrigado por me atolar. Minha doença é muito grave, o médico disse.

MULHER As pessoas mudaram, as casas mudaram. Não mudou a fé, nem a esperança além de qualquer esperança. Deus abençoe todos vocês.

MESTRE Nunca se soube a história de Maria Peregrina. Pode ser qualquer uma que lhe dê sentido. Porque isso é o homem: continuar buscando mesmo quando a busca perdeu o sentido. Obrigado por esse encontro. Boa noite. (A UM GESTO DO MESTRE A MÚSICA DE FOLIA DE REIS INICIA. ANTES QUE OS ATORES CANTEM, THEÓRFO AINDA PARALISADO PELO SUSTO ROMPE A IMOBILIDADE.)

THEÓRFO Eu... o tempo inteiro falando como a alma de Maria Peregrina! Já que assim foi, que seja assim: Dona eu preciso fazer um pedido... (ATORES CANTAM E DANÇAM ENVOLVENDO MARIA PEREGRINA IMPEDINDO QUE THEÓRFO FAÇA O PEDIDO)

Fonte: ABREU, Luis Alberto. Maria Peregrina. Disponível em <http://www.teatrodacidade.hpg.ig.com.br/texto.htm>. Acesso de 22 de agosto de 2008.

Transição: Christina Hernandez (entrevista realizada em 21/07/2010)

CHRISTINA: Então, meu nome é Christina. Eu sou escritora. Atualmente adoto o nome de Christina Hernandez pela questão de ser escritora. Mas o meu nome de nascimento é Christina Nancy Camargo Hernandez. Nogueira Camargo, é até o nome do meu marido. Então eu morei em Santana desde os três anos de idade, vindo de Minas Gerais, minha família era muito grande. Meu pai sempre foi comerciante, e gente mora lá. Então, tem a Igreja Matriz de Santana, na frente da Igreja Matriz abriram uma rua. Você conhece Santana?

NARA: Conheço

C: Então, naquela rua tinha uma casa antiga na frente, grande. Do lado da casa uma igrejinha. Essas igrejinhas que as pessoas da roça constroem quando morre alguém. Põe uma cruz. Sabe essas coisas. Tinha uma igrejinha, uma capelinha daquela ali. E o fundo da minha casa era um cortiço. Antigamente isso era muito comum. Nos bairros, o cortiço atrás de casas. E do lado dessa minha casa onde tinha essa igrejinha, essa capelinha, ali tinha morrido alguém que era parente da dona da casa onde eu morava. E a Maria Peregrina, como ela ficava andando pela rua lá de Santana, é... ela muitas vezes à noite, ou mesmo durante o dia, ela ficava na capela. Ela ficava dentro daquela casinha lá, dormindo, e tal... E era uma mulher assim, lógico, eu era criança, claro que eu morria de medo dela, evidentemente. Porque além dela sempre estar... Ela nunca andava mal vestida, nunca. Ela sempre tava ou de chinelo ... raramente eu a via descalça. E com roupas simples, lógico, mas eu nunca vi ela assim, suja, e etc... E ela andava com as coisas dela, os pertences né? (2:00) algumas crianças chamavam ela de Maria do Saco, e tal. E a criança que morria de medo dela é lógico, até porque as mães faziam um terrorismo miserável em cima disso, sabe como é que é ?

Então a Maria Peregrina era uma negra, forte, gordinha, não era... não me lembro se ela era muito alta, mas acho que não, e uma pessoa que viveu muitos anos lá na estação. Como eu era criança, a sensação que a gente tinha de que ela não ia morrer nunca. Porque toda vez que a gente via ela. Até que um época ela sumiu, desapareceu. Não me lembro com que idade eu estava, e ela desapareceu.

Tem um livro que fala muito bem da vida dela. Eu não sei se a biblioteca municipal tem. Chama Maria Peregrina. É um livro mesmo, conta toda a história dela, não sei se você tem?

N: É um livro preto, pequenininho?

C: Não sei se ele é preto. Mas ele conta passagens bem interessantes da vida dela. Eu tenho um conhecido que é o Cristóvão da Editora JAC editora. Não sei se eu tenho o telefone dele aqui. Eu tinha. Nossa menina esse caderno (a depoente folheia uma agenda, a procura do número) 3:13.

Então, o Cristóvão, numa exposição que eu fui, de livros, através da editora dele. Ele tinha um livrinho, mais ou menos desse tamanho, com uma capa

creminha, escrito Maria Peregrina. E tinha umas histórias bem interessantes sobre ela, inclusive, ela ter morado um tempo na fazenda dos Veneziani lá em Santana. Não sei se você já ouvi essa história.

N: Que ela morada debaixo de uma árvore...

C: De uma árvore, que a família queria que ela morasse numa casinha que tinha lá na... na cocheira. Que tinha uma casinha na cocheira, mas ela queria (inteligível 3:57) então ela morava debaixo das árvores. E a família permitia isso. E tem outras passagens que eu vi nesse livro.

Mas assim, o que é legal, é o que o mito provoca, né. Porque os adultos tinham um bom relacionamento com ela. Eu me lembro, a minha mãe, conversando com ela... a minha avó, dando comida... tendo um relacionamento assim, sem preconceito com a Maria Peregrina.

Então, tinha algumas casas que ela já batia mesmo, porque ela já sabia que as pessoas já estavam acostumadas a dar comida, a dar leite, enfim...

Então, assim, a sensação que eu tinha dela é de que ela era uma mulher muito boa. Ela punha medo nas crianças né, até porque a molecada enchia a paciência. Sabe como é moleque...

N: Terrível

C: Pois é. Mas ela, tenho a certeza que ela era uma mulher muito boa, que tinha uma alma boa. Tem histórias que contam, que eu também não sei se é verdade, porque eu nunca conversei com ela. Talvez... até seria interessante. Deixa eu ver se eu tenho... Minha mãe ela teve um contato maior com a Maria Peregrina, talvez a minha mãe pudesse te contar algumas coisas a mais. Posso até ver com ela se ela tem alguma coisa interessante pra gente estar falando.

Eu só sei que agora, depois que ela morreu, ela foi enterrada em Santana. Você já foi lá?

N: já

C: No túmulo dela?

N: já

C: E o túmulo dela é interessante porque, tão logo ela morreu as pessoas começaram a ir, a visitar. Até porque o túmulo dela ficava sem nada. Chegava Finados, aquele túmulo... As pessoas então começaram a por flores pra ela, aquelas coisas que a gente faz nessa ocasiões. E aí de repente começaram a dizer que ela tinha feito milagre. Que ela tinha feito alguém sarar, essas coisas da credence, mas que acabam virando verdade. E hoje é ela é tida como uma mila... uma santa. Tipo assim o Padre Rodolfo. E o Túmulo dela, no Finados, se você for lá em Finados é o túmulo mais enfeitado, que tem mais gente, que tem mais velas, olha, é impressionante.

Então assim, o que as mudanças no comportamento, na forma de você enxergar o outro vai se transformando na medida que as coisas vão passando. Como a população tem necessidade de encontrar um salvador da Pátria, e a Maria Peregrina acabou sendo. Até pela história, pelo sofrimento...ela era uma

pessoa muito... Eu nunca vi ela reclamando, falando palavrão, xingando, nada. Ela era uma pessoa que... ela só brigava com os meninos. Mas mesmo assim ela não falava palavrão. Não me lembro, na minha infância, dela falar palavrão. Então ela era uma pessoa muito... é... muito... como é que a gente fala... aceitava muito a situação que ela estava vivendo. Porque muita gente ofereceu pra ela sair da rua. Muita gente. –“Ah! Olha, vem morar aqui. Eu tenho um quarto no fundo, você pode morar aí. Não precisa pagar”. Mas ela nunca aceitou. Ela... ela preferiu realmente... eu não vou dizer que foi opção, porque é difícil dizer que uma pessoa fez opção por morar na rua. Mas por algum motivo, que eu não sei qual foi, ela não quis, ela ficou na rua mesmo. E morreu mesmo, na rua.

Então, quantas histórias, quantos mistérios que essa mulher não devia ter e que não se descobriu, porque, aparentemente ela era uma pessoa sozinha. Tem a história de que ela era casada. Não sei de onde ela veio. De repente, ela teve um filho que acabou morrendo. E aí, ela desiludida, sozinha ... tudo. Isso é história que contavam antigamente, não sei se você já ouviu isso. Ela então abandona tudo e vai morar na rua. Então, essa é uma história que se conta. Porque eu também não sei se é verdadeira. Mas é uma história que se conta do início dela.

N: Então, na verdade existem várias versões né? Existem algumas histórias, inclusive, que ela teria vindo de Minas Gerais. Alguns falam que, na verdade, ela tinha sido punida por Deus por ter desrespeitado a mãe. E por causa disso acabou virando mendiga.

C: As histórias vão sendo construídas. Por isso que o imaginário coletivo é algo extraordinário. Por que o imaginário cria aquilo que quer, e ele se torna verdade. Porque na medida em que você divulga, ela começa a ser uma verdade. Então dela, da Maria Peregrina, tem muitas histórias. E todas elas, verdades... porque... ela fica no imaginário das pessoas como algo que... Aquela coisa: Será? E no “será”, nunca se descobre a verdade.

Mas o que a gente, o que eu tenho de lembrança dela é... pena que a gente não tem... porque na época não se tinha essa coisa de fazer registro histórico. Essa coisa de fazer registro histórico da população estar mais voltada... isso é coisa de pouco tempo, de uns sei lá, 50 anos. É muito novo. Mas só que se registrava as coisas que eles consideravam realmente importantes. Como também tinha em Santana, que ninguém conhece, mas que eu conheci, coitado, ele tinha até um apelido feio, ele chamava Zé Pupu, não se você já ouviu falar. Pois é, ele também era da minha infância. Ele também... só que ele não era morador de rua. Ele tinha família. Mas ele era um homem que tinha, provavelmente, um retardo mental e ele era gago. Muito gago. Só que ele era um cara mais azucrinado. Entendeu, enquanto a Maria Peregrina era uma mulher tranqüila, que não mexia com ninguém. Ela passava por você, cumprimentava – “Bom dia!”. Se tinha crianças brincando ela falava “-Oi criançada”. Então era uma pessoa sociável. O Zé Pupu não. O Zé Pupu

passava por você, te empurrava, jogava pedra e tal, a molecada saia correndo atrás dele... era um personagem, e ele desapareceu. E a Maria Peregrina não. O pessoal que morou mesmo em Santana naquela época do Zé Pupu, que sabe dele, mas ele tinha família, não era morador de rua. Mas a Maria Peregrina não. Até porque pela história de ser moradora de rua, mulher. A naquela época não morava na rua, nossa, não me lembro, de forma alguma. Moradora ainda de rua era muito difícil. Então ela marcou muito por isso também. Pelas peculiaridades, mulher, moradora de rua. Ser uma pessoa diferenciada no sentido de não ser uma pessoa vulgar, mal educada. Ela não era mesmo...

N: E na comunidade ela tinha um bom relacionamento

C: Tinha

N: Você disse até ofereciam lugares pra ela morar...

C: Tinha, os adultos. Quem tinha medo dela era a criançada. Mas os adultos não tinham. Eu me lembro dela batendo na minha casa, pedindo comida, minha mãe dava, roupa. Ela tinha... é isso aí... pessoas que já davam, ela passava só naquelas casas. E várias pessoas ofereceram pra ela, mas ela não, ela não quis, ela ficou na rua. E gente... eu me lembro, que as pessoas... os adultos não entendiam porque que ela não queria, preferia ficar na rua, se tinha possibilidade, até os Veneziani, poxa, ela podia ter morado na casinha. Ou invés de ficar debaixo da árvore, a casinha ficava à 100 metros da árvore. Mas não, ela preferia ficar na árvore. Então, até pode se pensar, se você pensar do ponto de vista da psicanálise, né, que punição é essa que ela se inflin... se deu. Que ela não pôde quebrar, ela teve que levar até morte. Que será que houve na vida dela, que ela não pôde se perdoar. Porque o perdão primeiro tem que ser seu pra você mesma, pra depois você poder se abrir pra outras coisas do mundo. E assim, ela não foi capaz de se perdoar. Ela teve que ter essa punição. Ou não, ou de repente, a vida na rua dava à ela uma liberdade que outro lugar não ia dar, então, não se sabe. Mas assim, o que a gente sabe é que era uma mulher que não oferecia risco algum, que era uma pessoa educada, nossa, nunca... nunca se ouvi nada assim da Maria Peregrina ter se envolvido numa confusão, nunca... entende? E o Zé Pupu que era da mesma época, virava e mexia, a gente via a molecada correndo, porque estava ele jogando pedra. Então assim, ela não era isso, não era assim, as pessoas respeitavam. E enfim, eu acho que são histórias... são... situações que as pessoas vivem na vida, e que às vezes, aparentemente não tem explicação. Pra você ver... não sei se é escolha ou se é... o que que é. Mas no caso dela foi, é uma história muito bonita. Pena que não tem muito mais coisa dela. Talvez fosse interessante, eu acredito que em Santana, devam ter ainda morando lá algumas pessoas mais velhas, mas seriam pessoas que hoje estariam lá com seus 80 e poucos anos. Ou então pessoas da minha idade, mas que tinham... porque como o meu pai era comerciante, convergiam para minha casa muita gente. Muita gente batia lá, quando morria alguém muito

pobre batiam lá pro meu pai, por meu pai doar terno. Porque antigamente o defunto era enterrado com terno e gravata, o homem, sapato e meia.

N: Nossa

C: É, pois é... Então meu pai é que acabava doando as roupas pros caras que morriam. E a Maria Peregrina ia muito lá porque a gente nunca, meu pai e minha mãe nunca mostraram “- Não! Vai embora!” ou “Não quero você aqui!”. Não. Então, não sei se por causa disso. Ela tinha um bom relacionamento com a minha mãe, e a minha mãe, sem problemas. A com gente também, apesar do medão, ela não tinha, sempre foi extremamente assim, na dela, tal... enfim, mas eu não sei se alguém teria algum documento, foto. Não sei se alguém chegou a tirar, não sei. Talvez a família Veneziani tivesse alguma coisa pra te mostrar. Tem um dentista em Santana, o Luiz Carlos Veneziani, não se você já ouviu falar dele.

N: Não. Não conheço.

C: Se não me falha a memória, ele ainda tem consultório na rua Carlos Domingos de Souza (? 15:31) em Santana. Esse dentista, eu acho que foi na fazenda, eu acho que do pai dele. Proque ele é mais velho do que eu, deve estar com seus quarenta e poucos anos. Acho que na casa do pai, do tio, ou algum parente dele que a Maria Peregrina ficava. Acho interessante você conversar com ele, ver o que ele tem, se tem alguma coisa, alguma história. De repente ele tem uma visão muito diferente da que eu tenho dela. Porque, com a minha família e com os contatos que ela tinha com a minha mãe, eram contatos super... normal, de uma pessoa pobre, que vai na sua casa, mas que não te perturba. Que pega, e tal, mas que não te perturba. Talvez quem sabe, outras pessoas que talvez a tenham conhecido mais próximo, ou fossem um pouco mais velho, porque eu era muito, muito jovem na época, possam ter um outro olhar sobre ela. Pode ser isso.

N: Bem, a minha idéia é justamente essa. É, eu pegar e contrastar os olhares que as pessoas tem sobre ela.

C: Ah! Isso é fantástico.

N: Exatamente porque falta dado histórico, então a gente não sabe, então cada um cria a sua imagem dela.

C: Claro, é evidente. Então talvez a família Veneziani possa te ajudar muito nisso.

N: Veneziani

C: Porque ela morou lá na fazenda. E, quem mais... é que as pessoas da época que poderiam te ajudar... quem também conhecia muito ela, mas já faleceu, que é o xerife de Santana era o... Ai, Meu Deus do céu, esqueci, se ele tiver me ouvindo tô perdida... é o Monsenhor Luiz, que era um padre.

Terrível, Deus me livre e guarde...

Então esse padre conheceu muito a Maria Peregrina, mas ele já faleceu faz tempo, porque na época ele já era um homem de, sei lá, 50 anos, ele tinha... hã, não sei... Então ele é um homem que conhecia muito. Mas com certeza tem

gente antiga lá em Santana que conheceu ela... Ali em cima, no Alto da Ponte... Mas a família Veneziani acho que seria bem legal você ir atrás . Outra família talvez tivesse algum conhecimento da Maria Peregrina é a Família Bertolini, que também se não me falha a memória acho que ainda tem gente em Santana da família Bertolini, que também eram fazendeiros...entendeu? Quem mais, talvez...

Talvez, quem saiba alguma coisa... posso até ver com a mãe de uma amiga minha, a Dona (Floripedes 18:34), que ela também morou em Santana muitos anos... eu posso ver com ela, se ela conheceu alguma coisa, porque a família dela também tinha fazenda. E a Maria Peregrina muitas vezes pra dormir ela saia...

N: Então, quer dizer que não era comum ter mendigos pela cidade? Mas só em Santana, ou na cidade de um modo geral?

C: Então eu era muito criança, eu comecei a conhecer São José mesmo depois que eu saí de Santana do Maria Luiza, porque até a oitava série, que hoje não chama assim, oitava série; e o ensino médio eu fiz em Santana. Depois eu vim fazer o colegial porque no Maria Luiza não tinha é que eu fui pro João Cursino. Então eu devia estar com, quando eu fiz o primeiro colegial eu devia ter uns 13 anos, é, eu acho que sim. Foi aí que eu fui conhecer pouco mais a cidade, o centro né? Porque, como eu era muito nova, a gente não tinha esse negócio de criança pequena sair sozinha como hoje, que a criançada de 12 anos... não não era assim. Então o meu habitat era Santana. Então eu ia pra escola, eu ia pra casa das amigas que moravam ali, era restrito ao bairro. Eram poucos as ocasiões que eu vinha, por exemplo, no cinema à noite. À noite, eu era muito nova. Era matinê, mas mesmo assim era no Cine Palácio. Era uma coisa meio que... de vez em quando ainda....

Então quando eu vim estudar no João Cursino é que eu comecei a ter acesso pra vir pra cá, né, pro Centro. Mas como eu não convivia assim no Centro, não saia então eu... eu realmente não tenho lembrança que tivesse mendigo na rua. Eu comecei a ver pessoas na rua, mas aí depois na minha fase mais adultas, nos meus vinte e poucos anos. Mas talvez porque eu fiz Serviço Social, e aí obviamente esse era um foco do Serviço Social, de ir atrás, ajudar... Talvez por isso eu tenha começado a perceber. Mas na minha lembrança não se tinha, não se via morador de rua, não se via. A Maria... tanto que Maria Peregrina tornou-se uma pessoa de destaque e hoje tão cultuada porque ela era uma raridade, pra época. Pelo menos é assim que eu vejo. Eu não me lembro. Passavam sim muitas pessoas, mas eram pessoas que vinham de fora, principalmente de Minas. Então passavam por Santana. Por algum motivo, sei lá, não se adaptava e ia embora, voltava pra Minas e tal. Mas de morar na rua eu não me lembro disso nessa época, não sei mesmo, não me lembro.

N: E Santana era onde vinha muita gente de Minas mesmo, inclusive pra ficar, pra morar...

C: Até hoje. Santana é considerado, em São José, o bairro mineiro de São José dos Campos e é uma verdade. Não sei quantos habitantes tem em Santana, mas na minha época de infância setenta por cento da população de Santana era mineira. Eram famílias que tinham vindo de Minas, se constituíram aqui em São José dos Campos. Era um número muito grande. Muito grande mesmo. Eu não sei se essa proporção hoje se mantém. Mas que ainda é um bairro constituído, da maioria, de mineiros é...

N: E também era um bairro essencialmente católico.

C: Católico. Demais. Tanto que tinha o Xerife (inteligível 22:14) que era o padre Monsenhor Luiz, que era terrível, ele chegava ao ponto da gente ir na missa, quando eu estava com uns doze ou treze anos, enfim... E aí, por exemplo, se a gente ia com uma blusa do jeito da sua, decotadinha, de manguinha assim, ele, na hora de fazer o discurso lá dele, como é que chama aquilo lá? É...

N: Homilia?

C: É... que o padre... você é católica?

N: Sou

C: Desculpa, não tenho nada contra

N: Imagina

C: (Risos) Ai, ai.. Então, quando ele ia lá pra falar, para fazer as pregações dele e tal, se você estivesse lá no fundo, com essa roupa ele falava: “- Oh! Fulana, filha de fulano e siclano, vai na sua casa, troca de blusa e volta pra cá. E aí se você não voltasse pra missa. Na outra semana quando você ia pra missa ele falava, ou se visse sua mãe na reza ou na igreja ele falava “-Olha, sua filha esteve aqui na igreja, eu mandei pra casa trocar de blusa e ela não voltou”. Ele era assim.

N: Nossa.

C: Era terrível. Então...todo mundo morria de medo dele. E obviamente todo mundo ia na missa das 10:00 levar as crianças, os adolescentes. Depois as mães iam na missa das 7:00. Não sei quem na missa não sei das quantas... porque ele cobrava e vinha atrás, e Santana era muito pequena e ele conhecia todo mundo sozinho. Ele então era o típico xerife mesmo. Todos os problemas a população levava pra ele e ele ajudava a resolver. Se não fosse atrás dele pra pedir ajuda ele ia na casa da pessoa. Então ele era um padre que, não sei se ainda existe padre assim. Depois ele foi subindo na escala, quando ele morreu ele é Monsenhor. Não quanto que ele subiu, mas eu sei que ele era Monsenhor. Mas assim, era um cara bom. Era um padre. Mas ele era, ai meu Deus, falava de todo mundo, lá na hora de fazer o negócio, falava da filha de fulano, Ah meu Deus, era muito engraçado. Hoje a gente acha engraçado, mas na época a gente tinha vontade de matar ele, mas... na época a gente falava porque que esse padre tem que falar mal de todo mundo, enfim...

N: E Santana ainda é um lugar muito tradicional, né?

C: Muito

N: A gente vê pelo jeito das pessoas, pela roupa.

C: É tradicional, é um bairro extremamente católico, preconceituoso como todo mineiro. Desconfiado, as pessoas são desconfiadas com qualquer pessoa nova que chega. Só um minutinho que eu estou achando que não tem ninguém na recepção.

N: Tudo bem. (A entrevistada sai da sala)

C: Além de extremamente conservador, é aquela moral também um pouco, como que eu vou dizer, hipócrita né? Eles eram extremamente moralistas, mas a gente sabia de um monte de rolo, da mulherada, dos homens principalmente. Porque a mulher começou a liberar geral a menos tempo. A mulher depois daquele movimento feminista é que ela começou a liberar algumas coisas. Porque antes a mulher era mais recatada era, como é que eu vou dizer... enfim, mais na dela. Então, mas a gente sabia de algumas histórias lá das famílias, dos maridos, enfim... mas o mineiro é assim, né? São pessoas extremamente tradicionais, extremamente sérias, que preservam muito a família, o casamento, que normalmente o casal mineiro é muito fiel um ao outro. A maioria dos casais que eu conheci na época das minhas amigas, a maioria permaneceu junto até morrer um ou outro, quando não teve essa história de trair ou separar. Isso é uma característica do mineiro. Não se se atualmente, com essa miscigenação, as coisas vão mudando. E as coisas vão mudando também do ponto de vista dos relacionamentos. Mas na época era assim.

E é até interessante porque apesar de ser uma população mineira eles tinham um olhar bastante, de respeito mesmo, pela Maria Peregrina. Que não deveriam ter.

(Aqui termina a entrevista)

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA
UNIVAP

CERTIFICADO

Certificamos que o Protocolo n.º H04/CEP/2011, sobre *“Maria Peregrina: uma perspectiva histórica da construção do mito”*, sob a responsabilidade da pesquisadora Valéria Zanetti de Almeida, está de acordo com os Princípios Éticos segundo as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, conforme Resolução n.º 196/96 do Conselho Nacional de Saúde sendo considerado **aprovado** por esta Comissão de Ética em Pesquisa.

Este projeto de pesquisa utiliza da metodologia adequada para alcançar os seus objetivos dentre os quais entender o processo histórico de construção do “mito” Maria Peregrina, o qual se justifica para a compreensão da ocorrência de devoções a santos “não-oficiais” na cidade de São José dos Campos.

São José dos Campos, 27 de janeiro de 2011.



PROF. DR. MÁRIO DE OLIVEIRA LIMA
Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa
Universidade do Vale do Paraíba



Documento 15

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Documento que atesta a concordância do sujeito de pesquisa em conceder seu
depoimento)

Declaro, por meio deste termo, que concordo em ser entrevistado(a) para colaborar com a pesquisa intitulado(a)

Minha pesquisa a perspectiva histórica da
constituição de um mito em São José dos Campos (1930-60)
desenvolvida por Mara Rúka Martins, coordenada/orientada por
Prof.ª Dr.ª Valéria Zoratti,
a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº
35 30130 ou e-mail maras.mr@ufscar.br

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é

compreender, de parte de uma história a duração
de Maria Regina

Estou ciente que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, estabelecidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Minha colaboração se fará por meio de entrevista a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicado(a), poderei contatar o(a) pesquisador(a) responsável ou seus orientadores.

Terei uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo/pesquisa/ programa a qualquer momento sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

São José dos Campos, 30 de agosto de 2011

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

Assinatura do(a) coordenador(a)/orientador(a): _____

Documento 16

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DA ENTREVISTA
(ASSINADO PELO SUJEITO DA PESQUISA)**

Eu, Christina Nancy Camargo Hemonais, Carteira de
Identidade 6047496-8, declaro por meio deste termo que autorizo:

- ~~Inte~~gra, o uso das informações por mim oferecidas por meio de entrevista
() com ressalvas, o uso das informações por mim oferecidas por meio de entrevista.

Modificações a serem feitas:

Estou ciente de que terei uma cópia assinada deste Termo.

São José dos Campos, 10 de agosto de 2011.

Assinatura do Sujeito da Pesquisa:

Assinatura do(a) pesquisador(a):

Assinatura do(a) coordenador(a) ou orientador(a):